MAW.

[illegible]

[illegible]

[illegible]
[illegible]

[illegible]

« Vão os anos descendo . . .

. . . .

A fortuna me faz o engenho frio

. . . .

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento . . . . »

Camões : Lusíadas : X, 9.

I

«E querovos dizer a maneira deste feito, segundo meu entender.»
Cronica Geral de Espanha de 1344, ed. de 1951 da Academia Portuguesa da História, cap. 186.

«... a dita história se passou pouco mais ou menos — quero dizer, sem tirar nem pôr — da forma seguinte: ...»
Cavalhº de Oliveira: *Cartas*, carta 25ª da ed. Sá da Costa.

O dia seguinte ... foi um dia agreste, a anunciar o Inverno. Fui cedo para o quartel não sei já porquê; a certa altura apareceu-me lá o alferes do Quadro Auxiliar António Agostinho com ares de apressado ou esbaforido que me disse à queima-roupa:

— Meu major, venha depressa ao Quartel General...

0-1

Perante o meu franzir de sobrancelhas interrogativo, acrescentou:

— O sr. Coronel Gomes quer falar-lhe... Tenho ali um carro...

No caminho, aos poucos, explicou-me: um comboio com tropas da Junta do Porto q. estiveram no cerco a Santarem, comandadas pelo cor.el Artur da Silva Ramos, um dos chefes da Junta e, por consequencia, membro do Governo Provisorio da Monarquia, vinha a caminho de Coimbra não se sabia com que intenções. O cor.el Gomes que estava a comandar a Divisão (porque o General ~~adoe~~ ~~cêra~~) queria reunir duas companhias de Infantaria e posta-las nos altos chamados da Forca, junto ao Cemiterio da Conchada, para se oporem á possivel entrada na cidade daquelas forças suspeitas e queria que eu ~~os~~ fosse dirigir a operação.

Ao ouvir o alferes dizia p. comigo:

— Não ha duvida... para as espigas cá estou eu...

No Quartel-Gen.al o bom do coronel Francisco Gomes, muito abatido e apreensivo, expôz-me o caso e queria que eu fosse comandar as duas companhias.

Trocámos impressões. Eu, ha muito fóra de tropas, sem todavia me recusar á diligencia, mostrei apenas certas duvidas acerca da eficácia do meu comando. Estava, porem, presente o major Castilho Nobre, oficial de Infantaria com o curso do Estado-Maior e aviadôr que se apresentara fugido não me lembro de onde e se oferecia para qualquer missão; eu aproveitei a sua presença para o convidar a ir comigo — principalmente por causa das posições bastante altas sobre a Ponte das Aguas de Maias que implicávam dificuldades na boa aplicação dos fogos.

Ele aceitou com boa vontade e lá fomos para o Alto da Forca esperar pelas duas companhias.

Uma delas lembro-me de que era comandada pelo capitão Joaquim Gonçalves Mendes, bom oficial e bom amigo; a outra, não me recordo já de quem a comandava.

Chegadas as tropas, dispuseram-se convenientemente para baterem a estrada com vantagem; o Castilho Nobre fez-me observações acerca da eficácia de fogos que eu, com franqueza, recebi com agrado porque

era assunto que pouco conhecia. Os soldados tiveram que descer por isso um bocado bom na encosta m.to aspera, com o inconveniente de ficarem bastante a descoberto. Mas, enfim, foi o que melhor se conseguiu depois de rapido estudo de todo o terreno.

E ficámos á espéra...

O dia continuava fusco; havia certa neblina e por vêzes chuviscos; o ar era bastante agreste e naquele alto, tão exposto, era muito friór. Passado algum tempo, ouviu-se, para os lados da Benfica, um silvo de locomotiva e avistou-se uma colunasita de fumo por entre as arvores.

— La vem eles!

De facto, daí a pouco, surgiu do arvorêdo da margem esquerda o combóio, vagaroso, com ares de quem não vinha grande pressa. Quando entrou na ponte e eu vi que era muito extenso, confesso que senti certa emoção estranha; ia-me ver a braços, pela primeira vêz, com um dize-tu-direi-eu por meio de balazios...

Sera mêdo? Creio que não. O mêdo deve manifestar-se de outro modo; seria

antes a comoção da mocidade, dum espectáculo para mim inédito e bem contra os meus princípios e até contra as minhas aspirações.

Mas teria de ser. O comboio encheu a ponte e, cada vez mais devagar, entrou na estação e parou. Na cauda seguiam vários vagons com material de Artelharia, metralhadoras e viaturas.

Com o binoculo, que me lembrei de levar, vi que duma carruagem saíram oficiais que percorreram a composição de onde não vi sair soldados; mas notei que as nossas forças foram vistas e que alguns oficiais falavam com gestos largos e apontando-nos.

O que se passava? Formulámos várias hipoteses durante talvez mais de meia hora em que na estação se não via movim.to senão de oficiais; mas, ao mesmo tempo, pensávamos na possivel atitude do Grupo de Artelh.a do major Mont.o de Barros que, de S.ta Clara, nos poderia colocar entre dois fogos no caso das forças do comboio quererem desembarcar e entrar em Coimbra.

Medi a situação e devo aqui deixar dito que a medi com serenidade — o que ainda hoje me satisfaz. Seria um combate in-

glorio e . . . estupido, mas o meu estado de espirito era bom para uma estreia e no-tei que, quer o Castilho Nobre, quer o Joaq.^m Mendes ou os outros (de quem já me não lembro) estavam despreocupados como pes-soas vindas das trincheiras da Flandres para quem um caso destes não tinha importan-cia de qualquer ordem como aliás era bem natural.

Ao fim de cerca de uma hora, um Oficial veio dizer-me, em nome do Cor.^el Gomes que devia retirar a força das posições que ocu-pava e faze-la desaparecer das vistas dos ho-mens do comboio; parecia-lhe que não quereriam seguir para o Norte debaixo da nossa ameaça; e desde que nós recolhessemos eles seguiriam viagem.

Neste momento vimos manobras na estação; desligaram os vagões do material e meteram-nos em outra linha; concluí-mos que quereriam aligeirar o comboio que, na verdade, era excessivam.^te comprido.

No entretanto, bem á vista, os meus sol-dados subiram a encosta; fi-los reunir no caminho que contorna o cemitério; preveni os capitães de que deveriam formar no Largo

frontairo, já fóra das vistas dos viajantes, á espera de ordens; passei ligeira revista de modo a ser observado lá de baixo, da estação; e com Toques de corneta á frente, as duas companhias afastaram-se para o destino indicado.

Eu e o Castilho Nobre fingimos que se-tiravamos com as tropas mas mais adeante escondêmo-nos nuns arbustos e ficámos de observação. Na verdade, pouco depois, o comboio do pessoal deslisou linha fóra e passado um bocado seguiu o do material.

Um alivio!

Mandei telefonar para o Q.el General informando de que os homens retiraram e ao mesmo tempo recebi um bilhete que ainda conservo[1], assinado pelo capitão Azinhais, comand.te de uma diligencia do Regim.to de Infantaria n.º 5 que estava em Coimbra não sei já porquê, no qual me era comunicado que, por ordem do Cor.el Francisco Gomes deveria, com as forças do meu comando, retirar para o quartel da rua da Sofia onde ficaria esperando ordens.

---

[1] Na pasta já cit.a de recortes.

Mandei as duas comp.as para o quartel da Sofia (nesse tempo, se me não engano, de um Grupo de Administração Militar) e fui com o Castilho Nobre[1] ao Quartel General falar com o Cor.el Francisco Gomes.

Este então contou que os homens do comboio se indignáram quando viram as forças postadas na encosta da Conchada e lhe telefonáram um pouco destemperadamente; o coronel Gomes teve então a boa ideia de lhes mandar o Gomes de Sousa como parlamentario para os convencer a irem embora e nos deixarem em paz.

O Gomes de Sousa foi e devia ter sido diplomata se não foi velhaco; o que se passou entre este e os monarquicos não se soube mas o resultado foi o melhor possivel — tanto mais que em conversas ele confessou que a soldadesca do comboio vinha desmoralisada e quase insubordinada por falta de alimentação regular depois de dias invernosos sem alojamentos convenientes.

Lá foram para o Porto engrossar as fi-

---

(1) Este bom oficial morreu pouco depois, duma quéda de avião, em

leiras monarquicas; mas, em compensação, com moral muito baixo - o que, de certo, lhes não daria vantagens.

E eu fui para casa, extenuado, não fisicamente, mas pela tensão nervosa em que vivi naquelas horas. Se bem me lembro tive de mudar de farda e calçado porque ia molhado; e se me não engano almocei com relativo sossêgo.

Terminára o prologo da peça de grande espectaculo a que iria assistir e de que tambem iria ser actor embora estreante e por consequencia de classe ou categoria bastante inferior.

O dia 21 passou-se na espectativa... De quê?... Parece que andava tudo ás aranhas; as noticias eram contraditorias e falava-se da ida de tropas para Aveiro reforçar as da guarnição que não eram muitas.

A opinião republicana na cidade andava inquieta e na noite desse dia organizou-se na Baixa uma manifestação que subiu ao Quartel-General com a intenção de solicitar do Comando não só a soltura dos presos de 12 de Outubro como tambem

a boa escolha dos oficiais que deveriam comandar quaisquer daqueles reforços.

Disseram-me que um dos delegados da manifestação que subiram ao gabinete do Cor.el Francisco Gomes foi o advogado António Leitão (velho amigo e condiscípulo desde o Liceu) que, ao discursar, lembrou o meu nome como, naquela altura, um dos raros oficiais superiores dignos de confiança para tal missão.

E infelizmente para o regime, o Leitão falava verdade: poucos, no momento, poderiam inspirar confiança.

Creio, contudo, que não foi necessario ao Cor.el Gomes lembrar-lhe o meu nome; a essa hora já eu estava na Estação-Velha para seguir para Aveiro.

O bom Cor.el Francisco Gomes, nessa tarde do dia 21, mandára-me chamar. Ainda estava, interinamente a comandar a Divisão por motivo de doença verdadeira ou fingida do Gen.al Tamagnini. Fui, é claro, ao Quartel-General, a cogitar que mais uma vêz ia ser cravado...

O bom amigo, coitado, com ar de prealisado e muito abatido por excesso de trabalho e preocupações, disse-me que eu tinha

de ir comandar um comboio com tropas que se estava a organizar com a possivel rapidez, pois não só era necessario reforçar a frente do Vouga onde o Cor.el José Domingues Peres estava empenhado na possivel defesa, como tambem porque se esperava que viesse uma coluna realista, em automoveis, na direcção de Albergaria.

Exigia-se, pois, de mim, mais outra espiga e esta de maior vulto — alem de me parecer ainda tudo aquilo uma incognita. Eu continuava a perguntar aos meus botões se o exercito que não estava com a Junta se manteria dentro das normas legais, isto é, se acataria as ordens do Governo de Lisboa.

A Monarquia foi geralmente acatada no Norte e em Vizeu (e se me não engano em Lamego) as tropas fizeram mais ou menos causa comum. A situação tinha pois seus perigos — alem do perigo maior que era o da pouca confiança que nos merecia o Governo.

Enfim, não discuti com o bom Cor.el Gomes senão a minha insuficiencia de comando que, no relatorio depois entregue, quiz mencionar como esclarecimento para qual.

quer deslise que porventura cometesse. No entretanto, sentia que me caía em cima responsabilidade que (confesso) «sempre jul-"guei superior á minha competência profis-"sional e á minha saude» nessa altura um tanto ou quanto abalada ainda desde a grippe pneumonica de Outubro anterior que me mar con por algum tempo e me impunha certos cuidados.

Mas... acabou-se. Mostrei boa cára e prometi fazer o que podesse.

Tinha de levar um ajudante e, francamente com tão pouca gente de confiança, não sabia quem escolher. Os que me agradavam, e eram poucos, não podiam ir. Felizmente, andava no Quartel-General sem saber o que fazer, um rapaz alferes miliciano de Artelharia Carlos de Alfroim Castro Lopes, bacharel em Direito, que com o Castilho Nobre, fugira de qualquer prisão se me não engano a seguir à revolta de Santarem. Conversára muito com ele e simpatisei bastante com o seu ar desembaraçado; lembrei-me de o convidar, ele aceitou, o Coronel Gomes concordou e assim, sem querer, levei um ajudante distinto, condecorado com uma Cruz de Guerra.

Depois, recebidas as indicações do Comando e regularizadas as coisas familiares fui para a Estação-Velha esperar a organização do comboio e a chegada duma bataria de Artilharia que fôra mandada vir da Figueira.

E, já agora, enfim... sempre conto:

No Quartel-General fazia serviço, não sei por que bulas, o meu condiscípulo João Duarte Benfeito que, naquela movimentada quadra se mostrara demasiadamente sidonista, com tendencias monarquicas, e nas relações com oficiais presos desde 12 de Outubro foi um tanto ou quanto agreste.

O Benfeito era, no curso, considerado bom rapaz e todos nós o tinhamos por inofensivo; nada inteligente, sempre bem disposto, cavaqueador, tinha o condão de alegrar qualquer reunião de amigos, ou conhecidos, em que se encontrasse.

Ora aconteceu que, quando me despedi do Cor.el Gomes e fui a 1.ª Repartição receber a guia de marcha, foi o Benfeito que ma entregou com certo sorriso que poderia não ser intencional (e não deveria ser) mas que no estado de espirito em que eu estava me irritou repentinamente e ainda por ser a ordem

de marcha assinada por ele em nome do Chefe do Estado-Maior.

Tive um máu repente, confesso; rasgando a guia, atirei-lha á cara berrando:

— Só aceito guia assinada por alguem que tenha autorid.e para isso!

Fui, realmente, cruel e, dijo-o hoje sem relutancia, injusto. O pobre do Bemfeito sentou-se, pôz as mãos na cabeça e d'ai a pouco teve o que vulgarmente se chama um fanico... Levantou-se certo alarido, uns acudiram ao Bemfeito que estava sem sentidos; outros olhávam admirados para o escandalo; e eu safei-me e fui para a Estação-Velha ainda irritado e um tanto incomodado pelo aborrecimento que o caso daria ao Cor.el Gomes que era amigo do João Bemfeito.

As m.as relações com o Bemfeito foram sempre m.to amistosas; em 1903, em Outubro, salvo erro, numa passagem por Santarem, em passeio, comi um belo jantar em casa dos páis dele que viviam na Ribeira, junto ao Tejo, em belo predio antigo onde foi recebido com afavel e sincera hospitalidade. Passados m.to anos, em 1927,

numa reunião do curso, no Buçaco, diri-
gi-me a ele, como se nada tivesse havi-
do, dei-lhe um abraço apertado acompa-
nhado de palavras alegres.

Ele sensibilizou-se; não soube o que
dizer e p.ª corresponder á minha reconci-
liação sem reservas, só encontrou, na sua
atrapalhação, a pergunta feita com voz um
pouco trémula:

— Ouve cá... Como está teu Pai?...

Comovi-me também. Eu creio que ele
nunca teria falado com meu Pai.

E ficámos amigos como eramos.

Na estação dos Caminhos de Ferro en-
contrei, como delegado do Comando Mili-
tar, o Alexandre de Morais, creio que
ainda alferes. Ao ver-me chegar e ao cum-
primentar-me, largou-me com graça
certas considerações acerca dos altos e bai-
xos da Politica:

— Ora veja o meu major como são
as coisas, como os homens sobem e des-
cem... Ha dois dias V.Ex.ª era creatura per-
feita, na mó de baixo, com possibilidade,
dum momento para o outro ir parar a

uma cadeira... E hoje é Vcê. a pessoa em quem só se confia...

Este Alexandre de Morais, hoje Cripa-deiro graduado é m.to inteligente, muito desembaraçado e teve vida militar de certo relevo; é porem de caracter duvidoso, nunca se sabe bem o que ele é e o que pensa; e isso lhe custou, por vêzes, amargos de boca. Durante a permanencia em Coimbra, em tenente, foi negociante de moveis antigos, com loja na rua dos Coutinhos, salvo erro; e ficáram conhecidas algumas tranquibérnias em que se metêu mas de que soube sempre sair bem.

Era, e é, pessoa simpatica, muito bem educado, sabe lidar com toda a espécie de gente e hoje apregôa o seu bem estar de reformado com perto de uma duzia de netos que lhe encantam o carrinho para a velhice. E', porem, um grande gajo...

Na estação pareceu-me que os serviços andavam emperrados; a urgencia de mandar tropas para o Norte transformára-se em vapores; o Morais apertava (ou fingia apertar) com o pessoal; o pessoal andáva dum lado para o outro; e a noite

caiu e o comboio só com muito custo se formou.

Telefonei ao Cor.el Francisco Gomes, queixando-me; ele, coitado, não sabia que fazer, limitou-se a mandar novas ordens para os funcionários respectivos da Companhia solicitando urgência.

Nisto chegou a companhia de Infantaria n.º 23 comandada pelo tenente José Augusto da Cruz (não haveria capitão em condições?) constituída por dois pelotões.

Só muito tarde chegou da Figueira da Foz um pequeno comboio com uma ~~secção~~ de Artelh.ª de ~~tres~~ peças Krupp(1), das antigas de alma lisa, recentemente estriadas no nosso arsenal, comandada por um alferes do Quadro Auxiliar Rocha, ~~...~~ se a memória me não está a enganar.

Manobras para um lado, manobras para o outro, reunido o material todo e embarcado o pessoal, o comboio lá abalou, já por noite adeantada, a caminho de Aveiro.

Era este o reforço que se mandava para a linha do Vouga, debaixo da ameaça

---

(1) De 9 c. M.K.

duma marcha ofensiva das tropas monarquicas, de mais a mais com o destemido Paiva Conceiro á frente.

Mas era o que havia. Lá fomos andando, pelo escuro da noite, com paragens constantes e demoradas — até que chegámos a Aveiro quase de madrugada com frio e humidade intensos.

A' nossa espera, na estação, estava um oficial em nome do coronel José Domingues Peres para indicar os nossos destinos; as tropas foram aquarteladas e eu, c/o ajudante, seguimos num automovel para o quartel do regim.to de Infant.a n.º 24 onde me apresentei ao comandante.

Estava este, o cor.el José Domingues Peres embrulhado num capote, com ar de friorento e recebeu-me com cortezia; era homem baixo, seco, aspecto simpatico com olhar vivo; falava com facilid.e e correcção; e vi, pela maneira como me pôz ao corrente da situação e como deu com clareza a segurança as suas ordens, que era creatura para se impôr e para inspirar confiança. Fiquei com a melhor impressão; vinha, aliás, precedido da melhor fama pela for-

/

na como comandou em França a briga-
da formada pelos batalhões de Infantaria
nºs. 23, 24 e 28.

Disse-me ele que nas estradas Aveiro-
Angeja e Aveiro-Eixo já estavam duas
companhias de Inf.ª 24 com serviço de vi-
gilancia montado; que, com a do 23 que
viera no combóio estabelecesse uma reserva
de postos avançados e escolhesse posição con-
veniente para a secção de Artelharia poder
bater qualquer das estradas citadas; e ain-
da ordenou-me que seguisse para a Eso-
gueira, centro de convergencia das estradas
e que seria o ponto de apoio da defesa proxi-
ma da cidade de Aveiro.

Resumia-se nisto a defesa de Aveiro e
das comunicações para Sul; era pouco, era
até muito pouco, mas era o que havia e
com isso teriamos de nos contentar.

Quando saí era já dia claro; fui tomar
uma refeição quente e depois segui para a
Esgueira onde o regedor me arranjou uma
casa desabitada para meu boleto perto do lar-
go onde está o pelourinho.

O regedor requereu ao dono do predio, o
fidalgote Coutinho de Almeida de Eça que vivia

ao lado num palacio de bela aparencia, o indispensavel mobiliario e assim fiquei instalado como comand.te da defesa proxima da cidade, e bem pobremente.

O fidalgo de nome m.to comprido fôra avaro nas concessões: apenas um colchão no sobrado, sem roupa branca, uns colchetares, um lavatorio qualquer, etc.

Percorri, a pé, o sector, travei conhecimento com os oficiais das companhias de Inf.a n.o 24, ouvi-os com atenção e dei as instruções que me pareceram convenientes de harmonia com o que ouvira ao comandante Peres. Com o alferes de Artelharia e o meu ajudante Alpoim Castro Lopes, que era artilheiro miliciano, fomos escolher a posição para a secção que ficou instalada numa clareira dum pinhal á esquerda da estrada para o Lixo; os dois artilheiros lá fizeram os seus calculos em que me não meti — e fiquei assim com o sector devidamente estabelecido á espera de que viesse do lado da Monarquia algum sinal de ataque ou alguma surpresa.

Nada veiu contra nós: nem uma nem outra coisa.

A companhia de Infant.ª 24 saída do quartel de Aveiro, era comandada pelo tenente Francisco Maria Soares, aveirense, chegado ha pouco da guerra com a saude abalada. Rapaz distinto e bem educado, com certa cultura, desembaraçado e com bom critério, foi um excelente companheiro e leal auxiliar em tudo.

A outra companhia, saída de Ovar logo em 19, ao saber-se o que houve no Porto, constituída por toda a força do 3.º Batalhão ali aquartelado, era comandada pelo capitão Zeferino Camossa Ferraz de Abreu e contava mais dois capitães: o Bernardino Serra Lopes e o Manuel Rodrigues Leite, todos tres bons oficiais, aprumados, resolutos e velhos republicanos.

Eram amigos uns dos outros e, ao chegarem a Aveiro, solicitaram do Cor.el Domingues Peres a excepção de ficarem todos tres na mesma companhia — e assim andaram até final.

Interessante até notar que os subalternos desse 3.º Batalhão eram todos republicanos seguros e decididos. Debaixo desse aspecto, a companhia de Ovar era um ver-

dadeiro <u>baluarte</u>, irmanado em espírito com o comand.te Camossa, excelente oficial, belo caracter e invulgar correcção e aprumo.

De maneira geral a composição do Batalhão agradava-me e até á chegada ao Porto não me deu qualquer aborrecimento.

O dia 22 passou-se, pois, á espera; á tarde, durante uma restea de sol, sentámo-nos, eu e o Alpoim Castro Lopes, nos degráos do pelourinho da Esgueira a falámos sobre Literatura, sobre Arte, sobre viágens, como se nada á volta cheirasse a luta tão desagradavel.

Antes da guerra de 1914-918, o Alpoim viajára pela Europa, era bastante culto, conversava com graça acerca das suas aventuras no estrangeiro, tinha sempre assunto para entreter os ocios de modo que foi um excelente companheiro, alegre, optimista e de bom conselho.

Eu ia todos os dias a Aveiro saber o que havia e receber ordens; ia e voltava a pé pois quanto a viaturas... não havia. Lembro-me de que numa dessas idas á cidade comprei, numa livraria, o livro <u>A Capital</u>

Federal, do brasileiro Coelho Neto, então muito em voga, editado pelos Lelos, do Porto. Lá o ia lendo, aos poucos, quando tinha ocasião e o espírito mais tranquilo.

Todas as manhãs percorria o sector e conversava com os oficiais — todos aborrecidos porque havia completa inacção e eles queriam movimento.

Lembro-me dum episódio insignificante mas que deixo aqui contado porque se deu com pessoas de nome e autoridade. Numa dessas manhãs, ao lusco-fusco, ao visitar os postos acompanhado pelo Ten.te Francisco M.a Soares, parámos num colocado ao cimo duma recta da estrada para o Lixo; o terreno estava encharcado, havia humidade muito fria, quase nevoeiro; ao falarmos o bafo condensava-se.

Lá ao fundo da recta viu-se, a certa altura um vulto negro subir com rapidez; ao aproximar-se percebemos que era um homem em bicicleta; e com a diminuição da distancia viu-se que esse homem tinha barbas brancas bem grandes que a aragem obrigava a agitar. Os soldados riam-se da aparição; eu e o Soares ficámos intrigados até

que a sentinela destacada a uns 100 metros mandou parar o individuo. As ordens eram severas acerca da entrada de gente dos arredores na cidade.

O Soares, então, puxou do binoculo e disse-me com certo espanto:

— E' o Magalhães Lima!

— Com certeza?

— Com certeza.

— Vamos lá falar-lhe...

Tratava-se do Jaime de Magalhães Lima que vinha da sua residencia no Eixo, aquela hora matutina para a cidade. Creio que nunca o vira e só o conhecia de nome pelas suas obras, algumas das quais possuo e li com interesse. Era personalid.e de certo relevo, homem de letras e meio filosofo.

Aproximando-nos vi que ele discutia com o soldado um tanto ou quanto irritado; saudei-o e perguntei-lhe o que desejava e ao responder-me secamente que queria ir a Aveiro, observei-lhe que estavam proibidas com rigor as entradas na cidade de gente dos arredores. O dr. Magalhães Lima mostrou-se contrariado e eu então tive um rasgo de que ainda hoje me rio e de que me não

arrependo. Com os melhores modos de que podia dispôr na ocasião disse-lhe:

— Realmente as ordens são rigorosas; mas como se trata do sr. Dr. Magalhães Lima, eu não tenho duvida em cometer uma infracção. Póde V.Ex.ª seguir...

Ele olhou-me fixamente com os olhos claros e grandes, naturalmente admirado por eu o conhecer e lhe dar aquela tão ampla liberd.ᵉ de transito. Montou na bicicleta e sem dizer palavra largou para Aveiro. Eu e o tenente ficámos calados a olhar; mas o soldado de sentinela foi mais positivo e exclamou:

— Arre, que é malcreado!

Rimos-nos e voltámos ao posto, concordado intimamente que o soldado não deixáva de ter razão.

O que iria o Magalhães Lima fazer ~~que~~ àquela hora e com tal tempo para Aveiro? Eu confiei na sua figura moral e que não iria levar qualquer recado ou informação dos correlegionarios como agente de ligação.

Mas, pelo sim e pelo não, quando á tarde fui ao comando receber ordens, contei o caso ao Cor.ᵉˡ Peres e ao Comand.ᵗᵉ Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto de Aveiro

que, na emergencia fazia de chefe do Estado Maior. Ambos concordaram em que fiz bem, ambos respeitavam o velho escritor e não punham a hipotese de qualquer interferencia na contenda que se travava.

Voltando á situação inativa em que estavamos na Esgueira, é melhor transcrever o que deixei escrito no relatorio que depois entreguei no Porto; define bem o que se passava e que era um tanto ou quanto estranho e me deixava razões para comentarios intimos q. não seriam agradaveis ditos em voz alta:

« Em 24 chegou o primeiro reforço a que
" o comando deu por missão inquietar, alem
" do Vouga, a aproximação dos rebeldes de Al-
" bergaria que, nesse mesmo dia, foi ataca-
" da, ao mesmo tempo que chegou uma for-
" ça de civis que foi mandada guardar e defen-
" der a ponte do caminho de ferro e a de ma-
" deira, sobre o Vouga, em Cacia, tendo-se
" completado a destruição desta ultima sob
" a protecção duma pequena força de Infanta-
" ria nº. 24. »

Interrompendo... Na verdade, no dia 24, estavamos eu e o Carlos Alpoim sentados nos

degráus do pelourinho da Lesqueira, depois do almoço, quando sentimos passos cadenciados do lado de Aveiro. Era um pelotão dos seus 30 homens, vestidos civilmente, mas equipados como soldados de Infantaria e comandados por um garboso aspirante saído da Escola do Exercito e se oferecera para combater contra os monarquicos.

Ao avistar-me, o aspirante mandou «Frente á esquerda... Alto!», alerir fileiras e fez a continencia regulamentar. Aproximei-me com a possivel solenidade, passei revista á formação, disse duas palavras amaveis e dei mais minuciosas instruções acerca da missão de que foram encarregados, pelo comando — missão que me pareceu superior á capacidade militar daquele reduzido agrupamento

Mas, enfim, feitas as continencias, mandei os homens ao seu destino e fiquei a comentar, com o meu ajudante, a ligeireza com que se entregou a uma força sem consistencia uma defesa de importancia como era a das duas pontes.

Mais adeante falarei de como se portaram estes voluntarios quando a guerra co-

meçou a dar sinal de si e a cheirar um pouco ao chamusco.

Continuando com a transcrição do relatorio...

«Tudo isto, porem, continuava a ser in-
"suficiente tanto mais que, ao mesmo tem-
"po que os rebeldes, em grande numero, ata-
"cavam Albergaria, avançavam tambem por
"Estarreja, até Salreu onde entraram neste dia
"24, ameaçando o sector esquerdo que estava
"quase sem defesa.

«Na madrugada de 25 fez-se um reconhe-
"cimento pela estrada Angeja-Fontão-Frias com
"o fim de esclarecer a marcha dos rebeldes, es-
"pecialmente por causa do sector de Cacia; este
"reconhecimento foi feito com inteligencia pelo
"alferes de Infant.ª 24 Vitorino Pereira Tavares que
"foi acompanhado pelo cidadão Vicente Marques
"de Oliveira, de Alquerubim, e dele resultou o
"conhecimento tão exacto quanto possivel, da si-
"tuação do inimigo.

«Outra insuficiencia que eu notei foi a do
"comando de todas estas forças.

«Eu estava na Esgueira com as forças in-
"dicadas; ao passo que vinham reforços, estes se
"guiam ao seu destino sem que, duma forma

"claro, concreta, se indicasse quem as coman
"dava directamente; alem disso, as forças es-
"tavam então espalhadas desde a ponte do Ca-
"minho de Ferro de Cacia, até Eirol, sobre a pon
"te da Rata; havendo ainda forças do regim.to
"de Infantaria n.º 24 e uma divisão Krupp de Ar
"telharia em Albergaria-a-Nova que não sa-
"biam da minha existencia e eu, na Esgueira,
"não tinha meio qualquer de transporte nem
"agentes de ligação, alem duns ciclistas de Infan
"taria n.º 24.

«Umas vezes o Comando de Aveiro dava
"ordens directas ás forças avançadas; outras
"vezes dava-as a mim; e, quando isto acon-
"tecia, a transmissão das mesmas ordens tor-
"nava-se demorada porque eu não tinha quem
"as levasse ao seu destino.

«Havia, pois, uma certa confusão e irregu
"laridade em tudo que aumentaram com a
"chegada, em 25, do importante reforço coman
"dado pelo capitão de Infant.ª 35 Romano Bar
"rabé Ferreira — reforço que me não foi co-
"municado e muito menos posto ás minhas
"ordens.

«Deu-se o caso até de, nesse dia, ao rece
"ber uma comunicação do Comando militar

"dizendo que, com a retirada da coluna que
"estava em Albergaria a Cavalaria rebelde se
"aproximava da ponte da Prata, por Alqueru-
"bim, eu ir a S. João de Loure e Eirol num
"automovel do sr. Comissario de Policia que ca-
"sualmente passou na Esgueira e amavel-
"mente se ofereceu p.ª me levar. Verifiquei,
"então, que nas forças que cobriam as pontes,
"não havia direcção, pois todas se julgavam
"independentes e apenas subordinadas ao Co-
"mando central de Aveiro; verifiquei, com
"desgosto, que daquela forma se não podia fa-
"zer uma defesa eficaz e tive a impressão ni-
"ga de que nem todos os comandantes das for-
"ças, acatariam de boa mente o meu comando
"não sei bem porquê, mas certamente por
"motivos ponderosos.

«Resolvi ir a Aveiro, nessa tarde de 25
"e, expondo clara e honradamente a situação
"ao Ex.mo Coronel Peres, pedi para que se désse
"unidade e energia ao comando de tantas for-
"ças e declarei mais que me não sentia muito
"bem para comandar tantas, tão afastadas e
"tão diversas tropas.»

Realmente o quadro estava bem descrito;
ainda passados quase 44 anos, não vejo me-

cessidade de modificar o juizo formado.
O comand.te Rocha e Cunha, que era dado a estudos filosoficos, numa conversa comigo em um destes dias, dizia-me com ar de resignação:

— Isto ainda está, sr. major, no estado teologico...

E estava. Havia oficiais que se considerravam independentes; o que mais me deu na vista foi o capitão Romano Barnabé Ferreira que, ás claras, procedia como se não soubesse da minha presença; na ponte de S. João de Loure, quando lá fui no dia 26, estava o ten.te aviador Luis Gonzaga com umas metralhadoras Lewis, quase só, sem saber a quem deveria obedecer...

Uma trapalhada que me fez ir a Aveiro (como disse no relatório) pôr a limpo a minha situação. Eu não só não concordava com a barafunda, como tambem me passou pela cabeça que, se confiavam politicamente em mim, poderiam não confiar como comandante — dadas as minhas predilecções literarias que, para muita gente no exercito ~~são~~ (e creio que ainda o são) sinonimos de ignorancia.

O cor.^l Peres ouviu-me atentamente e com amabilidade; concordou em alguns pontos mas comentou que a situação era de tal forma confusa e os reforços vinham tão heterogeneos e por conta-gotas que ele mesmo se via emaranhado na embrulhada. Sossegou-me, porem e informou-me de que, no dia seguinte iria dar á defesa uma organização regular.

Com efeito, em 25 á tarde, chegou, vindo de Lisboa, o ten.^te-coronel José Mendes dos Reis que no dia seguinte assumiu o comando das forças em operações ao norte de Aveiro e definiu os sectôres defensivos.

Eu fiquei com o sector da esquerda, compreendido entre a esquerda da ponte do caminho de ferro em Cacia e a direita da ponte da estrada Cacia-Angeja. Tinha ás minhas ordens as duas companhias de Infantaria n.º 24 (que já la estavam desde a vespera), uma peça m/Krupp, de Artilharia 2, comandada pelo alferes Rocha e o grupo de civis a que acima me referi.

A companhia de Infant.ª 23 e as outras duas peças Krupp foram mandadas para o sector da direita com o centro no Eixo.

E eu fui para Cacia e escolhi casa no alto da povoação, á entrada, do lado direito, onde me recolhi depois de visitar as companhias e de ter conhecimento de que a cavalaria adversa entrára em Angeja e de que uma companhia de Infantaria, vinda de Estarreja se dirigia para a mesma vila.

Estavamos, pois, e finalmente, frente a frente...

A companhia do Ten.te Soares ficou a guarnecer o sub-sector da ponte do caminho de ferro; e a do cap.ão Zeferino Carossa a da estrada Cacia-Angeja e ponte de madeira. Ambas mantinham patrulhas permanentes nas «testas-de-ponte» da margem direita do Vouga e a peça de Artilharia ficou num pinhal, a uns 100 m. da casa onde me fixei.

Pareceu-me assim que as coisas poderiam correr melhor, sem a embrulhada que até aí houvera — em que as vaidades de cada um e as impertinencias de outros se mantinham á vontade e poderiam, a continuar assim, a causar prejuizos.

E a verdade é que esta organização defensiva veiu a tempo. As forças monar-

quicas começávam a concentrar-se na margem direita do Vanga e a festa, no meu sector, começou em 27 pela manhã.

Eu esperava o meu baptismo de fogo com curiosidade e, por vezes, com o Carlos Alpoim que vinha das trincheiras da Flandres expuz os problemas do mêdo e da coragem; para ele, esta campanha era autêntica bapatela onde aliás se podia morrer, mas para mim era uma novidade e uma iniciação.

Ora na manhã de 27 chegou mais uma força composta de 27 marinheiros comandados por um sargento, da Capitânia do Porto de Aveiro que o comand.te Rocha e Cunha ~~—~~ achou por bem empregar na campanha e o Ten.te-coronel Mendes dos Reis nos mandou apresentar como reforço. Dadas as ordens convenientes e regularizado o seu destino, eu, o Carlos Alpoim e o alferes Rocha preparámo-nos para a devida alimentação cuja necessid.e se impunha.

Daí a pouco, estávamos no telheiro casa do Coleto, instalados tão bem quanto possível, a comer o almoço de campanha

quando sobre o telhado começaram a cair as balas de umas descargas sucessivas vindas da margem direita.

De começo, não compreendi o ruído seco que as balas de Infant.ª causavam nas telhas; o Alpoim, observando-me com curiosidade, disse-me simplesmente:

— Aqui as tem, meu Major! Os homens estão-nos a fustigar e à grande.

Nisto, ouviu-se um tiro de Artelharia e pouco depois outro; o segundo assobiou por cima de nós e perdeu-se no pinhal. O primeiro foi lançado para os lados da linha ferrea e perdeu-se em terreno arenoso.

Como disse, estávamos a comer e quiz mostrar serenidade que aliás não perdi; continuei a comer e fiz qualquer comentario revelador de indiferença. Os dois comensais, batidos nos bombardeamentos alemães, nada disseram; e eu aconselhei a ir terminar o almoço dentro da casa porque as balas levantavam algumas telhas e deitavam caliça sobre a comida.

E assim se fez. É possivel que me tivesse lembrado de Junot no cerco de Toulon... Não me recordo já, é claro, mas tu-

do é possivel neste mundo de inconcebi-
vel fantasia...

Fiz o meu papel bem feito. Mas hoje, passadas mais de quatro décadas posso confessar, com verdade, que a sensação rece bida, embora não fosse de mêdo (porque de facto não era) não foi, todavia, agradavel. Alem disso, na estrada para onde dei tava a entrada do alpendre e que estava perfeitamente desenfiada do lado da ponte sobre o Vouga, sentia-se o silvo das balas que passavam baixo, algumas até batiam nas pedras do pavimento macadamizado.

Estavamos encurralados; a travessia da estrada era perigosa; de modo que saímos pelas traseiras da casa e fômos para o posto de observação da unica peça de Artelharia onde as côpas dos pinheiros acusávam o tirotejo com ramos partidos que cons tantemente caiam aos nossos pés.

E' claro que o Camossa, perante tal exu berancia de tiros, não ficou calado. Respondeu logo na mesma linguagem e, durante largo bocado, houve troca intensa de tiros sem, na verdᵉ., haver necessidade e até sem qualquer resultado a não ser o gasto inutil

de munições que poderiam ser precisas mais tarde.

No meio disto, os monárquicos tiveram, a certa altura, um arranque sem quê nem para quê. Uma força de Infantaria lançou-se em tropel pela ponte de madeira, como se não encontrasse qualquer obstáculo ou pensasse não encontrar. A companhia do Lamossa, porém, respondeu logo quase à mão armada; e os homens tiveram que recuar parece que com baixas.

Bravata? Calculariam que, do lado de cá lhes abririam os braços? Não se percebeu a razão de tão tolo ataque assim a descoberto, ao longo duma ponte estreita.

*

Passados, para mim, os momentos de surpresa, comecei a querer compreender o que era o combate à distancia; entre as forças que estavam em presença deveria haver um espaço de 600 a 800 metros e um rio com cheia bem alta, a transbordar com algum ímpeto para as insuas. E confesso que me adaptei com naturalidade.

Mas devo confessar, também, que não gostei. Os meus velhos princípios trazidos

da ultima década do seculo passado protestávam contra aquela brutalidade.

Para que andávamos ali a dar tiros que podiam matar (como matáram), a odiar os adversarios, a gastar munições que custáram m.to dinheiro que podia e devia ser melhor aplicado?

Estes pensamentos passavam-me pelo espirito emquanto me ia adaptando o melhor possivel ao desenrolar do drama; mas, como actor obrigado, lá ia fazendo o meu papel como podia.

Deu-se, nesta altura, um episodio curioso que já agora não deixo de contar.

Pouco depois dos dois tiros de Artelh.a dados pelas forças monarquicas, no começo do tiro-teio, um dos marinheiros da força recentem.te chegada, apareceu-nos a correr e a rir, contando que num atalho que havia perto por detraz dumas elevações de areia, os civis voluntarios iam a fugir e a deixar o armamento e equipamento pelo chão

Olhámos uns para os outros e o caso não nos surpreendeu. A arrogancia e basofia com que se apresentaram na Esgueira transformáram-se naquela fuga ao primeiro ti-

ro tiro de peça. Pedi ao marinheiro que le-
vasse uma nota ao tenente Soares dando
ordem p.ª ocupar logo o posto da ponte da li-
nha férrea e para informar do que houve.

Realmente a granada caíra perto e os
homens não estiveram com meias medidas,
trataram de se pôr a salvo e de todo o pe-
lotão apenas ficaram o comandante e tres in-
dividuos, na verdade resolutos, que acompa-
nharam o destacamento até ao Porto e se com
portaram bem.

E assim se passou o dia 27, com tiroteio
só por tocados interrompido; o Zeferino ta-
mosso um tanto ou quanto insofrido pedia-
-me, lá de baixo, que empregasse a peça de
Artilharia que até aí não tinha empregado por
que o comandante aconselhára não desmasca-
rar a posição.

Contudo, a certa altura, como os monar-
quicos nos bombardeavam com insistencia,
resolvi com o alferes Rocha mandar um ou
dois tiros, mas de locais diferentes, como de
quem responde: tambem cá temos disso!

Atrelaram-se as muares; deslocou-se
a pobre peça para uns 200 m. a leste e lar-
gou-se uma granada para o chamado Su-

nel de Angeja que era a parte arborizada da estrada entre a ponte de madeira e aquela vila; depois, com a possivel velocidade, des locou-se a peça para 200 m. a Oeste da sua posição e mandou-se outra granada e logo a seguir voltou-se á posição inicial para ser utilizada só em caso de urgencia.

O estratagema parece que deu resultado porque de lá a Artelharia calou-se e deixou nos em paz. Por sinal, observámos que os calculos de tiro eram mal feitos; as granadas caíam tanto no rio como nos altos de Cacia, proximos do meu Posto de Comando, is to é, ou pontaria alta ou baixa.

Foi melhor assim, pois o numero de tiros lançados ainda foi grande, uns quarenta, se a conta foi bem feita.

Curioso, tambem, que o fogo de Infantaria, nutrido e quase constante, não nos fez estragos; parece que as pontarias eram altas e iam perder-se nos pinhais ao alto e a sul de Cacia. Ligeiros ferimentos, apenas, nos soldados mais expostos e um ferimento mais grave num braço do capitão Camossa. 22

Vim a saber depois que a esposa do major Antero Eduardo Taborda de Azevedo e Costa,

que comandava as forças em Angeja, estava, então, em Cacia, na casa de seus pais; o erro aparente das pontarias seria apenas cuidado em não visar o centro da povoação?

E' muito possivel.

E o dia caíu sem que se visse qualquer vantagem dum lado ou do outro; o Vouga levava cheia enorme; as insuas estavam cobertas e do lado esquerdo, a juzante das pontes, os esteiros deixavam navegar pequenos barcos se houvesse quem se atrevesse a isso e soubesse manejar rémos e leme em tais aguas tumultuosas.

Em todo o caso encarreguei um tenente, Napoleão Soares, de exercer vigilancia p.ª esse lado — o que ele fez com inteligencia e o auxilio dos marinheiros, melhores conhecedores dessa área inundada.

Em 28, o dia passou-se quase na mesma. O tirotêio começou ainda de noite, não sei para quê; visava especialmente o posto da ponte de madeira e a investiva matutina prejudicou, até, a distribuição do café e aguardente que se estava dando aos soldados. A Artelharia tambem se fez ouvir e lembro-me de que, com o binoculo, se via bem

a bataria, a descoberto, no largo da feira de Arpeja, chapada sobranceira á vila; até a olho nú, apesar da neblina, via-se, por vêzes, o largar das granadas que eram um pouco mais certeiras do que na vespera.

O Carnossa, lá do posto, insistia em que a bataria de Arpeja estava tão a descoberto que era bem feito mandar-lhe, de cá, uns balazios que, com facilidade, lhe cairiam em cima; mas eu escudei-me com as ordens recebidas e no meu intimo não quiz ficar com o remorso de tão voluntariam.te ir causar, com certeza, a morte de umas praças e por ventura de oficiais.

Já bastava a morte do major Antero Eduardo Taborda já citado que nesse mesmo dia morreu em Arpeja dum tiro dos soldados do Carnossa, tiro que não levava intenção, é claro, mas que lhe esfacelou uma arteria femural e não houve meio de lhe estancar a hemorragia.

Lastimei-o. Noutros tempos tratavamos-nos de tu; mas depois, ele deixou de me falar por motivos de caracter particular e talvez justos (contra mim falo) que não vêem para aqui.

E depois ... pensava que nós estávamos a bater estupidamente, que o Governo de Lisboa estava senhor da situação e mais dia menos dia, os homens do Paiva Couceiro teriam que dar por acabada a brincadeira em que se meteram.

Não mandei fazer fogo á peça que esteve todo o dia inactiva, com o pessoal á volta e o gado ao pé, moendo as rações, indiferente ao que se passava e ás razões que o obrigavam ao desconforto do pinhal encharcado e frio. Quando visitava o posto e via as pobres muares cobertas com as mantas, de cabeça baixa, moendo e remoendo as rações (que, em boa verdade, nunca lhes faltaram) eu fazia considerações de varia ordem — que não eram (tambem em boa verdade...) de comandante belicoso.

Lastimava-as assim como aos soldados, mais ou menos encolhidos, com panos de tenda ás costas por causa da chuva impertinente, aquecendo as mãos em fogueiras m.to pequenas para não serem vistas mas, diga-se em seu abôno, sem se queixarem e sempre com bom moral.

Para se não cair na monotonia, o tenente Soares que era rapaz activo e emprehendedor, encarregou o seu alferes Vitorino Pereira Tavares de ir, com uma patrulha, pela linha ferrea, ao escurecer, com a missão de colher informações. Resolutamente, o alferes conseguiu ir até á povoação de Canelas e colheu bastantes informações que imediatamente transmiti ao comando.

O dia 29 apareceu, do mesmo modo, chuvoso e desagradavel; na vespera, á noite, fui chamado ao lugar da Azurva, proximo do Eixo, onde o comand.te Mendes dos Reis estabelecera o seu Quartel; expôz-me a necessidade de fazer a travessia do rio, em frente da vila de Angeja, para apoiar o avanço que o subsector da direita, transposta a ponte de Loure, iria fazer contra aquela povoação; e, para reforço, que mandaria mais duas companhias de Infant.a, uma do regimento de Infantaria n.º 2 outra do regimento n.º 5.

Eu objectei logo que a ponte de madeira, em Cacia, estava cortada e que a cheia do rio Vouga ia tão impetuosa que uma travessia em barcos não me parecia exequivel; no entretanto (acrescentei) iria estudar o assunto com

muito boa vontade e ouvir os meus capitães.

Voltando a Bacia, reuni os comandantes das companhias e mais os dois capitães q. estavam com o Carrossa: o Sena Lopes e o Rodrigues Leite. Não me lembro já onde foi a reunião; recordo-me de que foi numa casa de Bacia, provavelm.te a do meu aquartelamento, quase ás escuras, á luz duma simples vela de estearina.

Expuz-lhes o caso e mostrei a dificuldade senão a impossibilid.e da travessia. O Carrossa, desembaraçado e bravo como era, dizia-me:

— Se V. mandar... a travessia faz-se.

— Como?... perguntava eu.

A ponte de madeira estava cortada e não tinhamos elementos p.a o concerto; a travessia em barcos entendia eu que era loucura, era o sacrificio de dezenas de homens que morreriam afogados naquele forte caudal do Vanga. Quer uma quer outra emprêsa, durante o dia, teriam consequencias más; de noite, se a da ponte podesse ter um começo de exito, a da travessia do rio em barcos dava desastre completo.

Fiz-lhes ver que estas minhas objecções não me diziam respeito — pois eu só

iria p.ª a margem direita depois de eles lá estarem seguros; mas tinha que falar assim por imposição de consciencia tanto mais q. considerando o aspecto tactico, não via necessid.e de tal bravata.

E na verd.e não passava de bravata e de alguma incompreensão o plano feito pelo comand.te Mendes dos Reis.

Falei assim tambem por imposição dos principios de ordem moral e estou convencido de que os capitães q. me ouviram atentamente se teriam admirado de tal especie de linguagem a que não estavam habituados.

Em conclusão: dissolvi o reduzido conselho e esperei o dia para mandar dizer ao Mendes dos Reis as razões que me levaram a discutir a ordem.

De facto, este caso é um dos que, na minha vida, ficou a marcar como decisão de comandante com responsabilidades. Sempre entendi que ordens deste genero não se dão e, a darem-se, não se devem cumprir por simples e impensado espirito de obediencia.

Nessa altura da vida ainda não conhecia as prelecções de Socrates acerca das obri

gações dos chefes; mas, no íntimo, não podia concordar com a facilidade ou ligeireza com que se mandavam homens para a morte sem que fosse necessario tal sacrifício. Bravata, como disse.

Ao amanhecer desse dia 29 sentia-me excitado. Não dormira ao pensar no que poderia acontecer quando eu mandasse dizer ao Mendes dos Reis que não poderia realizar a travessia. Ainda mt.º cêdo chegou um tenente miliciano de Engenh.ª de nome Gaioso com uma brigada de pontoneiros improvisados (que não passavam de soldados do regimento de Cavalaria nº 8) para o concerto da ponte.

Depois de prepararem o material e notando que, do lado de lá, não faziam fogo, o tenente Gaioso entrou na ponte com os seus homens para o trabalho; e, não sei como, de varias partes surgiram muitos individuos civis, alguns até de Aveiro, naturalmente com curiosid.e de ver o que se iria passar.

Decorridos uns 10 minutos, uma granada rebentou perto do agrupam.to dos pontoneiros e civis, seguida de fusilaria; os civis, é claro, debandáram e o oficial de En-

genharia teve de retirar e, com admiração de todos, sem baixas.

Pensai, então, que se o avanço do sub-sector da direita tivesse algum exito (e havia essa impressão pelo intenso tiroteio que se ouvia bem) as tropas monarquicas em frente largariam as posições para não serem cortadas na retirada; e eu então tentaria, pela ponte do cam.º de ferro, uma travessia. A artelharia adversa, porem, continuava a troar e até ia apanhando uma maquina que se aproximou da ponte com pessoal proprio que ia tentar reparar o desvio de um tramo praticado anteriormente p.ª evitar qualquer surpreza.

O Mendes dos Reis, em duas ou tres notas, dizia-me de lá da direita: « veja se consegue passar a ponte!... » Mas a verdade é que eu mantive-me na mesma espectativa, sem querer sacrificar vidas.

Não sei se fiz bem. E' possivel que o procedimento não fosse considerado, militarmente, ou em absoluto, digno de louvôr; mas foi consoante a minha mentalidade e a minha consciencia. Joguei talvez o meu futuro, mas isso era-me indi-

ferente. Os meus capitães e subalternos julgar-me-iam, com certeza, frouxo no comando; mas era-me tambem indiferente esse julgamento.

No entretanto, para que se não dissesse que estavamos inactivos, fizeram-se dois reconhecimentos.

Um, comandado pelo alferes Cosme de Lemos, da companhia do tenente Soares, levava soldados da região e a força de marinheiros; passaram todos a ponte do caminho de ferro e chegou ás proximidades de Angeja; o outro, da comp.ª do Camossa, comandado por um 2º sargento Silva, conseguiu atravessar alcripado pela ponte de madeira e sem ser visto do lado de lá, num barco dirigido por soldados habituados ao rio e chegou tambem prox.º daquela vila. Ambos, quase simultaneamente surpreenderam as força contrarias (reconhecidas como do regimento de Inf.ª nº. 18) as quais, de momento, se consideráram envolvidas e no rapido e pequeno recuo que fizeram deram tempo á retirada, a salvo, das patrulhas.

E assim se passou o dia 29, sempre debaixo de chuva e humidade intensa. De vez em quando, nuvens baixas cobriam de tal

0-4

forma o ambiente que quase se não via a mais de 300 m. Sobre o entardecer, o Mendes dos Reis que não tinha conseguido progredir na sua direita, ordenou-me que lhe mandasse as duas companhias de reforço e me apresentasse em Louro com uma das minhas companhias.

Chamei o Soares e deixei o Zeferino Camossa com a peça de Artelh.ª a guarnecer todo o sub-sector — que ficou, aliás muito bem entregue. Jantei pacatam.te e com o ajudante Carlos Alpoim fui, pelas 10 h. da noite, apresentar-me em Louro ao Mendes dos Reis q. ali estabelecera o seu Q.tel general.

Larguei, pois, de vêz, Cacía e a defesa das suas pontes — defesa em que a fantasia de certo jornalista me deu as honras de herói. Parece impossivel mas foi assim mesmo.

Eu lhes conto para que se veja como a Historia muitas vezes se escreve.

O jornal de Lisboa _A Manhã. Diario Republicano_, no seu n.º 678 (ano II) de 13 de Fevereiro, publicava na sua primeira pagina e na secção _A Actualidade_ uma gravura que reproduz a entrada da ponte de madeira, do lado de Cacía, em que se vê o casinhoto

á esquerda que servia de abrigo ao posto e ficou bastante danificado com o tiroteio e o bombardeamento.

Por baixo da gravura, depois de explicar que se tratava da ponte sobre o Vouga, acrescenta: «Teatro de luta renhida nos dias 27 "e 28 de Janeiro ultimo, foi valentemente "defendida pelos civis armados e pelas forças "do 24 e outros regimentos sob o comando "do major Belisario Pimenta e capitães "Carrossa e Leite. Apesar do intenso bom"bardeio da artelharia rebelde e de fusilaria "[...] os monarquicos nunca conseguiram "etc. etc.» [1]

Esta noticia serviu depois para outras em varios jornais; e meu Tio Rafael Pimenta então director dos serviços artisticos do jornal O Seculo fez publicar na Ilustração Portuguesa, edição semanal deste diario de Lisboa (II serie, n.º 681, de 10 de Março), o meu retrato com a seguinte prosa: «O major B.P. co"mandante dos civis armados e das forças que "defenderam valentemente a ponte de Angeja "sobre o Vouga e das primeiras forças mili-

---

[1] O recorte ficou colado na pasta respectiva

"tares fieis que entraram no Porto após a res-
"tauração da Republica.

E ainda o velho amigo da Lousã, o Julio Ribeiro dos Santos deu uma noticia no seu Commercio da Louzã (nº 321 de 12 de Março) em que mais ou menos copia a do jornal A Manhã e, por sua conta, me alcunha de «heroico militar» e me pede que transmita aos «valentes rapazes» que comandei, um «comovido abraço.»

E aqui está como se deixou para a Historia um testemunho falso. Os civis armados foi o que se viu: aos primeiros tiros deram ás de Vila Diogo e na defesa da ponte eu não tive qualquer intervenção; se ela se fez como se fez, deve-se, com inteira justiça, ao capitão Zeferino Camossa e aos seus oficiais e soldados.

Ao ler a noticia no diario A Manhã eu senti uma desagradavel impressão, pois ser comandante de «civis armados» me pareceu algum tanto deprimente e, de mais a mais, de civis que fugiram aos primeiros sibilos das balas.

Pensei em rectificar a noticia; mas os oficiais com quem falei a esse respeito tiraram

me a ideia da cabeça: iria dar mais relevo ao caso se é que o jornal aceitasse, contra o costume, o pedido de rectificação. Deixei, pois, correr e esperar que o episódio ficasse esquecido.

Com franqueza: comandante de civis armados... senti-me diminuido. Apesar da minha acção ser quase nula em toda aquela barafunda, sempre me julguei com outra categoria como comandante de tropas organizadas. Enfim, adeante.

Quero confiadamente crer que a Historia não ligará importancia á ponte de Arpeja...

Numa carta que escrevi a meu cunhado Costa Ferreira, pouco depois, referia-me a isso. Ao dizer que andava contrariado com toda aquela trapalhada bélica, comentava:

« Para cumulo, até o meu retrato saiu na Ilustração, naturalmente obra do Tio Rafael e do nosso amigo Campos (1); mas logo com a infelicid.e de me darem como comandante de civis armados que foi coisa que só vi antes do rebentamento da primeira granada... ».

---

(1) Augusto da Silva Campos, professor da Casa Pia de Lx.a e velho amigo da familia.

sim se faz a História — e assim passarei como heroico defensor da ponte de Angeja de braço dado, pelos tempos adeante, com o Conde de Santa Maria que também defendeu uma ponte, a de S.ta Maria de Almoster! Coisas interessantes de que só me quereria recordar como coisas passadas há muito, coisas longínquas e quase esvaídas na memória. — No entretanto, a mim, historiador... miliciano, isto me põe de sobreaviso contra outros heróis que possa encontrar nas minhas escavações. Não há nada como ter passado por elas...»(1)

Lisboa
25 de Novembro
a 7 de Dezembro
de 1962.

---

(1) Carta de 12 de março, escrita já no Porto, durante a ocupação.

II

« nam aguardo nem espero
ver per ysso mais louvadas
minhas obras. »

Resende: *Cancioneiro Geral*, v. I, pag. 214 (Fls. XXIX do Ms.)

« Mais que sert de conter aux autres
ce qui n'a de sens q. pour soi! ... »

Romain Rolland: *Jean Christophe*: *Les Amies*, pag. 131.

Cerca das 10 h. e meia entrei no pequeno prédio onde se instalára o reduzido Quartel Genl. do Mandas dos Reis.

A entrada tive a impressão estranha de cenário romanesco; no rez-do-chão, soldados (creio que seriam ordenanças) dormiam, ao acaso, no sobrado; no 1º andar, entrei em uma saleta em que havia uma mesa que tomava grande espaço, debaixo da qual dormiam, a sôno solto, oficiais; outros, senta-

dos, fumávam e enchiam a casa de fumo; no ambiente havia cheiro desagradavel de varias oripeus.

O comandante estava num quarto que deitava para a saleta e fui encontra-lo reclinado numa cama de ferro, fardado correctamente, barbeado, penteado, como se tivesse saído em dia normal dos seus aposentos particulares. Numa mêsa de cabeceira banal estava um castiçal com vela de estearina á luz da qual ele lia uns papeis e uma carta topografica.

Nunca me esqueci de certa admiração que me provocou a serenidade e o cuidado na indumentaria do Mendes dos Reis. Quero crer que assim devem ser os chefes.

Lá fóra sentia-se cair a chuva com barulho e o vento assobiava á solta. Temporal desfeito. Era este o cenário de que me recordo muito bem e que daria para quadro descritivo curioso feito por pêna observadora, adestrada e irónica.

Ambiente de guerra, é certo, mas impressionou-me o fraco moral dos oficiais q. lá encontrei, na maior parte para mim desconhecidos e possivelmente sem sentirem intimam.te as razões que ali os levaram.

O Mendes dos Reis não. Aprumado, com placidez e ar de segurança, recebeu-me afavelmente, concordou com o meu procedimento no caso da travessia do rio e expôz-me a situação que era desagradavel. Não se conseguira fazer recuar os homens da Monarquia e o tempo estava a prejudicar as operações; á direita, manobrava já uma forte coluna creio que comandada pelo cor.el Hermenegildo dos Santos Pestana, libertado da prisão; e na rectaguarda, havia já um comando organizado que dirigia estas forças do Vouga e as outras que andavam pela Beira Alta.

No nosso caso particular, disse-me ele que era necessario que na madrugada do dia seguinte eu fizesse aparecer a Leste da aldeia de Trossos, na estrada Lamego-Albergaria, duas companhias de Infant.ª para atacar de flanco a vila de Angeja ao mesmo tempo q. as forças á nossa esquerda deveriam executar ataque de frente.

Essas duas companhias eram: uma do regimento de Inf.ª n.º 5 e outra mixta dos regimentos de Infantaria n.os 28 e 35, comandadas pelo capitão Romano Barnabé Ferreira tambem solto da Penitenciaria uns dias antes.

Ora este ataque do dia 30 de Janeiro ficou bastante confuso e merecia comentarios azêdos. Vou, porem, transcrever do relatorio que apresentei depois uns periodos para me não estar a repetir:

«Entre essas instrucções disse-me V. que me não preocupasse com as ligações com as forças da esquerda porque o comandante dellas as faria comigo e que tratasse eu de me ligar com a coluna ou destacamento da direita (Albergaria).

«Este dia 30 de Janeiro começou, porem, mal; a noite fôra de terrivel invernia e a manhã apareceu tempestuosa — razões talvez q. originaram o facto de as companhias só formarem para seguir ao seu destino já muito dia claro o que contrariou um pouco as ordens recebidas e o que levou, de certo, V. a dizer-me na sua nota nº. 35 (que eu recebi ás 11 h. e 15 m.) que sabia que o ataque não fôra ainda iniciado contra toda a previsão.

«De facto, V. tinha razão.

«As companhias formaram muito tarde; quando chegámos ao cruzamento de estradas ao Norte de Laune, como eu não tinha carta nenhu-

na (porque me não deram nem eu tive possibilidade de a arranjar) entendi que não devia mandar avançar ao ataque as duas companhias sem prévio reconhecimento. Esse reconhecimento foi feito pelo capitão Romano Barnabé Ferreira que comandava as duas companhias referidas; e pareceu-me ainda de boa regra e, quanto mais não fosse, de simples prudencia, o esperar o regresso do capitão Ferreira para iniciar, a valer, o ataque indicado na vespera.

«Entretanto, V. de novo insistia pelo ataque que afinal se realisou e com exito logo que recolheu o reconhecimento. O capitão Ferreira dirigiu competentemente a marcha e só terei que reparar em que, tendo-lhe dado quatro ordenanças de Cavalaria para ligar commigo, as ligações não se fizeram com a regularidade que seria para desejar, dando como resultado o eu não comunicar facilmente com ele quando necessitava.

«De resto, o ataque fazia-se com facil exito, mantendo o inimigo em espectativa de envolvimento pelo seu flanco esquerdo e q. levado mais adeante, teria talvez nesse dia produzido a retirada dele para alem de Angeja.

« Não quero aqui entrar em considerações de caracter profissional porque me não sinto p.ª isso com competencia; no entretanto devo dizer, para minha defesa, e das forças que nesse dia tive a honra de comandar, que a comunicação que V. me fez de que devia retirar porque as tropas estavam desorganizadas, não foi devida a mim nem ás forças do meu comando que estiveram sempre bem comandadas e disciplinadas, merecendo até referencia a força do regimento de Infantaria n.º 5, do capitão Azinhais pela decisão e disciplina que nesse dia (como aliás nos outros) mostrou; devo dizer mais que o suposto ataque da Cavalaria inimiga pelo nosso flanco direito (que V. me comunicou na sua nota n.º 44) não foi conhecido por informação minha pois que as patrulhas que eu enviava não acusáram a proximidade do inimigo e, quando em virtude dessa nota mandei fazer um reconhecimento, vim a saber que a Cavalaria que andava na nossa direita era da coluna de Albergaria e, por consequencia, das tropas republicanas; devo dizer ainda e unicamente para minha defesa, que me admirou muito uma comunicação para V. do sr. comandante das

tropas da esquerda em que insiste num ataque realizado pelo inimigo sobre o nosso flanco direito e em que diz que não tem tido notícias minhas, que se arriscava a ser cortado, por esse facto, na sua retirada.

« Entendo dever chamar para este ponto, unicamente para minha defesa, o atencioso critério de V.

« O sr. major comand.te das forças da esquerda[1] fala na retirada como uma coisa que vai, sem dúvida, realizar e dá a impressão de que ela se faria porque não teve notícias minhas — quando foi certo que V. na véspera determinou que as ligações partissem da esquerda para a direita e que eu me preocupasse só com as ligações com a coluna do sr. tenente-cor.el Godinho, ordens que eu cumpri conforme podia e sabia, devendo ainda acrescentar que o flanco esquerdo das minhas forças estava quase apoiado no flanco direito das companhias da esquerda, se me não engano até na comp.a do regimento de Inf.a n.o 23; além disso, mais ou menos nessa altura, o sr. capitão Romano Barnabé Ferreira pronunciava um ataque sobre o

[1] Era José Virgolino ~~Faia~~ Quaresma.

flanco esquerdo dos rebeldes, ataque que foi reconhecido e apreciado das posições ocupadas pelas tropas do capitão Sousa Gonzaga, enquanto o tiro de Artilharia, apesar do nevoeiro e da chuva, dificultarem a pontaria, causava certo mal estar ao inimigo.

«As condições de luta pareciam-nos, pois, favoraveis, quando recebi a nota de V.. mandando retirar porque as tropas estavam desorganizadas.

«As informações que levaram V.. a esta resolução, não foram, por consequencia, dadas por mim.»

E' claro que, no relatorio, quem souber ler nas entrelinhas, notará que não disse tudo quanto quereria dizer.

E de facto não disse.

Não quiz ferir ninguem directamente. Solicitei, em devido tempo, uma carta topografica da região; nunca a recebi e toda a gente compreende como me poderia orientar em terrenos desconhecidos e com tempo de neblina densa e chuva que tiravam todo e qualquer ponto de referencia. Valeram-me os oficiais da companhia do ten.te Soares que conhe

ciam bem a região e se informavam conscienciosamente.

Depois, o capitão Romano B. Ferreira recem-chegado da prisão manteve-se sempre ~~como~~ sem reconhecer o meu comando embora me tratasse com as devidas deferencias; foi para o reconhecimento e nunca mais deu sinal de si — o que impediu, muito naturalmente, o desenvolvimento do ataque. Via-se bem que este capitão queria ficar com as honras do exito com o que eu aliás me não importava se não fosse a deslealdade e até a possibilid.e de comprometer o plano.

O facto de ser um dos chefes da revolta de 12 de Outubro e ter, desde então, estado preso, deu-lhe fóros de superioridade e julgou-se com direitos de saltar por cima das conveniencias.

Pequenas inferioridades humanas.

Um major comand.te das forças da esquerda a que me refiro no relatorio era o José Virgolino Feio Guarecoma, creatura dubia que apareceu na baralha com o Mendes dos Reis e se quiz impôr como competente e importante. Veiu a ter mau fim a sua vida militar, embrulhado em casos pouco limpos.

Durante horas seguidas estive com a companhia do ten.te Soares, como reserva, em um ponto da estrada em que esta, numa curva, passava em trincheira e, por consequencia, ao abrigo da fusilaria que se sentia bem na côroa dos pinheiros altos que cobriam o terreno. Dei dali as poucas ordens que poderia dar, menos ao capitão Barnabé Ferreira que, como disse, quiz sempre proceder como independente.

A uns 50 m. tinha, ás minhas ordens uma secção de Artelharia com dois oficiais novos, não me lembro se milicianos, vindos do Corpo Expedicion.º á França e que levávam tudo a brincar.

Posso aqui contar um episódio que me fez impressão e beliscou os meus sentimentos humanitarios.

De uma das vêzes em que subi á posição onde estavam as peças, o nevoeiro abriu um bocado e deixou ver um pouco os esteiros do Vouga em grande parte inundados; e em certo ponto via-se um casarão que me pareceu grande adega ou grande celeiro. Com os binoculos, quer eu quer os rapazes víamos á volta soldados que pareciam da Guarda Re-

publicana, nesses momentos da Guarda Real do Porto.

Um dos rapazes disse logo que havia ali tropa recolhida e que, se eu désse licença, mandava-se para lá um balazio. Eu disse que não, que aqueles homens não estavam a combater e que não me parecia m.to das regras ir destruir um edificio onde se abrigava, quem sabe por qual motivo, gente que poderia ser inofensiva.

Os rapazes riram-se e disseram-se qualquer coisa amavel e ficaram-se, naturalmente, a chamar-me parvo...

Passado pouco tempo recebi ordem para visar com a Artelharia uma concentração de tropas em tal e tal ponto; fui ter com os rapazes artelheiros e pela carta deles localisámos a concentração no tal local dos esteiros; mas nesse momento o nevoeiro era tão denso que os tiros seriam perdidos pela dificuldade dos calculos.

As nuvens, porem, daí a pouco abriram-se; os rapazes fizeram logo as pontarias para tiro directo. E ainda adverti:

— Façam pontaria alta...

Qual!... Os rapazes, com a mentalidade

0-5

creada nas trincheiras da Flandres, não es-estiveram com meias medidas. Com o meu binoculo assestado, vi a primeira granada rebentar um pouco acima do telhado do casarão e a segunda cair mesmo sobre as telhas e espatifar tudo. Assisti, confrangido, ao dispersar duma chusma de homens que, como em formigueiro pisado, saiam do edificio e fugiam em todas as direcções, á procura de abrigo nos pinhais proximos.

Os rapazes fizeram certa algazarra:

— Então, meu major! Era ou não era concentração?

Não ha duvida que era concentração; mas seria necessario e util desmantela-la com perigo de muitas mortes? Bem sei que estavamos em guerra, como outra qualquer; guerra civil, é certo, mas era guerra; todavia eu não compreendia aquela satisfação dos rapázes ao verem a fuga desordenada dos homens, alguns possivelmente feridos, quem sabe se deixando mortos lá dentro.

Mas adeante.

A meio da tarde apareceu o Mendes dos Reis, sempre aprumado, com toda a pacatez e delicadeza. Expuz-lhe a situação que ele ou-

vir sem comentários; convidou-me a acompanhá-lo à lomba do terreno que nos encobria e de onde se poderia ver qualquer coisa se o nevoeiro e chuva deixassem. Subimos, conversando, vagarosamente; lembro-me bem de que nos caíam em cima grande quantidade de bocados de rama dos pinheiros que as balas de Infantaria, sempre assobiando, faziam quebrar. Já me vinha habituado, não fiz caso; mas mesmo que o fizesse teria de fingir que não dava por tal. O comandante conversava como se nada fosse.

Na lomba, por alguns rasgões que as nuvens de vez em quando abriam, viam-se em baixo os esteiros alagados; e para a nossa direita as terras onduladas cobertas de pinheirais; o som do tiroteio indicava que para o Norte havia luta — mas não sabíamos localizá-la.

Quando eu disse que o Romano Barnabé Ferreira não dera notícias e que só tinha informações da coluna da direita, dos lados de Albergaria, o Mendes dos Reis pareceu-me contrariado mas manteve-se sempre com a mesma linha reservada e correcta.

Quando, sobre a tarde, recebi ordem para retirar, fiquei surpreendido especialmente

por a ordem dizer que as tropas estavam des-
moralizadas... Com os oficiais da companhia
do Ten.[te] Soares comentou-se a resolução.

Desorganizadas?... Quem as desorgani-
zou? Passado tempo, ao lembrar-me do epi-
sodio, quiz-me parecer que varios factores
causáram aquele desfecho: o tempo encober-
to que não deixava ver alem de 200 m.; a pos-
sivel má orientação dada, de começo, ao ata-
que; a falta de coordenação entre as fracções
que o realizaram e, com certeza, a tal ten-
dencia de certos oficiais que se julgávam ca-
pazes de por si só resolverem os problemas e
puzeram de lado as normas essenciais de li-
gações e informação.

Não quero, agora, depois de velho, estar
a fazer acusações; mas estou convencido de
que os sucessos não andáram longe disto.

Não havia, pois, ali, nada que fazer; or-
denei a reunião da companhia; nomeei o
alferes Cosme de Lemos para comandar um si-
mulacro de guarda da rectaguarda, missão de
que ele não gostou; e metemos á estrada pa-
ra Laune, com a secção de Artelharia atraz de
nós. E como nunca recebi carro de muni-
ções, o comando mandou-me uma viatura

civil que se chamava flaguetá, puxada por dois cavalos no genero dos de Tolentino; desde Lacia andava atraz de nós com os cunhetes de munições; e quando começámos a marcha para Loure eu, que desde a madrugada não me sentára e quase não comera além duma lata de atum com um bocado de pão, vime a fraquesa, ao fim de 1 Kilom.º, de entrar na carripana.

Depois arrependi-me; deveria seguir a pé com a companhia do Soares, um pouco por brio, um pouco para exemplo. Mas eu estava extenuado como aliás todos os outros e, no momento, cedi ao cançasso.

Enfim, passámos a povoação de Loure e, depois de Alquerubim, atravessámos a ponte chamada da Plata e subimos para a povoação do Eirol onde uma secção de quarteis me tinha reservado boleto em casa de um proprietario que, no dia seguinte, reconheci como antigo condiscipulo do Liceu, vinte e tantos anos antes.

Cem baixo, na ponte da Plata, a força de marinheiros e uma outra de Infant.ª que me não lembro a que unidade pertencia, ficáram a guardar as estradas. O meu amavel hospedeiro ofereceu-me um excelente jantar de can

ja de galinha com está tostada bem á portuguesa; depois de ir ver como as tropas estavam alojadas e de conversar um pouco, deitei-me entre lençois finos duma cama autêntica, coisa que não sabia o que era desde que saí de Aveiro para Cacia. Dormi profundamente e no dia seguinte, de manhã, quando o meu condiscipulo do Liceu me servia, com carinho, uma boa dejejúa, vieram entregar-me uma ordem para seguir logo para Angêja de onde os adversarios, na tarde da vespera, retiráram apressadamente «á simples "aproximação da Cavalaria do Destacamento "da direita!» (1)

Fiquei surpreso assim como os oficiais q. estavam na povoação do Eirol á espera de ordens. Como se dera essa reviravolta? Para que serviu todo aquele aparato da vespera, com todos os episodios irregulares a que me referi atraz?

Não sei, nem vale a pena esmiuçar aqui o caso que talvez tenha uma parcela de cómico; é possivel que escoldrinhando os relatorios que devem existir no Arquivo Histórico

---

(1) Frase do meu relatório.

Militar se vislumbre alguma razão que es-
clareça o episódio.

Mas eu já não estou para os escoldrinhar.

E' claro que mandei reunir todas as fracções que estavam na aldeia pitoresca do Eirol e largámos para Angeja.

O Mendes dos Reis, nesse dia, deu-me conhecimento de nova organização do Destacamento que ficou sendo conhecido pelo Destacamento de Aveiro. Eu fiquei a comandar as mesmas comp.as de Infantaria n.º 24 (a do tenente Soares e a do capitão Zeferino Camossa) e a de Infantaria 23 do ten.te José Augusto da Cruz que andava por outras mãos e voltou ao meu comando.

E estas companhias ficaram constituindo o 2.º Batalhão do Destacamento n.º 2 da 5.ª Divisão em Operações

Em 4 de Fevereiro vieram mais umas dezenas de homens do regimento de Infantaria n.º 24 que andavam, não sei por onde, com o meu condiscípulo Aurelio de Azevedo Cruz; e quatro dias depois apresentou-se-me uma companhia do regim.to de Infantaria n.º 7 (Leiria) com 150 homens comandados

pelo capitão José Salvação Barreto, com dois subalternos — um dos quais era o alferes Rodrigues Mendes que, depois de 28 de Maio de 1926 foi homem para varios serviços como o de Governadôr Civil do Faial, de Leiria e doutro distrito que me não ocorre e não sei que outras situações boas.

E assim andou o batalhão até ao final das operações e do tempo de guarnição no Porto.

Ora chegados a Angêja, na tarde de 31 de Janeiro, alojadas as companhias e fixado na casa onde me aboletaram para dormida, apenas; depois duma vista de olhos á velha vila pitoresca, com aspecto de terra boa, com belos predios e estabelecim.tos de certa importancia; recebi ordem para no dia seguinte ocupar os Postos-avançados na linha Fermelã-Solereira, em frente da bem acentuada linha de alturas do Salreu já sobranceira a Estarreja.

A esquerda da minha linha de postos mergulhava nos esteiros, então cheios de agua que as enchentes continuas mantinham alta; a direita perdia-se pela lomba fóra, arborizada, que vagamente ia ligar á esquerda do Destacamento n.º 1, vulgarm.te chamado de Alber-

garia, comandado pelo meu antigo coronel Hermenegildo dos Santos Pestana.

Para lá fui na manhã de 1 de Fevereiro e fiquei alojado numa casa, quase na esquerda, próxima á estrada para Estarreja. Fui render o batalhão nº 3 do Destacamento, comandado pelo capitão Jaime Baptista — desembaraçado oficial com quem mantive as melhores relações pessoais.

Durante nove dias se andou neste serviço em frente de Salreu onde os monarquicos tinham apenas vigilancia.

Naquela primeira noite de 1/2 de Fevereiro, desencadeou-se um furioso temporal que as sentinelas dos postos tiveram que suportar. Lembro-me do estado em que me apareceu o comand.te duma força de Cavalaria que era mandada sempre á tarde para reforçar a vigilancia — e se a memoria me não falha era nessa noite o alferes Eduardo Mimoso Serra, rapaz resoluto, que se apresentou a escorrer agua que molhou o sobrado, mas de cara alegre como se nada fosse.

Na segunda vêz que estive nos Postos, novo temporal caiu com chuva torrencial e se me não engano foi nessa tarde que se me

apresentar um alferes de Cavalaria, da patrulha, com ares distinto, simpatico, que me disse, ao cumprimentar-me, chamar-se F... Maria do Carmo Noronha. (Não me recordo já do nome de baptismo).

Olhei para ele e vi-lhe semelhanças com o meu condiscipulo do curso de Cavalaria da Escola do Exercito, Nuno Maria do Carmo Noronha. Perguntei se era parente e perante a resposta afirmativa, disse-lhe jocosamente sem querer dar a impressão de suspeita:

— Então o meu alferes é sobrinho, por afinid.e, do capitão Paiva Conceiro que nos está a incomodar ali em frente...

O rapaz sorriu-se e com toda a delicadeza respondeu:

— Sou realmente sobrinho do Tio Paiva Conceiro... Mas fique V... descançado que não sou seu correlegionario. Estou aqui porque consegui fugir da cadeia no Porto onde ele me mandou prender, logo de começo, por lhe ser muito suspeito.

Contou-me então a sua odisseia para poder chegar aos nossos postos e fazer-se acreditar como leal ao regime. Gostei do rapaz com quem conversei largamente e que con

c

videi para jantar, tanto mais que nesse dia tinha excelentes enguias de caldeirada que me oferecera o alferes Napoleão Soares, de Infantaria 24, natural da região e que me pedia que o deixasse ficar no posto da extrema-esquerda, junto dos esteiros, onde se entretinha a pescar enguias e a cosinha-las divinamente.

Nunca mais voltei a ver o alferes Noronha, nem a saber dele.

Foi por esta altura da m.ª permanencia em Angeja que se deu um episodio de que já não saberei reproduzir pormenores de verdade; não tomei entãos notas e só posso contar, e com as devidas cautelas, o que a memoria me diz. Contudo, por uns documentos que o Cor.el Salvador Pinto da França me deu, relativos a este periodo, posso dizer que o episodio se deu em 8 de Fevereiro, estava eu com o meu batalhão em reserva de postos-avançados e passeava pacatamente pela vila.

Surgiu um automovel aberto (um dos largos) em que vinham oficiais dos quais me lembro Viriato Sertorio dos Santos Lobo, talvez capitão de Caval.ª com o curso do Estado Maior, o capitão Romano Barnabé Ferreira já aqui falado, o tenente ou capitão Alcide de

Oliveira, dos Serviços da Adm.ção Militar e se a memoria me não falha, mais um dois de que perdi os nomes ou me eram desconhecidos.

Ao verem-me, mandáram parar o carro e disseram-me, com certa exaltação (em especial o Viriato Santório) que iam a Aveiro junto do coronel Peres, protestar contra o facto de o Gen.al Tamagnini de Abreu ter assumido o comando das tropas que combatiam os monarquicos e afiançar que haveria movimento subversivo nos Destacamentos se aquele general não desistisse do cargo e o não entregasse ao Cor.el Peres. Ao mesmo tempo convidáram-me a aderir ao protesto com o meu Batalhão.

Fiquei a olhar para eles... Era num momento destes que se ia fazer um "pronunciamento"? Na presença dos adversarios? O general não lhes merecia confiança? Falei-lhes com calma, principalmente dirigindo-me ao Viriato Lobo que era creatura violenta; e disse-lhes que não, que os não apoiáva nem os apoiaria.

Encolheram os ombros e seguiram para Aveiro. E eu pensei um bocado no que podia fazer, passeando no largo da vila, de

um lado para o outro, e bastante preocupado. Por fim, resolvi ir ao comando e perguntei ao Mendes dos Reis, com ar despreocupado, se ele sabia de más vontades contra o general Tamagnini pois me constou, por zuns-zuns que as havia entre muitos oficiais dos destacam.tos da zona marítima.

Pareceu-me que o Mendes dos Reis ficou preocupado e esteve, durante um bocado, a pensar. Ao fim dum minutos resolveu entregar-me o comando do sector e ir a Aveiro saber o que havia. Perguntou-me se eu sabia quem eram os protestantes; disse-lhe que não, que o que sabia vinha de zuns-zuns impessoais.

Saiu precipitadamente, meteu-se no automovel e seguiu. Eu fiquei no belo palacete onde o comando se instalára; sentai-me em comoda poltrona e fiquei-me a ler a Capital Federal de Coelho Neto que comprára em Aveiro e me acompanhava para as horas vagas ou, como esta, de espéra.

Duas horas depois apareceu o tenente-coronel Mendes dos Reis, com ar satisfeito e me largou, logo de entrada, ao despir o capote, a grande novidade:

— O Tamagnini pediu a demissão de comandante, logo de manhã e o Peres é quem nos comanda. Realmente houve qualquer coisa que se abafou com a demissão. Foi melhor assim...

Agradeceu-me a minha intenção e garantiu-me que o meu aviso, embora vago, era importante. Há muita gente irrequieta que não atendia ao melindre da situação e parecia ter gosto em a agravar só por satisfazer as suas más vontades ou até ódios pessoais. E assim acabou a conversa.

Nunca cheguei a saber os meandros da tramoia e já agora, naturalmente, não os saberei. Contudo, pelo que atraz deixei dito a respeito do general, eles, os protestantes, não deixavam de ter alguma razão...

Mas adeante.

Na Ordem de Serviço n.º 3, da 2.ª Repartição da 5.ª Divisão, datada de Agueda em 9 de Fevereiro, no seu art.º 2.º, dizia-se: « Que por ordem de S. Ex.ª o Ministro da Guerra, marcha a apresentar-se na Repart.ª do Gabinete da Secretaria da Guerra, o General Snr. Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, comand.te da 5.ª Divisão em Operações, assumindo o comando interino

da 5ª Divisão em Operações, o coronel de Infantaria snr. José Domingos Peres.»

E assim se encerrou o incidente com prejuiso para o bom nome do general Tamagnini de Abreu.

Na 3ª vez que fiquei em Postos-avançados na Fermelã, o tempo não esteve muito mau mas a tarde e a noite passaram-se a ouvir tiroteio dos lados do Salreu; procurámos localizar a origem do fogo mas não foi possivel.

Na tarde apareceu-me o Mendes dos Reis sempre muito correcto na sua farda bem talhada, que me chamou á parte, a uma eira de uma herdade proxima em sitio dominante e me disse, com ar confidencial, que havia informações de que os monarquicos iam desencadear, na manhã seguinte, a ofensiva e que a nossa posição de Fermelã não era segura se o ataque fosse dado com efectivos fortes. Assim eu deveria manter-me o mais tempo que podesse e retirar sucessivamente por posições á rectaguarda que me foi indicando — pois o local onde estavamos dominava bem o terreno tanto para um lado como para o outro.

A certa altura da conversa e das instrucções, ouviu-se, do lado de Estarreja, o som

de violenta explosão e pouco depois viu-se bem elevar-se uma coluna ou de fumo ou de poeira, bastante escura que nos intrigou.

Com os binoculos, localizámos o local da explosão e o Mendes dos Reis, mais conhecedor do terreno do que eu, disse que fôra no pontão da linha ferrea sobre a ribeira de Antuã e concluiu com certa justeza:

— Se os homens estão a inutilisar a linha para o Sul de Estarreja é porque não estão dispostos a atacar.

E daí a pouco:

— Parece que temem a nossa ofensiva e estão a arranjar obstaculos.

Aconselhou-me, contudo, a não descurar a vigilancia e a não pôr de lado a possibilidᵉ. do ataque, pois a explosão poderia ser estratagema.

Chamei os capitães, dei-lhes conta do que se passára e transmiti as instruções recebidas do comandante. Veiu a noite; do lado de lá continuou o tiroteio, aliás sem resultado e sem qualquer razão; e eu passei a noite a pé, ora percorrendo a linha de vedetas ora passeando na saleta da casa á espera do que desse e viesse.

Romperu a manhã, saí em busca de informações: as patrulhas lançadas dos postos não acusaram movimento de qualquer especie no lado de lá; a força de Cavalaria deu igual informe e aproximou-se a hora da rendição e os monarquicos não deram sinal de si.

Na mad^{a} a explosão foi na ponte do Antuã, na linha descendente, se a memoria me não falha; e se houve movimento de tropas foi no sentido de retirada para o Norte e tambem de defensiva nas posições de Estarreja onde se via, bem á vista, imponente sobre o telhado da casa da Camara, uma grande bandeira azul e branca.

Em 9 de Fevereiro, á noite, o comand^{te} Mendes dos Reis deu as instruções <u>verbais</u> para no dia imediato se fazer o ataque a Salreu, isto é, á grande lomba, bem pronunciada, onde está a povoação deste nome que se estende para Leste com varias designações e em grande extensão. Povoação rica, quase sempre ao longo duma rua, com excelentes prédios, largos ajardinados, etc. que me deixou bela impressão.

0-6

Este ataque já estava planeado pela Ordem secreta nº 4 de 7 de Fevereiro dirigida aos Destacamentos.[1] Por qualquer razão foi adiado para 10 e as instruções que o Ten.te-coronel me deu foram minuciosas e bem claras.

Realmente o Mendes dos Reis era sempre preciso e claro nas suas directrizes; no fim das sessões ninguem poderia dizer que não ficou ciente.

Ouvi, como ordinariamente, com atenção o plano e transmiti aos comand.tes das companhias tudo quanto me foi recomendado. E como nesse ataque do dia 10 eu novamente me vi envolvido numa batalha da desagradavel, e fui acusado de mau comando, vou transcrever periodos do relatorio que entreguei ao Mendes dos Reis e q. fala como escritura:

« Deu V.. todas as instruções verbalmente e indicou-me que o meu batalhão teria por missão realizar a marcha pelo Sobreiro

---

(1) Esta ordem com outros docum.tos dados pelo cor.el Salvador Pinto da França, ficam guardados em pasta á parte mas junto destes volumes de memorias.

sobre a frente, passando por Pedras Brancas até Porto de Baixo e uma povoação a Sul, cujo nome não posso citar porque não tenho carta e porque me não recordo já. Entre as instruções, V.. recomendou-me (como na noite de 29 para 30 de Jan.ro) que procurasse as ligações com a coluna da direita (Destacam.to n.º 1) porque o 1.º batalhão faria as necessarias ligações com o meu.

« Iniciei a marcha para o Solreiro á hora determinada; no Solreiro, para poder ultrapassar os Postos-avançados, tive que esperar pela Cavalaria que ainda não tinha chegado e, só depois de algum tempo, quando a exploração se iniciou, é que eu ordenei a marcha do meu batalhão que avançou com a 1.ª companhia na frente.

« O terreno, ao começo levemente ondulado, depressa se mostrou cortado por sulcos e valeiros fundos, encharcados e de vertentes asperas; quase todo coberto de pinhais, dificultava qualquer observação que não fosse muito proxima; constantemente cortado por atalhos, em regra máos, complicava a marcha porque não havia pontos de referencia e porque não tinha uma carta*. Alem de tudo, o tempo estava pessimo; a chuva, de certa altura em dean

te, caía desabaladamente, encharcava cada vêz mais o terreno, tornava caudalosas umas ribeiras que se tiveram de atravessar — e eu, sem carta e sem cavalo, via-me num embaraço que só pode compreender quem me acompanhou e quem passou pela dureza daquele dia.

«Não me refiro a estes factos para dar a impressão de que eu e o batalhão merecem louvor; tão somente para minha defesa eu trago á balha isto porque fui acusado (embora o não fosse directamente) de ter prejudicado a marcha do 1.º batalhão [1] sobre o Salreu onde apenas estavam uns dezóito homens dos rebeldes — unico obstaculo que aquela unidade encontraria na sua marcha p.ª a frente.

«E' certo, porem, que apesar de tudo, mau grado a aspereza do dia, as dificuldades do terreno, a inabilidade das ordenanças de Cavalaria que duas vezes deixaram perder o contacto entre as tres primeiras companhias (que avançavam em linha e bem ligadas para o seu objectivo) e a companhia que constituia a reserva; não obstante a dificuld.e de orien

---

[1] O do major J. Virgolino Feio Quaresma.

tação que aumentava com a cerração da tarde e com o desconhecimento para todos do terreno — é certo, dizia, que o objectivo dado por V.. para o batalhão foi atingido relativamente cedo e ultrapassado até na direita pois se alcançou a povoação do Bontelo, creio que limite de marcha para a Cavalaria.

«As ligações com o 1.º batalhão, valha a verdade, foram imperfeitas; mas V.. na véspera, disse-me que elas seriam feitas da esquerda para a direita.

«Temendo, contudo, que sucedesse o mesmo que em 30 de Janeiro anterior, recomendei especialmente á 1.ª comp.ª que avançava na esquerda, que procurasse ligação com a direita do 1.º batalhão — não quisesse o Diabo q. a falta de ligação redundasse em asneira grossa! Enviei até o ajudante do batalhão para auxiliar esse serviço — tão certo foi o eu preocupar-me com uma coisa de que V.. me não encarregou e que eu tomei a peito simplesmente para bem do serviço que se fazia.

«Por isso, admirei-me quando, cerca das 13 horas recebi uma nota do 1.º batalhão que me pedia: «mantenha-se em ligação com as minhas forças»; coisa de meia hora depois

uma nota de V.. dirigida para o comandante da Cavalaria dizia: «diga ao major Pimenta "que ligue com o 1º batalhão» e recomendava que eu prolongasse o flanco direito deste; a cerca das 15 horas V.. insistiu: «estabeleça "ligação com o 1º batalhão» e recomendava que avançasse para este batalhão poder tambem avançar.

«Ora é conveniente dizer que o meu batalhão avançou sempre regularmente, quase sem fazer paragens e que atingiu o seu objectivo cerca das 15 h. e 30 m.; que a 1ª compª participou-me que durante a sua marcha foi-lhe impossivel ligar com as forças da esquerda por dificuldª do terreno e por insuficiencia do seu efectivo; e julgo dever acentuar que me não pareceu nunca que os dezoito a vinte homens que os rebeldes tinham em Salrau fossem motivo suficiente para o sr. comandte do 1º batalhão deixar de cumprir as indicações dadas na vespera por V.. e tambem me não pareceu motivo para que V.. modificasse, de repente, essas mesmas indicações precisamente quando eu tinha as companhias empenhadas no avanço, quando lutava com as dificuldª do terreno e do tem

po tempestuoso e quando, pela falta de uma carta e de pontos de referencia, se levantavam a todo o momento dificuld.s de orientação a ponto de, por duas vezes, eu ver iminente a perca de contacto motivada pela insuficiencia ou inhabilidade dos meus agentes de ligação e, por consequencia e em boa linguagem, ap ver-me perdido das companhias da unidade que comandava!

« Nessa altura tinha que modificar a directriz da marcha porque teria de obliquar sobre a esquerda; empregar mais forças para as ligações, anulando quase a reserva que já estava fraca por constante envio de patrulhas; avisar a Cavalaria que eu então não sabia onde estava ou estaria em sitio onde os meus homens não saberiam ir; enfim, alterar por completo uma marcha que se fazia penosamente, com sacrificios e que se realizou devido á competencia e dedicação dos comandantes das companhias e mais oficiais — só para que o 1.º batalhão avançasse contra Salreu defendido por dezoito ou vinte homens.

« Isto tudo, até, poderia dar a impressão ás pessoas desconfiadas, de que havia o proposito de dar ao 1.º batalhão missões de certo destaque

e que fossem faladas nas gazetas, lançando as outras forças para simples missões secundarias e de mero auxilio.

« Desculpe V.. o tom que emprego aqui, neste comenos, e que não está bem com os meus habitos — mas a defesa do meu batalhão exige a mais honrada verdade.

« O meu batalhão cumpriu tudo o que lhe foi determinado e, apesar de todas as dificuldades, não necessitando auxilio de ninguem; ao chegar ao seu objectivo, sem ter comido nada desde as 8 horas, instalou os Postos avançados ao longo da linha Soutelo — Campinos de Salreu, debaixo de constante temporal; e, quando eu, por mera cortezia, mandei um oficial procurar o comand.te do 1º batalhão para saber, ao certo, onde estava a sua direita para não deixar intervalo prejudicial á defesa, este sr. oficial teve, com modos bruscos, uma frase desprimorosa para a minha unidade.

V.. mesmo, quando o meu ajudante foi receber ordens ao Q.tel General de Canelas, teve palavras de menos justiça para comigo e ditas deante de muita gente — podendo dar a impressão a quem ouvia de que eu e o batalhão não tinhamos cumprido com o que fô-

ra determinado e que tinhamos prejudicado o facil exito da ocupação de Salreu.

«A marcha violenta, como fôra, extenuou-me; tive de a fazer a pé porque nunca me foi dado um cavalo; e ao chegar á noite ao Salreu, senti que não poderia continuar a comandar o batalhão — acrescentando á minha falta de saude a desconfiança superior de que eu seria um obstaculo á realização das operações.

«O receio de me não aguentar fisicam.te e de continuar a prejudicar o exito das operações contra os monarquicos, levou-me a baixar ao Hospital M.ar de Aveiro afim de descançar uns dias ou mesmo abandonar o serviço do Destacamento se isso fosse necessario para bem do mesmo.»

A transcrição foi longa mas valeu a pena. Eu tinha o condão de ser o poste das marradas daquele sr. major Teio Quaresma que queria ser sempre superior em tudo e gosava da complacencia do Mendes dos Reis. E eu com a fama (aliás sem proveito) de homem de letras é que papava as favas.

A minha defesa foi porem clara e vim a saber depois que o Mendes dos Reis sentiu-

se um pouco atingido e não gostou muito; foi, porém, correcto e nunca se queixou.

Apenas numa carta que eu conservo, lastimava ligeiramente, mas educadam.te, as minhas queixas que, não obstante, não destruiu ou diminuiu.

Passados muitos anos, falando no Arquivo Hist.co Militar com o Ferreira Lima, seu director, a respeito desses sucessos de 1919, ele mandou procurar o meu relatório na pasta respectiva mas não foi encontrado como foram os dos outros comand.tes de batalhão do Destacamento. Concluímos que o Mendes dos Reis quando entregou o seu relatório não o fez acompanhar do meu de certo porque iria, já não direi desmentir, mas alterar alguma coisa o que no seu escrevera.

Mas... velhacamente, confesso, quando voltei a Coimbra, fiz uma cópia e remeti-a ao Ferreira Lima que a leu e concordou com que o seu desaparecimento, quase com certeza, fosse provocado pelo próprio tenente-cor.el Reis. Porém, lá ficou no Arquivo para a Posteridade julgar, se assim o entender e se benignamente quiser ter esse trabalho...

Voltando á marcha contra a hipotética fortáleza do Palrau...

Cheguei estafado e molhado á povoação onde já o provisôr me tinha marcado alojamento e ao alferes miliciano Abel Rebocho Vaz (funcionario de finanças ha pouco falecido) que eu tomára como adjuntó do comando para o livrar de suspeitas, como comand.^te^ de pelotão, de pouco leal ao regime.

Fomos aboletados em uma esplendida casa de um velhote rico que afinal era sogro ou tio avô da esposa de um meu velho condiscipulo de tu, desde a Instrução Primaria e patricio, Artur Vieira de Carvalho, filho dum negociante na rua de Ferreira Borges ou Calçada, muito conhecido e considerado em Coimbra, Vieira de Carv.º que, por ser calvo, era cognominado por «Vieira careca.»

O velhote recebeu-me excelentemente, obrigou-me a ir para perto do fogão da sala da mêsa para secar as botas encharcadas e aquecer os pés ao mesmo tempo; fez-me, e ao Rebocho Vaz, servir uma refeição quente que me soube maravilhosam.^te^ pois desde a madrugada nada comera porque o provisôr pez dera-se ou não deu com a 4.ª companhia do

batalhão que ia na reserva e me acompanhava na marcha.

Lembro-me muito bem... (lá vai uma recordação romanesca para alegrar a narrativa insulsa que estou fazendo) de que entre as pessoas da familia do dono da casa, presentes ás nossas refeições, havia uma senhora, sobrinha do velhote, dos seus 30 a 35 anos, casada com o marido ausente, com uns olhos extraordinarios, negros e profundos, que pareciam lançar chispas de dolorosa solicitação... O mexer das mãos revelava temperamento nervoso e as faces um tanto ou quanto palidas, com olheiras, denunciavam as exigencias de sangue quente.

Enfim, tenho ainda bem presentes, apesar de já lá irem 44 anos quase certos[1], esses extraordinarios olhos que me impressionáram e que no dia seguinte não voltei a ver.

Mas adeante.

Retomando o fio... Ao chegar a Salreu, encharcado e aborrecido com todas as peripécias que contei, senti que estava febril. Andáva já um pouco constipado e não me admirei

---

[1] Estou a escrever em 18 de Fever.º de 1963.

que tivesse piorado com a marcha tão desagradavel. Passei a noite em claro, por assim dizer; fiquei vestido, apesar da boa cama oferecida; e o estado febril manteve-se até de manhã que, felizmente, apareceu excelente.

Resolvi procurar o medico, o Barata da Rocha q. fui encontrar deitado em cama de um quarto de certo luxo em prédio de boa aparencia; ele concordou que eu não estava de momento, em estado de exercer comando e deu-me baixa ao Hospital militar de Aveiro. ~~dado~~ Fui ter com o capitão Zeferino Camossa a quem entreguei o comando; e com o Rebocho Vaz que tambem baixava ao Hospital porque contraira doença suspeita não sei onde, fomos em busca da carripana a que já me referi e com as maletas onde tinhamos reduzida roupa, mandei bater para a povoação de Canelas onde estava o Quartel-gen.al

O Mendes dos Reis lá estava, rodeado de oficiais, sempre aprumado, com ar distinto, como se saisse do quarto de sua casa em tempos normais. Pareceu-me que não gostou da minha baixa ao Hosp.al e não a aceitou, disse-me que me considerasse doente no aquartelamento uns dias e que queria continuar a campa-

nha com os oficiais com quem começára.
Se foi sincero ou não, não sei; talvez se arrependesse do que dissera na vespera e foi atencioso.

Despedi-me dele, meti-me, de novo, na carripana e segui para Aveiro onde me apresentei ao Com.^te Rocha e Cunha que exercia qualquer função na cidade, creio que oficial de ligação com as forças navais.

Conversámos; eu tive com ele que era excelente pessoa, inteligente e m.^to compreensivo, certos desabafos que ouviu com atenção como quem avaliava bem o meu caso.

Como ainda não tinha almoçado, despedi-me e ele disse-me em tom m.^to amigavel:

— Olhe, major: daqui a umas 2 horas segue um comboio para Coimbra; vá até casa descançar estes dias; é um caso de higiene mental. E depois volte para ajudar a liquidar esta trapalhada desagradavel.

Aceitei o conselho. Fui almoçar e depois dirigi-me á estação e dentro em pouco rolei para Coimbra num estado de espirito que talvez não saiba descrever.

Se é certo que eu necessitava descançar os nervos profundamente alterados, ao mes-

no tempo, no meu espirito surgia a dúvida de eu me esquivar ao serviço tanto mais que no caminho, nas alturas da Fermelã, ouvimos a Artelharia a troar com frequencia, sinal de que o ataque a Estarreja se estava já a realizar. Não tinha pena, na verd.ᵉ, de não assistir ao combate; mas sentia que a minha saída, horas antes, dele começar, não seria das atitudes mais elegantes para me servir dum termo apara em moda.

Estes prós e contras ferveram-me no caminho enquanto o comboio ronceiramente seguia para Coimbra; e durante os dois escassos dias que estive em casa, não saía p.ᵃ me não mostrar — não fosse a má lingua chamar-me «emboscado», termo que se usou muito durante a guerra que pouco antes terminára.

No dia 13, porem, entendi que o descanço fôra suficiente e meti-me á tarde num comboio militar que seguia para o Norte. Cheguei a Aveiro ao anoitecer e encontrei a cidade alvoroçada com a noticia de que no Porto se restabelecera o regime republicano e de que as tropas monarquicas se renderam sem formalidades

Fui ver com o comand.te Rocha e Cunha. A consciencia dizia-me que a minha apresentação no batalhão era, agora, susceptível de ser recebida com sorrisos... Acabára a luta, já daí em deante o caminho não vinha perigos e a minha chegada poderia parecer que ia colher os louros que os outros conquistaram. Expuz ao bom Rocha e Cunha estas minhas duvidas e pedi-lhe que me desse guia para o meu regimento 35 pois já não era preciso e, para qualquer eventualidade, o Zeferino Camossa comandaria muito melhor do que eu.

Conversámos um pouco e o Rocha e Cunha respondeu aos meus escrupulos dizendo que a m.a obrigação era apresentar-me ao Mendes dos Reis e se este concordasse comigo então regressaria a Coimbra; por sua parte, entendia que o meu papel continuava pois ainda se não sabia se para o Norte as coisas estariam tão simples como na região de Estarreja e na cidade do Porto.

Dormi em Aveiro e no dia seguinte, 14, logo de manhã, procurei transporte para Ovar onde me disseram estar o meu batalhão. Encontrei casualmente o tenente

(creio que era miliciano) Abel Lopes de Almeida, da Administração M.ar que foi noutro tempo meu sargento no regimento de Inf.ª n.º 23 — por sinal que mau sargento embora bom rapaz.

Veio para mim, quando me avistou, com certo ar de velha amizade; contou-me que chegára de Africa ha pouco e se apresentara logo sinceramente, etc. etc. Estava, nesse momento, para ir a Ovar em serviço e me ofereceu logo um logar num automovel que vi perto, não sei de quem.

Eu aceitei e lá fomos, estrada fóra, para Ovar onde encontrei o batalhão dentro dum combóio parado na estação do cam.º de ferro.

O Mendes dos Reis estava com os seus ajudantes numa carruagem de 1.ª classe; ao ver-me, recebeu-me bem, afirmou que gostava de levar os seus oficiais até ao final da tarefa e recusou dar-me guia de marcha para recolher ao regimento.

Repito: não sei se foi sincero; aparentemente, porem, mostrou correcção, como aliás fazia sempre; nunca o vi exaltado, com maus modos. Fiquei com excelente impressão dele mas nunca mais o encon-

trei; ainda vive, com perto de 90 anos se os não tiver já e, segundo me disseram, há pouco tempo, com relativa saude e desembaraço.

Procurei as carruagens onde estavam os oficiais do batalhão e daí a pouco o comboio partiu, mt.^to^ comprido e ronceiro.

Parou o comboio na estação do Espinho e aí se desceu para ficarmos á espera de ordens. Estava terminada a campanha e íamos entrar numa segunda fase a que se poderá chamar do rescaldo.

As tropas foram aquarteladas, melhór ou piór e eu e os meus oficiais fomos tomar quarto num hotél fronteiro á estação, na esquina Sul da rua central a que, antigamente, se chamava o Chiado.

Havia em todos um ar de alivio e satisfação; os comandos superiores, se me não engano, já estavam no Porto e nós ficamos á espera do dia da nossa entrada triunfal na Cidade Invicta.

Lisbôa:

7 de Dezembro de 1962
a 20 de Fever.^o^ de 1963.

III

«E ainda viajo m.ta vêz, absorto,
Pelas várzeas da minha retentiva.»
Cesario Verde: Flores velhas, a pag.

«...a verdade é esta: todos, pelo simples facto de vivermos e pelas constantes opções que viver implica, fazemos historia;...»
David Mourão Ferreira: Motim Literario, pag. 179.

Ha vinte e tal anos que não ia a Espinho. Quando passava no caminho de ferro, parecia-me ver sempre a mesma coisa, os mesmos aspectos; mas desta vêz notei que o mar avançára muito e destruira a parte velha da vila; e das janelas do hotel, ao pé da linha ferrea, viam-se logo as ondas quebrárem na reduzida praia que, aliás, foi sempre má.

Havia boa disposição em todos e ao jantar do hotel onde me alojei com alguns dos meus oficiais e onde muitos outros se alojaram, o champagne estoirou em varias mesas e um ou outro mais exaltado (ou mais bêbedo) lançou um brinde entusiasta.

Foi isto, como disse, em 14 de Fevereiro.

Pouco depois da chegada, reuni os meus oficiais e assumi o comando — não sei se com satisfação deles. Recebi ordens do Mendes dos Reis que instalou o seu Quartel-General no salão da Assembleia, no 1º andar, ao mesmo tempo que o capitão-de-fragata Afonso Cerqueira que comandava o batalhão de marinheiros e seu imediato 1º tenente Carlos Augusto Vilarinho.

Devo até aqui notar que estes dois oficiais da Marinha, distintos como eram, especialmente o primeiro, não davam confiança aos oficiais de terra que ali havia; só se dirigiam ao Mendes dos Reis e mesmo assim com ar sobranceiro. Era atitude pouco simpatica e eu, propositadamente, quiz tirar uma prova, a certa altura, e falei para o Vilarinho a proposito de qualquer coisa de momento; ele não foi incorrecto, mas quase:

UNIVERSIDADE · LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

deu resposta sêca de quem não queria mais palavras. Hoje dir-se-ia: peneiras!

Como disse, houve animação aos jantares e dessa animação nasceu um episodio em que tive papel principal e me aborreceu bastante.

Ainda aqui não falei do capitão Jaime Baptista que comandou um dos batalhões que alternávam comigo durante o periodo sossegado de Angeja. Era um rapaz altô, sêco, com feições duras; tinha fama de valente e muito desembaraçado, capaz de certas audacias. Era honrado, capaz de se sacrificar pela palavra dada. Tinha alguma queda pela politica de que veiu a sofrer, mais tarde, depois de 28 de Maio. Tinha feitio aspero, um tanto ou quanto impertinente, mas homem sério, cumpridor, e não fugia ás responsabilidades que lhe poderiam caber.

E' claro que me relacionei com ele e fiquei gostando do seu aprumo e da correcção com que sempre tratou os serviços proprios e os que eram relacionados com outros. Ele parece que simpatizou comigo e quando chegámos ao Espinho já nos tratávamos com certa familiaridade.

[library stamp]

Ora aconteceu que no dia 14, ao jantar, parece que ele e os seus oficiais regáram alegre e copiosamente a refeição; depois, foram creio que para qualquer club ou casa de jogo onde se encontraram com o Virgolino Feio Quaresma. Já me não lembro bem do que houve entre os dois; o que sei é que trocáram expressões de certa rudeza, com alguma exaltação, no que o Quaresma, possivelmente tambem com grão na aza, se excedeu muito e ofendeu o Baptista.

O certo é que, no dia seguinte, 15, estava eu no quarto ainda a vestir-me, quando me bateu á porta e entrou o Jaime Baptista com outro oficial do seu batalhão, o simpatico Camilo de Oliveira.

O Jaime, solenemente, apresentou-me uma carta dirigida a mim e ao Camilo, solicitando que procurassemos o Feio Quaresma que na vespera o insultara e lhe exigissemos uma retratação ou reparação pelas armas. A carta entregava nas nossas mãos a sua honra ultrajada.

Um duelo!...

Li a carta vagarosam.te para dar tempo a pensar na resposta; intimamente, ri-me

é claro, porque pensei que tudo viria das bebedeiras da vespera; mas respondi que agradecia a deferencia para comigo, dei-lhe razão, mas perguntei se valeria a pêna levar a tal ponto o insulto lançado por creatura que não tinha grande fama de seriedade e que lançaria o insulto levado pela exaltação do momento.

O Jaime foi claro: não desistia, estava disposto a tudo e agradecia-me ser eu o seu representante no melindroso caso e pôr a questão tão correctamente e com tal decisão que eu conclui:

— Está bem, Baptista. Estou ás suas ordens.

Ele retirou-se e eu fiquei a acabar de me arranjar, na presença do simpatico Camilo de Oliveira, com quem ia trocando impressões acerca do incidente, ao mesmo tempo que lastimávamos a teimosia do Baptista que poderia redundar em coisa pouco agradavel. Fomos depois tomar o café com torradas da dejejua (nesse tempo, ainda eu bebia café!) e confortados com a excelente bebida, lá fomos corajosamente ao encontro do Quaresma mas, ao mesmo tempo, receosos de máu resultado.

Encontramo-lo no salão da Assembleia onde o Mendes dos Reis tinha o seu Q.el General. Havia já grande animação, muitos oficiais, em grupos, conversavam e discutiam em voz alta. Aproximamo-nos do homem com ar solene que ele logo estranhou; mostrei-lhe a carta credencial que leu com sobresenho carregado; dobrou a carta, entregou-ma e disse com ar brusco e de certo desprezo:

— Diga ao Jaime Baptista que me não bato com bêbedos!

De repente, não encontrei resposta; mas refazendo-me, segurei a carta, perfilei-me e fazendo correcta continencia disse com toda a pausa:

— Pois bem, major: não se bate com o Jaime por ser bêbedo mas bate-se, então, comigo, que o não sou...

O Quaresma olhou para mim espantado:

— Consigo?

— Sim senhor... O Baptista entregou-me a resolução da pendencia, sou eu, pois, que o represento e quero representá-lo com dignidade.

O Guaresma, visivelmente contrariado, quiz levar o caso p.ª a brincadeira; que nada tinha comigo, que nunca me ofendera, q. ficava meu amigo, etc. etc. Eu mantive-me perfilado e continuei a afirmar:

— Está tudo muito bem, mas o Jaime Baptista exige satisfação ou reparação pelas armas — e tem de havê-la ou com ele ou comigo.

O Guaresma voltou ás amabilidades, com ar de quem se via embaraçado; e como viu que eu me mantinha, acabou por me dizer:

— Bem, lá lhe mandarei dois amigos.

Eu e o Carrilo fizemos a continencia e saímos do salão. Soubémos depois que esta cêna deu azo a falatorio entre os oficiais presentes quando souberam o que se passára. Voltámos ao hotel e esperámos.

Vieram as horas do almoço e ninguem apareceu; só depois, mais para a tarde fômos procurados por dois oficiais cujo nomes já me não ocorre que vinham da parte do Guaresma. Mas o que achei extraordinario foi que, sendo testemunhas dum possivel duelo, apareceram com ar alegre,

quase a rir, como quem ia para cêna galhofeira. Quer dizer: os dois rapazes não tomáram o caso a serio — e teriam razão.

Lidas as credenciais, os dois rapazes declaráram no mesmo tom folgazão que o Quaresma não se batia e queria que compozessem a questão como entendessem e resolvessem tudo o melhor possivel. Eu peguei-lhes na palavra e como já levava papel proprio, propuz-lhes fazer um rascunho de acta que logo escrevi e com que eles concordáram.

Dizia eu na acta que o Quaresma, dado o estado de excitação alegre com que todos estavam por verem a campanha terminada, é possivel que se excedesse, sem má intenção, nas palavras dirigidas ao Jaime Baptista, como tambem a outros camaradas; que a aparencia ofensiva dessas palavras não tinha importancia... e assim sucessivam.te, quase a pedir desculpa do que dissera.

E' claro que eu não quiz levar muito longe a retratação para não humilhar de mais o homem; não quiz ser cruel... As duas testemunhas acharam bem, fizemos as copias regulares, assinámos, bebemos um café de conciliação e fomos dar parte aos respectivos

constituintes da resolução. O Jaime Baptista ficou m.to satisfeito; estava nervoso julgando que o caso daria mais que fazer; mas deu-nos um abraço apertado e comovido.

Tomára o episodio muito a serio e quando o Carrilo de Oliv.a disse que a acta fôra obra minha, deu-me novo abraço e assim ficámos amigos

Eu, intimamente, dizia para comigo, que me fizeram aborrecer com tais pruridos de honra ultrajada; que eu poderia ter passado mau bocado se o Quaresma fosse homem de outro estôfo; e que ninguem me mandou ser condescendente, afinal de contas, com bebedeiras.

E o Quaresma creio que se contentou com a má figura que fez.

Mas adeante. O caso não deixou de ser um tanto ou quanto curioso e deu-me ensejo a verificar o que os homens podem ser em circunstancias semelhantes.

Com todas estas pequenas coisas se vai aprendendo.

Sobre a tarde, eu e o Zeferino Camossa fomos á Assembleia onde, como disse, o Mendes dos Reis tinha o seu Quartel G.al para re-

ceber ordens. Este, lá estava com seu ar um tanto ou quanto solene, com outros oficiais[1]; mostrou-nos a ordem superior que havia relativa á nossa entrada no Porto, no dia seguinte, 16; explicou-nos qual o nosso lugar na coluna que se formaria em Vila Nova de Gaia e deu-nos outros pormenores.

O dia foi passado a tratar dos soldados, a prepará-los para o dia imediato em que iriamos

---

(1) Hoje, dia 2 de Março, em que estou a escrever esta pagina, quero deixar dito que ontem encontrei o Coronel Mendes dos Reis, casualmente. Foi á Farmacia Militar, na rua de S. José, comprar umas drogas e por indicação dum outro coronel que, como eu, comprava remedios, dirigi-me ao velho comandante que eu já não reconheceria sem que me chamassem a atenção. Engordou muito, o andar não me pareceu m.[to] desembaraçado, rapou o bigode que lhe dava certo aprumo; quase o não reconhecia se não fosse o olhar ainda bastante vivo apesar dos seus 91 anos bem puxados ou talvez mais. Quando lhe disse quem era, vi-lhe na expressão alguma alegria e disse-me:

— Andámos a brincar aos monarquicos! Bons tempos! Eramos mais mais novos!

Conversámos ligeiramente, pareceu-me q. ele estava com pressa de sair; eu disse-lhe quais quer amabilidades que não eram engraxadelas mas representavam a m.[a] reacção perante o encontro, ao fim de 44 anos dum comand.[te] que sempre respeitei bom e que, de então p.[a] cá, tem passado maus bocados e se tem mantido com dignid.[e]

receber as aclamações dos portuenses, quem sabe se dos mesmos que aclamaram o Paiva Couceiro e a sua gente.

No dia 16 houve quase madrugada; o batalhão veiu formar perto da estação do caminho de ferro e quando chegou a sua vêz embarcou num comboio ali organizado e seguimos para Gaia, onde de novo formariamos.

Lembro-me de que apareceram dois belgas, rapazes novos, vindos de Lisboa, autorizados a seguirem no primº. comboio militar que se formasse para o Porto; eram de familias de negociantes residentes na cidade invicta e vinham desmobilizados do exercito do seu país. Quando o comboio começou a andar, os soldados que tinham estado em França entoaram a Barbançonne com certo entusiasmo; os dois belgas não se contiveram e acompanharam alegremente o canto da soldadesca.

Episodio de que me lembro bem e que na ocasião me sensibilisou.

---

frente a varias perseguições. Vim para casa bem impressionado. Gostei de ver o homem, demais a mais resistente á decadencia fisica e pareceu-me tambem á decadencia moral.

(Lxª - 2 de Março de 1963)

Em Gaia, o batalhão formou num largo qualquer, perto da estrada nacional; ensarilhou armas e ficamos á espera de ordens. O regedor acompanhado pelo furriel da unidade indicou-me uma casa para eu almoçar; aceitei porque não haveria outro meio de comer.

Era um palacete, estilo moderno, dum rico negociante ou industrial do Porto; fui com o Carlos Alpoim que ainda figurava como meu ajudante. Bem recebidos, embora com ares cerimoniosos e reservados, serviu-nos juntamente com ele e com um amigo que nesse dia lá estava, um belo caldo verde á maneira minhota e uma excelente dobrada, das boas e caracteristicas «tripas» portuenses e não me lembro q. outro prato mais, alem de fruta, doces e charutos. Foi uma esplendida refeição que, passados dias, eu fui pessoalmente agradecer.

Ao voltar ao largo onde o batalhão formára, avistei o regedor e perguntei quem era a pessoa em casa de quem almocei; o homem, a rir, disse-me o nome de que já me não lembro e acrescentou:

— E' um dos maiores talassas de Gaia!... Foi por isso que lhe marquei a casa para Vossa Excelencia...

E' claro que a creatura merecia reprecensão; mas naquele momento e sabendo que ele estivera preso e maltratado durante o periodo monarquico, achei melhor calar-me... Confesso que fui fraco.

Quando fui agradecer ao negociante disse-lhe quaisquer amabilidades e fiz-lhe notar q. não tive culpas na intromissão. Ele, que me pareceu homem inteligente, de certo deveria perceber.

Chegada a hora e marcado o meu logar no desfile, lá fomos ruas fóra, direitos á ponte de D. Luis. Para o desfile mandáram-me 4 cavalos e umas ordenanças montadas; os cavalos foram: para mim, para o Zeferino Cameossa, para o Alpoim Castro Lopes e para o Ten.te-medico Barata da Rocha; as ordenanças montadas seguiam logo atraz de nós.

O desfile levou tempo. Na avenida que desce para a ponte houve uma paragem demorada e nós ficámos ao pé da residencia do dr. Maximiano de Lemos, professor da Faculdade de Medicina, escritor e historiador da Medicina em Portugal, com quem eu já me tinha relacionado por cartas a proposito dos meus subsidios para a historia dos Partidos Medicos

de Miranda do Conn e de Serride, publicados dois anos antes nos _Arquivos_ daquele distinto professor e poligrafo.

O Barata da Rocha, ao ver o Dr. Lemos á varanda, saiu da formatura e foi-lhe dizer que eu estava ali, á frente daquela _batalhôa_; eu, do meu lugar, saudei-o, ele disse-me adeus levantando os braços, efusivamente; e no dia seguinte foi-me procurar p.ª me conhecer.

Encontrou-me no Quartel-Gen.al e conversei um bocado com ele; passados dias fui á residencia pagar-lhe a visita. Era pessoa m.to simpatica, com maneiras simples, afectuosas; excessivam.te miope (que o obrigava a letra muito miúda) era conversadôr atraente, com conversa variada e fluente. Fiquei gostando dele e nunca mais o voltei a ver.

Uns dias depois da visita a casa dele, escrevia a meu cunhado Costa Ferreira com quem ele se dava: « Já visitei o Dr. Maximiano de Lemos que achei m.to simpatico. Tinham-me dito que era surdo, mas afinal eu agora ando mais surdo do que ele, com as varias gripes mal tratadas e sem tratamento que apanhei nestes trabalhos em que andei envolvido. Das conversas que tive com ele ficou

resolvida mais colaboração minha para os seus «Arquivos» — colaboração que não cheguei a mandar.

O desfile interminavel das tropas la seguiu pela ponte de D. Luis e ao subir-mos para a Praça da Batalha, começaram as manifestações populares principalmente ao chegarmos á Batalha, coberta de povoléu masculino e feminino que se agitava, acenava e gritava com aparente entusiasmo.

Eu dizia para os meus companheiros se tudo aquilo seria sincero; eles sorriam e encolhiam os ombros. E no meio da multidão barulhenta descêmos a rua de S.^to^ Antonio e passámos em continencia perante um tablado onde estavam as autoridades civis e militares.

Quando nos aproximavamos do tablado, vejo dirigir-se para nós o Mendes dos Reis que estava no grupo das autoridades a perguntar-me pelo Quaresma que não tinha passado com o seu batalhão na devida altura do desfile; respondi que não sabia dele

(1) Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa, Porto.

e, na verdade, não sabia nem tinha que saber; mas depois soube que se perdera nas ruas de Gaia e fôra ter ao tabuleiro inferior da ponte e seguira para o seu aquartelamento sem passar pelo ponto de continencia.

O meu destino, dentro do Porto era o quartel do Regimᵗᵒ de Infª nº 18, em Stᵒ Ovidio crais que então Praça da Republica; e assim feita a continencia, meti rua do Almada acima direito ao velho quartel onde um tenente-coronel nos recebeu com ares de comprometido e modos reservados — o que era natural, colaborára com os monarquicos e sentia-se mal com a nossa presença aliás sempre correcta e sem qualquer especie de basófia.

A proposito das aclamações nas ruas devo aqui deixar registado o seguinte comentario de meu Tio Alvaro Xavier Pimenta que não deixa de ser curioso e perspicaz.

Era ele, ao tempo, Fiscal do Governo junto da linha ferrea do Vale do Vouga e residia, por isso, em Vizeu e ao mesmo tempo tinha um quarto permanente no Hotel Chinês, em Espinho para quando lhe apetecesse deixar a Beira-Alta e ir tomar ares maritimos compensadores.

Era monarquico, mas espirito liberal; quando em Jan.^ro a Monarquia foi proclamada no Porto, estava ele em Espinho, fugido aos frios da Beira Alta; não resistiu e meteu-se no prim.^o comboio e foi ver o que havia na cidade invicta.

Contou-me ele depois, com a sua maneira alegre de contar coisas, que ao chegar ao Porto ficou admirado das manifestações, do bulicio, do ar de entusiasmo que notou em todos e pensou:

— Não ha duvida ... O Porto é monarquico ...

Durante o periodo da Monarquia ia muitas vezes ao Porto e via tudo mais ou menos em ordem aparte certo movimento de tropas e os boatos que vinham de Lisboa que inquietavam um tanto ou quanto os homens do Governo provisorio.

No dia 13 em que se restaurou a Republica estava ele na cidade e assistiu ao movimento restauracionista, com grandiosas manifestações, o mesmo bulicio alegre, o mesmo ar de entusiasmo, foguetorio, musicas, etc. etc. que lhe fez dizer para a Esposa q. nesse dia, casualm.^te, o acompanha-

na para fazer compras e se diliciar na beleza das montras das lojas de modas:

— Não ha duvida... O Porto é republicano...

E agora acrescento eu á narração que meu Tio, com singeleza, me fez, passados alguns anos:

— Quem quizer que vire a moralidade.

Continuando...

Aquartelado o batalhão que, nessa altura, andava por 600 e tantos homens,[1] o provisôr disse-me que os hotéis estavam cheios e não encontrara quartos para mim e para os meus oficiais e me aboletara em casa do Dr. José Pedro Teixeira, professôr da Faculdᵉ. de Ciencias que morava na mesma Praça da Republica, lado oriental, proximo do quartél.

Perguntei ao provisôr quem indicára a casa; disse-me que fôra o regedôr quem dera as indicações.

Sempre o regedôr!.. O Dr. José Pedro Teixeira era casado com uma senhora filha do Dr. Manuel da Costa Alemão, de Coimbra;

---

(1) Pelo mapa da força em 11 de Feverº: 635 homens, 26 oficiais e 12 muares.

era monarquico e um dos filhos, o tenente Costa Alemão Teixeira de quem já aqui falei atraz (não me lembro se era oficial do quadro ou miliciano) morrera em Janeiro anterior na refrega de Parada de Cunhos, perto de Vila-Real, com as forças do cor.^el^ Ribeiro de Carvalho, de Chaves; um outro, se a memoria me não falha, fôra ferido e andava fugido; e era para esta casa em luto e cheia de preocupações que o exaltado regedor queria mandar o comand.^te^ de um dos batalhões republicanos.

Como o Dr. Teixeira fora avisado da minha ida, mandei-lhe um bilhete a dizer que houvera engano e pedindo desculpas; e desta vêz disse qualquer coisa ao regedor que ele, certamente, não teria gostado.

Foi então indicada a casa do Dr. Aarão Ferreira de Lacerda, tambem professor da Faculd.^e^ de Ciencias (de Zoologia, salvo erro) que morava na mesma praça, lado oriental.

Aceitei e fui cumprimenta-lo. Era parente proximo do Dr. Teix.^a^ de Carvalho e conhecia a minha familia de Coimbra por in-

(1) A pag.^s^ 318-319 do vol.^e^ anterior.

termedio de D. Arminda Cerdeira, irmã deste ilustre crítico e historiador de Arte. Fui recebido, eu e o Alpoim Castro Lopes com afectuosidade e quando disse que o boleto era só para dormir, o Dr. Aarão insistiu para que eu ficasse de cama e mêsa até conseguir arrumação nalgum hotel.

E na verdade passei dois dias excelentes na acolhedora casa. Ao jantar ficávamos á conversa e essa conversa era sempre de interesse e proveitosa.

O distinto professôr era pessoa culta e de muito bom senso. Lembro-me de que, uma vêz, alegando eu que não tinha qualidades de orador e que, quando me arriscáva a qualquer palestra, escrevia sempre o que queria dizer, ele, pausadamente, me observou que, quando se está bem dentro dum assunto, não ha necessidade de recorrer ao papel, que nós, portuguêses, temos o vicio da oratoria e de que para se expôr qualquer coisa é necessario eloquencia.

Ora, dizia ele, qualquer pessoa que conheça bem um assunto não tem de se preocupar com flores de retorica mas simplesmente com o expôr conforme o conhecimento que

dele tem; um conferente é assim que faz e concluia:

— O meu Am.º se souber, á certa, o que quer expôr, não tenha receios da sua falta de qualidades oratorias. Experimente e verá que assim é.

Nunca me esqueci do conselho e, na verdade, depois dessa epoca, em varias palestras que me atrevi a fazer, verifiquei que o Dr. Aarão de Lacerda tinha razão e, devido a ele, ganhei muito tempo que perdia em escrever qualquer bagatela que pretendia expôr em publico.

Instalei-me, depois, no Hotel Universal, á Batalha, que tinha sido a séde do Governo Monarquico; e lá estive até regressar a Coimbra.

Naquela noite de 16, porem, eu e o Carlos Alpoim, fômos até á Praça da Liberdade procurar restaurante para jantarmos pacatamente. Entrámos num, do lado das Cardosas, que o Alpoim dizia ser dos melhores do Porto; estava cheio de oficiais e havia alegre trinhaha; a uma mêsa toleriqueí o comand.te Rocha e Cunha a quem me dirigi logo. Lembrando-me da explicação

que ele me dera em Aveiro acerca da quase desordem em que as coisas, de começo, corriam e a que ele chamou em linguagem positivista «Estado Teológico», perguntei-lhe em que altura estávamos da Lei dos Três Estados; ele riu-se e continuando a atacar um bife suculento, respondeu-me com sorriso bonacheirão:

— Agora... estamos, como vê, no «Estado Positivo!»

Em uma ou outra mesa estalavam rôlhas de garrafas de champagne; actrizes e coristas duma companhia de opereta de Lisboa que ficára retida durante a Monarquia, confraternizavam com alguns oficiais mais dados a esse desporto; a atmosfera era, realmente alegre; mas deu-me a impressão para mim desconhecida, do relaxamento publico dos costumes.

Grande parte da oficialid. vinha da guerra e habituada a certa largueza de vistas a respeito de moralidade.

E' certo (devo declarar) que não córei; não julgue o meu hipotético leitor que desejo passar por anjinho; apenas deixo notado um aspecto novo para mim da vida

de campanha quando a seguir à vitória se entra numa cidade e se encontra ambiente favoravel á compensação das agruras, das intemperies do tempo e das abstinencias de varia especie.

No dia seguinte, 17, apresentei-me no Quartel-General para receber ordens; comandava a Divisão o Coronel João Pereira Bastos que eu não conhecia pessoalmente; e tinha por chefe do E. M. o meu contemporaneo da Escola do Exercito Manuel Maia Magalhães a quem prim.º me dirigi e, por sinal, me recebeu friamente — não sei porquê.

No Quartel-Gen.al havia certa confusão e achei graça que pelo sobrado de quase todas as repartições havia grande quantid.e de jornais, uns rasgados, outros inteiros. Olhando para a papelada, notei que era o Diario da Junta Governativa Monarquica e sem mais cerimonias, com ganas de coleccionador, comecei a juntar por numeros e datas os que encontrava á mão, ou p.ª melhor dizer, aos pés mas não consegui formar a colecção.

Um tenente qualquer que percebeu o que eu estava a fazer, disse-me que fosse a certa repartição que indicou e onde, na verdade, fui encontrar os numeros que me faltavam para completar a série.

Quando regressei a Coimbra mandei cartonar a colecção que não deixa de ter certo interesse e hoje, nos alfarrabistas se vende bastante cára.

Fui cumprimentar o Pereira Bastos q. me recebeu bem e me disse que eu ficava no Porto com mais dois batalhões como tropas de ocupação até se reorganizar a guarnição e a policia de segurança portuenses dissolvidas, a primeira, com a nossa entrada na cidade, a segunda, dias depois.

Mais tarde, o Pereira Bastos contou-me que pedira ao Cor.el Domingues Peres informações acerca das unidades que comandou e dos seus comandantes porque ia requisitar tres batalhões para ficarem no Porto; e que o cor.el Peres lhe respondeu que em primeiro logar colocava o meu batalhão porque (explicava) foi o unico que o não incomodou durante as operações e se mantivera sempre com correcção e bom serviço.

Gostei de ouvir isto porque correspondia á verdade e não o deixo aqui escrito por vaidade mas sim porque me ringa, em parte, dos dissabores que tive nos dias da campanha e que deixei contados.

E comigo ficaram mais dois batalhões: um do Regim.to de Inf.ª n.º 5, comandado pelo Costa e Lopes que vinha na reserva geral; outro de qualquer regimento de Lisboa, de que me não lembra o numero, comandado pelo major Caetano Eduardo Freire de Andrade, recentem.te chegado do sul.

E assim entrei na vida pacata de guarnição que era, diga-se, monotona; e naqueles primeiros dias de adaptação fui procurando fazer o relatorio da campanha enquanto tinha presente certo numero de coisas que desejava dizer e anotar com o devido espirito critico.

Procurei não magoar o Mendes dos Reis de quem fiquei a gostar; mas não queria deixar de mencionar certos casos que me ficáram a roer na consciencia e na memória. Até final, não quiz incomodar como bem notou o cor.el Domingues Peres; mas depois precisava de me defender.

Era humano e quero crer que não era deslealdade. Enfim, escrevi conforme a gâna e lembrei que nunca me forneceram cartas topograficas da região: « Eu sei que V.Exª. (escreveria eu) requisitou cartas para nós mas parece que ninguem se importava com o facto. Quantas vezes eu, querendo explicar aos meus oficiais e reproduzir as instruções de V.Exª. me via em serios embaraços! E quando se realizava uma marcha ou nos dias de combate, V.Exª. mais do que eu avalia as, muitas vezes, insuperaveis dificuldades em que me encontrava. — Contudo, para falar claro, devo dizer que se algum desastre houvesse, motivado pela falta de carta, as culpas cairiam, com todo o peso, sobre mim e ninguem quereria saber de que, ao imporem me superiormente responsabilidades, não se preocupáram com os meios de eu as resolver. »

Lembrei tambem que nunca tive meio de transporte. Nem cavalo nem carro, nem ao menos um *side-car* como lá vi muitos dum lado para o outro. E, amavelmente, ainda acrescentava: « E' certo que V.Exª. disse-me que me servisse do automo

vel que o 3º batalhão de Infant.ª 24 tinha apre
endido em Ovar; mas é certo tambem que o
sr. Cor.el Peres tinha deixado ficar o auto ao ser
viço exclusivo dos oficiais daquele batalhão e
eu não transmiti a ordem de V.Ex.ª porque sa
bia quanto isso seria desagradavel (e direi
mesmo injusto) para aqueles briosos e valen
tes oficiais. Não quiz, de forma nenhuma,
crear dificuldades nem aos superiores nem
aos inferiores e o resultado disso foi que eu
pessoalmente andava a pé; quando tinha que
transpôr maiores distancias me servia qua
se sempre dum ordinario char-à-bancs que
o comand.te da coluna de munições me man
dou para transportar cunhetes mas cujos ca
valos, de quando em quando, resolviam não
andar; e só uma vez por outra eu pedia ao
capitão Camossa Ferraz de Abreu a cedencia do
automovel que, de resto, ele me cedia logo sem
hesitações e com a melhor boa vontade — mas
que nem por isso deixava de ser uma atenção
e não uma obrigação. — E contudo eu via
quase toda a gente andar em excelentes au
tomoveis... »

E para adoçar as pilulas, terminava as
sim: « Nunca quiz, porem, crear a V.Ex.ª a

menor dificuldade; nunca me queixei e muito menos fiz exigencias; Vex.ª deve ser o prim.º, estou convencido, a fazer-me a esse respeito justiça completa. »

Terminei o relatorio em 12 de Março e mandei-o logo ao Mendes dos Reis que me escreveu pouco depois com ligeiros comentarios. Pareceu-me que não gostou do tom em que escrevi. Foi, contudo e como sempre, correcto.

E vim a saber mais tarde que no relatorio dele para o comand.te das forças, me propunha (naturalm.te tambem aos outros majores) para um grau da Ordem da Torre e Espada. Falta completa do sentimento das proporções... E evidentemente a proposta não foi considerada nas esferas superiores.

Mas enfim, vê-se que o Mendes dos Reis não se azedou e não me ficou querendo mal.

E a vida da guarnição continuou com a mesma monotonia. Uns dias passados, depois da nossa chegada, como aliás era de esperar e necessario, foi dissolvido o Corpo da Policia Civil e nós passámos a fazer o policiamento durante a noite para o que se di-

vidiu a cidade em 3 zonas e foi atribuída a cada um dos batalhões uma força de cavalaria p.ª patrulhas.

Fez-se, entre os tres majores, a regulamentação do patrulhamento das zonas; e na verdade, o plano foi bem feito e deu o melhor resultado. Neste plano, devo dizer, teve parte importante o Pestana Lopes que, pela longa permanencia na Guarda N.al Republicana tinha conhecimentos e experiencia que os outros dois não tinham.

O nosso quartel era, como disse, no edificio do regimento de Inf.ª n.º 18, em S.to Ovidio; os poucos oficiais que lá estavam da unidade, nunca apareciam na parte que nos foi entregue; teriam sido colaboracionistas, como agora se diz, e envergonhávam-se.

O major comandante do Deposito raramente vinha á minha secretaria e só o fazia em serviço; deu-me a impressão dum pobre homem ~~...~~, incapaz de tomar posição nitida naquela barafunda desencadeada pelos monarquicos. Eu tinha pena dele e não me lembro do seu nome; foi, porem, sempre correcto e eu nunca lhe fiz ver a diferença das nossas situações quando, por

qualquer motivo, tinhamos que tratar assuntos de serviço.

De toda a minha estada no Porto, o mais interessante para mim foi o conhecimento com o Pereira Bastos, com quem fiquei nas melhores relações e a quem fiquei devendo um louvôr razoavel no final da chamada "ocupação."

Nas vesperas de regressar a Coimbra ofereceu-me um almoço no Palacio de Cristal a que tambem foi convidado o Zeferino Camossa como 2º. comandante do Batalhão — almoço cordeal que eu não esperava.

E no dia da partida do Batalhão foi despedir-se ao quartel — por sinal que se deu um episodio desagradavel.

Como sabia que ele, em questões de disciplina e arranjo ou atavio dos soldados era homem da velha guarda, na vespera, chamei os comandantes de companhia e pedi-lhes que verificassem bem, nas formaturas na caserna, como os homens estavam fardados para que, na formatura geral, na parada interior do quartel, o aspecto fosse o que devia ser. Eu, quando alferes, aprendi com o capitão Domingos de Freitas como se passava

uma revista e se apresentava um pelotão em excelente forma como creio contei na altura devida destas m.as memorias; e, durante a minha vida de quartel fui nisso bastante exigente.

Com a guerra e as revoltas varias, esses habitos enfraqueceram e, debaixo desse aspecto as coisas não corriam muito bem. Por isso insisti com os oficiais, na vespera, e na manhã do dia em que o Pereira Bastos devia aparecer.

Ora nesse dia ofereceu-me ele almoço de despedida no Palacio de Cristal; daqui seguimos todos para o quartel de modo que eu não podia ir verificar como as minhas indicações e solicitações foram cumpridas. O Pereira Bastos não quiz subir, entrámos logo na parada interior e mandou fazer o toque de formar o batalhão pois, disse-me, queria falar aos seus homens. Daí a pouco começávam a chegar as companhias...

... Caiu-me a alma aos pés! Ao ver a entrada dos homens, mal fardados, com os equipamentos mal postos, uns com capote vestido, outros sem ele, uns até com guitarra e violão a tiracolo, o calçado maltratado,

enfim o que se pode dizer duma tropa fandanga — que arrepiava o menos experiente em tal matéria.

Eu segredei ao Carnossa qualquer desabafo; vi na expressão do Pereira Bastos o desagrado que lhe estava a causar a formatura e não me contive que lhe não dissesse, em voz baixa, que ficára desolado com o pouco brio dos comandantes de companhia a quem fizera insistentes recomendações que, afinal, foram letra morta. O Pereira Bastos respondeu-me que me não preocupasse, que sabia bem que os tempos que corriam não estavam adequados a tais minharias, que eram assim mesmo, etc.

Formado o batalhão e feita a continência, o Per.ª Bastos, com a voz metalica e forte que tinha, disse simplesmente:

— Vim aqui para me despedir do batalhão e dizer qualquer coisa de agradavel; a maneira, porem, como se apresentou obriga-me a rasgar o louvôr que estava escrito e a ler somente o que escrevi para o vosso comandante...

E passou a ler o louvôr que fez publicar em Ordem de Divisão. Acabada a leitu-

ra, fez continencia e voltou costas; ao por-tão das armas, eu agradeci-lhe e lastimei a incompreensão dos oficiais tão despreocu-pados perante o aspecto e disciplina das formaturas.

Deu-me um grande abraço, entrou no carro e seguiu. Eu fiquei aborrecido a va-ler; entrei no quartel e sem mais cerimó-nias mandei seguir o batalhão ao seu desti-no que era a estação de Campanhã onde já deveria estar formado o comboio que o leva-ria às varias terras onde as companhias tinham os seus quarteis: Ovar, Aveiro, Coimbra e Leiria.

E acabou-se assim a minha missão de ocupação na Cidade Invicta.

E para fechar com recordação tragica sem-pre contarei que certa noite, na rua de Costa Cabral, na altura dum prédio grande que fô-ra fabrica não sei se de tabaco, ao fazer pes-soalmente a ronda ás patrulhas que policiá-vam a zona q. me fôra confiada, fui alvejado por dois tiros que me não atingiram mas que-bráram vidros duma janela a uns dois pal-mos acima da min.ª cabeça. Passáva da meia noite, olhámos em todas as direcções, não se

descortinou de onde os tiros poderiam ter vindo. Ao som dos tiros apareceu logo uma patrulha de Cavalaria a galope e logo a seguir surgiram duas do batalhão — sinal de que a rêde estava bem lançada.

As cont.ᵃˢ porem é que não houve modo de localizar a origem das balas.

Dei parte, oficialmente, do caso; fez-se a investigação e nada se concluiu — talvez porque não houvesse interesse em se concluir. E pronto.

O atiradôr não era dos melhores ou só quiz meter mêdo; foi porem perfeito na execução.

E agora, terminado o relato militar que foi bem longo, vamos, um pouco, á parte politica.

<u>Lisboa</u>:
21 de Fever.º a 8 de
Março de 1963.

IV.

«Bem pudera eu aqui dar rédea ao estilo...»

André de Resende: *Vida do Infante D. Duarte*, cap. I.

«J'aurais encor beaucoup à dire;
Mais un autre le dirá mieux.»

Florian: *Fables*, in épilogue (édon de l'an IX).

Vamos, pois, agora, a um pouco de política...

Dias depois de estar no Porto, recebi um ofício do Governadôr Civil de Coimbra (que era ainda o Luis Alberto de Oliveira) com a data de 15 do mês (Fevereiro, é claro) comunicando-me que por alvará de 10 do mesmo mês, me nomeava «vogal efectivo da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito» que substituia a Comissão anterior que pedira a demissão

Eu fiquei um tanto ou quanto exaltado com o ofício por ver ainda no Governo Civil o Luís Alberto; a exaltação, é bom dizer-se, ficou comigo...

O Luís Alberto de Oliveira era bom rapaz; dei-me muito com ele nos tempos do Liceu de Coimbra; sempre bem disposto, m.to bem educado, era excelente companheiro de passeios e de serenatas, pois tinha bela voz de tenor que eu, com o violino e os dois irmãos Soares Duque (o Mario e o Raul) acompanhávamos nas noites luarentas e, diga-se a verdade, nas que não tinham luar.

Mas... passado tanto tempo, e perante os sucessos que se tinham dado, a minha irritação (a que, nessa altura, não era estranha grave crise intestinal) não me deixou ser bom companheiro durante o seu tempo de Governador e especialmente no período em que estoirou a tormenta monarquica.

Assim, ao receber o ofício, a seguir aos maus bocados por que passei, exaltei-me e tive vontade de ser brutal; deixei passar uns dias em que ia recebendo outras manifestações de amabilidades como o telegrama de Gener.º (so recebido em 21) expedido

pelo Dr. Eduardo Vieira, presidente da Junta Geral que, pela primeira vez reuniu em 17 — e que dizia assim:

«Os seus colegas da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Coimbra, no acto da sua posse, saúdam com o maior entusiasmo V.Ex.ª cuja fé republicana mais uma vez foi posta em evidência para defesa da República. O presidente Eduardo da Silva Vieira.» [1]

Nesse mesmo dia 21 respondi a este telegrama nos seguintes termos:

«Ex.mo Sr. Dr. Eduardo da S.ª Vieira e meu Ilustre Amigo: Só hoje recebi o telegrama que V... em 18 do corrente e como Presidente da Junta Geral se dignou mandar-me, saudando-me afectuosamente. Só hoje, por isso agradeço a V... a prova de amizade e consideração com que me honraram, no-

(1) Tanto o telegrama como o ofício supra citado estão guardados na pasta anexa dos docum.tos e na pasta dos recortes ficou colada a notícia do telegrama a propósito da posse da Junta.

gando a V... a subida fineza de fazer cientes os outros membros da Comissão Administ.ª de quanto me penhorou e sensibilizou semelhante manifestação. — Continuo no Porto, comandando o meu batalhão, por algum tempo; logo que regresse a Coimbra ratificarei estes meus agradecimentos pessoalmente — rogando ainda a V... a subida fineza de transmitir aos Ex.^mos Membros da Junta os meus sinceros cumprimentos e, directamente a V... o favor de acreditar na estima e consideração do que é, de V... etc.»

Passados seis dias, a 25, é que rebentou a bomba... Respondi ao Governador Civil de Coimbra ao ofício a que referi acima do Luis Alberto de Oliveira que nessa data já deixara o cargo. Aqui vai:

«Só agora acuso a recepção do ofício n.º 70 da 2.ª Repartição desse Governo Civil, datado de 15 do corrente, no qual o antecessor de V... me comunicava que me tinha nomeado vogal efectivo da Comissão Administrativa da Junta Geral, porque só há dois dias o recebi. — Informo, porém, V... de q.

não posso aceitar o cargo para que fui nomeado, porque não reconheço no antecessôr de V... (de quem aliás sou amigo pessoal) as qualidades de republicano necessarias para fazer nomeações como está. — Alem disto, sou oficial do exercito no efectivo serviço o que é incompativel com o cargo aludido. — Saude e Fraternid.^e — Porto, 25 de Fevereiro de 1919 — Etc. »

Não sei já quem é que sucedeu no cargo de Governadôr Civil ao bom Luis Alberto de Oliveira, boa pessoa, como já disse, mas nada talhado para estas andanças da governança — como anos depois para o cargo de Ministro da Guerra onde, aliás (Justiça seja feita) se manteve com certa linha e dignidade que não foi correspondida pelo Patrão que um dia o despediu como, em regra, se não não despede um creado.

Mas isso são outros contos e vamos adeante porque ha mais que contar e o tempo vai correndo e apertando.

Naquele mesmo dia 25 escrevi ao Dr. José Rodrigues de Oliveira, chefe visivel dos unionistas de Coimbra a seguinte carta:

«Ex.mo e Pres.do Amigo: Tive conhecimento oficialmente de que fui nomeado para a Comissão Administ.va da Junta Geral como representante do Partido Unionista. Comuniquei já para o Gov.º Civil que não podia aceitar tal cargo porque não reconheço no Governador Civil que me nomeou as qualidades de republicano necessarias para fazer tais nomeações. — Agora, a V... comunico que não concordo com a orientação que o nosso partido tem mantido nesta ocasião pois tenho visto, cá de longe, atravez desta barafunda da campanha, q. não tem seguido o caminho verdadeiramente e superiormente republicano que o momento (a meu ver, é claro) exige. — Nestes termos peço ao meu Ex.mo Amigo o favor de comunicar aos nossos correligionarios que me afasto temporariamente do nosso Partido pelo menos enquanto vir que a Republica, com o apoio dos republicanos, não está confiada ás mãos leais e sinceras a que devia estar entregue. — Vi de perto a guerra civil pois andei nela empenhado; vi como foram grandes os erros dos republicanos que entregáram aos monarquicos a Republica. Não quero, por isso, ter mais um momento de cumpli-

cidade. — Com a maior consideração e estima, creia-me, meu caro Dr. etc.»

Já me não recordo das reacções provocadas por estas duas investidas do meu mau humor. A campanha contra os monárquicos indispusera-me mal; eu encabeçava todos os meus incómodos, contratempos e desgostos nos erros dos republicanos que levaram àquele descalabro político, auxiliados, aliás, por toda a malandragem monárquica que, ardendo em fé republicana, veiu para o novo regime com o único intuito de se governar.

Assim, esta correspondencia ressente-se desse meu estado de espírito. Numa carta que escrevi a meu cunhado Costa Ferreira, a 17 de Março, dizia-lhe que andava ainda um pouco «no reino da Barafunda» e dizia mais, não sem alguma vaidade, que o meu batalhão se salientara pela correcção e republicanismo — do que derivára o não o largarem para todos os serviços tremendos e o tornarem uma especie de «poste marcadas quando se trata de "fitas" na cidade invicta...»

E na cidade do marmore também, pois logo oito dias depois da chegada triunfal recebi ordem de prevenção rigorosa para o batalhão estar pronto para marchar, á primeira vez, para Lisboa onde havia qualquer coisa que nunca cheguei a saber o que foi.

O batalhão esteve toda a tarde do dia 24 com armas ensarilhadas na parada interior do quartél á espera de ordens; e se não estou em erro ou confusão iriamos embarcar a Leixões para fazer a viagem por mar.

Que coisa seria para não confiarem nos caminhos de ferro?

A' meia-noite, porem, veio contra-ordem; o batalhão desensarilhou armas e foi dormir pacatamente.

No entretanto, ainda continuava a receber saudações pelo mês de Março fóra: a 2, um telegrama de Oliveira do Hospital, da Comissão Politica Unionista, saudando-me como «heroico defensor da Ponte de Ançeja» assinado pelo Manuel de Morais Pequeno, um dos grandes e dinamicos «agentes» do Moura Pinto no alto Distrito de Coimbra; em 15, outro telegrama de Cantanhede, de uns parentes, com identicas saudações ao

«herói dos combates de Angeja...» E ainda no fim de Março, a 29, um outro telegrama de Coimbra, assinado pelo Dr. Rocha Manso que dizia o seguinte:

«Partido Unionista Coimbra reunido assembleia geral eleição corpos gerentes votou unanimidade nome V... Vice-Presidente Comissão Distrital individualidade indispensavel na cooperação partido para engrandecimento Republica mais resolveu saudar em V... exercito republicano tão denodadamente defendeu integridade Republica durante insurreição monarquica — (a) Rocha Manso.»

Por este telegrama vê-se que o Dr. José Rodrigues não fez caso do que eu lhe disse na carta que dias antes lhe escrevera e que atraz ficou transcrita.

E assim acabaram as lembranças da minha estada no Porto como comandante dum batalhão «de ocupação.»

No dia 10 de Abril o batalhão foi dissolvido e as companhias regressaram aos seus quarteis depois do episodio com o Cor.el Perei-

ra Bastos que acima contei [1]; nessa mesma tarde de 10 regressei a Coimbra, pacatam.te e no dia seguinte apresentei-me no regimento de Inf.ª n.º 35 onde assumi o comando do meu 3.º Batalhão.

Ainda em 12, fui a Aveiro prestar contas perante o oficial de Adm.ão Militar encarregado da liquidação; voltei para Coimbra no mesmo dia com as contas liquidadas e a consciencia tranquila.

Não faltava dinheiro.

Lisboa:
9 a 16 de Março de
1963.

---

(1) A pag.ª 129-131.

V

«Recomeço e não invento.»
João Falco: *Começa uma vida*, pag. 124

«Un livre n'est après tout qu'un extrait du monologue de son auteur. L'homme où l'âme se parle...»
Paul Valéry: *Tel quel*. *Choses tues*. *Moralités*. *Littérature*. Cahier B (1910), Ed. Gallimard, a pag. 21.

Estava de novo em Coimbra depois de um período de andanças que me deixou um tanto abalado debaixo de vários aspectos.

Vinha do Porto bastante aborrecido e procurei fugir ao ambiente político semelhantemente ao que me aconteceu em 1915 ao regressar de Lagos a seguir ao caso, aqui largamente contado, de Castelo-Branco, de triste memória para mim.

Presente no regimento n.º 35 em 11 de Abril de 1919, recomecei com as idas e vindas para S.ta Clara. Em regra descia a Couraça de Lisboa, a pé; atravessava a ponte, seguia a estrada que hoje se chama Alameda ou Avenida do Dr. João das Regras e começava paulatinamente a subir a Calçada de S.ta Isabel, a passos miúdos sem cansar a respiração.

Costumava, até, se não houvesse chuva, levar um livro qualquer que na subida lenta, com paragens, ia lendo sempre até chegar ao terreiro. Lembro-me de que tinha livros de leitura ligeira que não obrigasse a grandes atenções, próprios para esta subida bastante violenta.

Ao regressar a casa, muitas vezes subia a pé a Couraça de Lisboa e, do mesmo modo, usava a leitura para ajudar a caminhada.

Mas, a certa altura, comecei a ver que estas idas e vindas, subidas e descidas, me maçavam um bocado; e valendo-me dum Decreto publicado nos meados de Maio, fiz um requerimento, em 23 desse mês, que, por curiosid.e deixo aqui transcrito:

«F... major... etc. tendo visto na ultima Ordem do Exercito que V... determinou pela D. n.º 5699, de 10 do corrente, que haja 2.º comandantes nos Regimentos e Grupos Independentes, e constando-lhe que se encontram vagos os referidos lugares do Regim.to de Infant.ª de Reserva n.º 35 e 5.º Grupo de Metralhadoras para onde desejava ser transferido; e julgando-se ao abrigo da ultima parte do § unico do art.º 1.º do citado Decreto, vem respeitosamente pedir a V... se digne deferir-lhe a pretenção.»

Era então chefe do gabinete do ministro o meu contemporaneo da Escola do Exercito Liberato Pinto, creatura estranha, de pouca moral, que depois se quiz arvorar em ditador ou salvador da Patria e ainda veiu a dar trabalhos para se lhe amolgar a proa.

Na Escola tinha uma alcunha pouco invejavel: «o alcoviteiro». Não sei das razões do apôdo mas estas coisas não são em regra expontaneas e o Liberato deixou mau nome atraz de si. Os ultimos anos da vida passou-os recolhido em casa, possivelmente envergonhado do que fez e do que tentou fa-

0-10

ser; nunca mais se falou dele e deixou um filho que poderia ser prejudicado pelo nome do pai se o apelido materno lhe não valesse como salvatério.[1]

Ora a resposta ao meu requerimento não se fez esperar. Ei-la tambem na integra, por curiosidade e intenção do munu tal:

« Serviço da Republica. — Lisboa, 28 de Maio de 1919 — Secret.º da Guerra — 1ª. Direcção Geral — 2ª Repartição — N.º 6371 — Ao Sr. Comand.te da 5ª. Divisão do Exercito — Coimbra. — Do Director Geral — Encarrega-me S. Ex.ª o Ministro da Guerra de comunicar a V. Ex.ª que foi "indeferido„ o requerimento em que o major do R. I. nº. 35, Belis.º Pim.ta pedia transferencia para o R. I. R. nº. 35 ou para o 5º. Grupo de Metralhadoras. — (a) José Cesar Ferreira Gil, general. — A Infantaria nº 35 para tomar conhecimento e devolver. — Em 29 — 5 — 919 — (a) J. Zarrilh, coronel. »

---

(1) Trata-se do Dr. Sufrico Pinto, actualmente Presidente da Camara Corporativa e não sei quê mais. E' uma das figuras mais salientes da actual situação politica.

Fiquei quase indignado com esta resposta. E digo quase, porque depois de tantas andanças, não tinha verdadeiramente de que me indignar.

Limitei-me a escrever uma carta particular ao Liberato Pinto de que não deixei copia mas de que me lembro bem. Dizia eu que o indeferimento ao meu requerimento não era de estranhar; depois do que se passou, desde o sidonismo, seria mais de estranhar que se deferisse uma pretensão sem importancia de um republicano que apenas pedia transferencia para um quartel ou serviço mais proximos da sua residencia; se o requerimento fosse de monarquico ou creatura duvidosa é que seria para admirar q. lhe ~~não~~ dessem um "indeferido." E com mais qualquer laracha, mandei a carta.

Parece que o coice deu resultado. O Liberato Pinto não respondeu e eu deixei correr o tempo sem tentar qualquer diligencia; o homem, porem, naturalmente pensaria no caso e pela Ordem do Ex.to n.º 14, 2.ª serie, de 28 de Junho, fui transferido para o 1.º Batalhão do regimento de Infantaria 23... O coice teria dado resultado.

E para ser <u>justo</u>, não lhe agradeci, nem dei sinal de qualquer espécie.

Durante estes mêses em que fiz serviço no 35, tive o prazer de conhecer o Professor Hernani Cidade.

Era oficial miliciano do regimento, ganhara nome por actos de bravura nas trincheiras da Flandres; não me recordo bem mas parece-me que chegou a ser dado por desaparecido depois dum grande bombardeamento alemão. O certo é que um dia apresentou-se, vindo de França, com ar modesto e recolhido de quem trazia culpas para confessar.

Além disso tinha já certo nome nas Letras e isso impôs-me a obrigação de o tratar não como qualquer oficial <u>anonimo</u> regressado da guerra mas como figura á parte no maquinismo burocrático regimental.

Comandava então interinamente a unidade, por falta de comando, e nessas funções me mantive desde 12 de Maio a 21 de Junho sem felizmente novid.e de maior.

Foi neste periodo que surgiu o Dr. Hernani Cidade e me fez pensar em que ele deveria ter tratamento diferente.

Era então ajudante do regimento o capitão Manuel Lopes Duarte Subtil que, zeloso burocrata, tinha já marcado, por imposição da escala, para serviço do recém-chegado, uma conferencia ou revisão de calçado se a memoria não me atraiçôa. Se não era isto era coisa equivalente, tarefa pouco agradavel para homem de Letras e, diga-se a verdᵉ., serviço que ele não saberia cumprir, dada a complicação de mapas, de tabelas e varias complicações da legislação dos Conselhos Administrativos.

—Chamei o Subtil e disse-lhe que passasse adeante na escala e nomeasse outro oficial pª aquele serviço. O Subtil, honradamente, deve dizer-se não gostou muito da alteração da escala mas eu fiz-lhe ver as razões que me assistiam e, para contemporizar, disse-lhe que deixasse a resolução para outro dia — forma muito portuguesa de resolver dificuldades...

Felizmente, o tempo ajudou-me. No dia seguinte chegou uma circular ordenando se fizessem palestras nas unidades acerca do que então se chamava <u>bolchevismo</u> que era necessario combater com eficácia; pa-

lestras, não só para soldados como para sargentos, que explicassem o que era a nova doutrina, os perigos para a actual sociedade, etc. etc. Estava achada, com honra para a burocracia militar, a solução...

O Tenente Hernani Cidade foi nomeado para dirigir a campanha contra as novas doutrinas que vinham da Russia, com carta branca para a orientar a seu bel-prazer; e para o caso do calçado foi nomeado qualquer outro que a escala a seguir indicasse.

O certo é que o Dr. Hernani Cidade (que pouco tempo esteve no regimento até ser licenciado) ficou sempre meu amigo e passados anos, aí por 1926 pouco mais ou menos, numa passagem para Caldelas, indo no Porto á Livraria Lelo para comprar certos livros, encontrei-o lá, em conversa com gente da casa. Ele dirigiu-se-me logo e tomando atitude militar lançou-me logo o afavel cumprimento:

— Meu comandante!

E de então para cá é curioso que nunca deixou de me tratar com atitudes de subalterno para o comando. E' talvez a melhor e mais agradavel recordação que te-

nho da passagem pelo regimento nº 35 em que, por muitos períodos e em tempos agitados, exerci o comando.

Outra boa recordação é a de uma ou outra madrugada a seguir a noites de prevenção (que foram algumas) quando podia sair do quartel para ir sorver o ar fino e frio da manhã ao mesmo tempo que me consolava com a beleza da paisagem do rio, do casario citadino e do pano de fundo das serranias do nascente em que surgia o Picoto de Gois, o alto do Trovim e o dorso suave da minha serra miradouro em cuja base se encastoava a capelinha da Sª da Piedade de Taboas e se arrichava o alegre aglomerado de Vila Nova de Stº André.

Era então uma boa escapada, fugido ás maciças paredes, tristonhas e frias, do casarão conventual; e subindo ás vezes ao caminho do cimitério, ia vendo alargar o vasto e deslumbrante cenário de serranias que então descobria por de cima do Buçaco, o alcantilado do Caramulo.

Eram repousantes essas pupidas matinais, depois dum café quente com torradas; ficava-me enternecido a olhar e a

sentir vagas saudades que não identificava. Saudades ancestrais que vinham do sangue mirandense, talvez, e que ali sentiam a Natureza empolgante que me atraía e me fazia considerar o erro da vida que escolhi.

Sei lá!...

Do que me lembro bem, embora desaparecidos 44 anos cheios de encontrões, é que não era raro sentar-me em qualquer pedregulho ou muro baixo do caminho e ficar-me a olhar, sem fixar, a olhar toda aquela beleza muitas vezes perturbada por ligeiro véu de lágrimas.

Não saberia definir o que sentia. Porventura uma ância de libertação que aquela amplidão da Natureza provocava, libertação dos liames vãos da vida, de certo número de preconceitos que me torturavam, do reconhecimento de erros cometidos no caminhar da existência, tudo naquela hora já sem remédio — mas que vinham encontrar ao menos, tanto quanto possível, naquele prodígio de beleza, um consôlo tonificante. Quando voltava para o quartel, ao ouvir um ou outro toque de corneta

que me chamávam á realidade, vinha talvez um pouco mais leve; deixára por aqueles vales e serranias, pelos pinceirais do Mondego, que lá em baixo corria entre insuas verdes, algumas agruras da vida, pelo menos algumas entre tantas que me preocupávam e amarguravam.

Era, como hoje se diz vulgarmente, uma evasão... E acontecia que ao passar pela sentinela que á porta das armas me fazia a continencia do regulamento, eu não me limitava a corresponder com outra continencia na forma regulamentar; tomava ares paternais e dizia-lhe e aos soldados q. por ali estavam:

— Adeus, rapazes! Bons dias!...

E entrava consolado no triste casarão conventual.

Todo este desfiar de recordações me lembra um passo do bom Paulo de Mantegazza que ha pouco li: «O velho é um livro vivo e falante que aberto ao acaso em qualquer

---

(1) Elogio da Velhice, versão de Arlindo Varela, pag. 130 da 4.ª ed.

página, tem sempre alguma coisa nova e interessante a narrar-vos.»

E para não deixar mal o velho psicólogo quero dizer também que, embora no regresso do Porto me procurasse afastar da política, a verdade é que, sem querer, me via um pouco preso pelo amigos unionistas que, volta e meia, me procuravam e me queriam ver na actividade.

Uma das razões da minha vontade de afastamento era o Moura Pinto que continuava a ser o Deus ex-machina das trapalhadas e não trapalhadas políticas do Alto-Distrito e não me entenderia com ele nem queria arranjar complicações. Era pois melhor afastar-me discretamente.

O Moura Pinto, apesar de tudo, não mostrou ressentimento e o tempo fez esquecer o caso da eleição de 1915. Durante o período sidonista que a todos tocou e depois o da revolta monarquica, o Moura Pinto veio amavelmente ás boas. E eu também esqueci e continuei, sem reservas, com as boas antigas relações.

Digo sem reservas; mas na verdade com certas e naturais cautelas...

Ora deu-se o caso que se lembráram novamente de mim para Deputado ou Senador (não me lembro já) nas eleições que se fariam a seguir á Trauliténia. Eu ia ser mais uma vêz jogado como trunfo nas combinações eleitorais do Moura Pinto.

Mostrei-me logo irredutivel e não admiti a hipotese de me deixar arrastar por falas mansas. Quando vim a saber dos projectos que me diziam respeito, escrevi uma carta ao Moura Pinto de que fiz copia e que aqui deixo na integra:

« Coimbra: 6 de Maio de 1919. — Ex.mo Amigo. — O nosso amigo Costa Rodrigues reproduziu-me a conversa que tiveram acerca da politica do nosso Distrito — que anda (Louvado seja Deus!) cada vêz mais á matroca. — Eu ando afastado dela, felizmente, desde que os correlegionarios da terra resolveram cumprimentar o ilustre Solano de Almeida, com monarquico que nos caiu no Governo Civil ha um ano a tanto. Estou, pois, alheio aos casos de que deseja que eu tome conhecim.to — Agradeço muito ao meu Ex.mo Amigo, assim como ao Directorio, a boa vontade em

me quereram propôr, mais uma vêz, Senador por Coimbra; eu, porem, insisto: não desejo ser proposto por qualquer circulo, mas por Coimbra e ... arredores, muito menos! — Quanto ao Mario de Vasconcelos (mais outro monarquico...)[1] e ao Pinto Serra[2], são casos de que só as comissões devem tratar. Eu fui nomeado para uma, mas não tomei posse nem tomo pelas razões acima, a menos que alguma coisa extraordinaria venha rachar-nos de meio a meio... — Já lhe devia ter escrito; mas a vida andou atrapalhada com varias coisas e continúa a andar. Vou daqui a pouco para o Hospital M.ar com baixa por ordem superior por causa de uma casmurrice do general Braz Mousinho de Albuquerque (oh! os Mousinhos!...); quando de lá voltar verei se lhe poderei escrever com mais vagar e se o poderei felicitar pela sua vitoria eleitoral em Arganil. — Com toda a estima, etc. etc.»

Esta baixa ao Hospital M.ar a que me re-

---

(1) Advogado em Cantanhede.
(2) Não me recordo já quem era.

fixo é um episódio da minha vida que do-
cumenta o que são os favoritismos ~~...~~ con-
cedidos a certas pessoas e as baixezas a que
se prestam outras.

Valerá a pena estar aqui a contar o que
foi?... Sempre direi: foi a minha nomea-
ção para serviço que me não competia a
causa do episódio.

A outros competia a nomeação: um, o
major Alberto dos Santos Pereira Monteiro (o
meu condiscípulo Tinturas) mas não foi o
nomeado porque era o favorito, o ai-Jesus
dos generais; o outro, o Tasso de Figueirê-
do, que não quiseram nomear porque não
o julgavam idóneo para comandar um bata-
lhão que teria de ir a Lisboa meter na ordem
certas veleidades políticas dos irrequietos.

O serviço, realmente, não era de invejar
e era até de recear; logo... cá estava eu pa-
ra as espigas. Era então chefe do Estado-
maior interino da Divisão o cor.el João de
Morais Zamith; fui dizer-lhe o que enten-
dia e expor-lhe que andava (como de fac-
to andava) muito atacado de grippe. Percebi
que ele, intimamente, concordava comigo,
mas o gen.al Braz Mousinho de Albuquerq.

dera assim as ordens e não havia que discutir...

Eu então recusei como doente. Como consequencia deram-me uma baixa ao Hospital militar. Foi isto a 6 de Maio, dia em que escrevi a carta supra.

E fui, é claro, á tarde, para o Hospital onde passei a noite seguinte a pé porque a cama do quarto que me deram estava superiormente habitada por percevejos; reclamei, sem resultado. Os percevejos parece que eram da ordenança.

Estive quase abandonado e o medico que me apareceu, o dr. João Marques dos Santos miliciano contratado e já professor universitario, não me quiz considerar como doente embora não me fizesse qualquer observação clinica.

Disse-lhe que procedesse como entendesse. Não sei o que se passou na secretaria entre os medicos; resolvi esperar e entregar-me á sorte.

Com 8 á tarde, deram-me alta com 3 dias de convalescença. E isto sem que, da parte da direcção ou até a secretaria, houvesse a minima prova de atenção e,

o que achei mais curioso: sem alimentação, além duns copos de leite de tempos a tempos.

Enfim, regressei a casa e soube que foi o Tasso de Figueiredo o nomeado para a diligência que não chegou a realizar-se...

Deixei correr a pena sem querer. O episódio não valeu a tinta gasta, mas já agora não risco o que ficou escrito; sempre é um documento.

...E para a História todo o documento pode servir.

Apresentei-me em 11 no regimento e no dia seguinte assumi o comando interino como referi acima.

E assim os dias foram passando até que em Julho, no dia 18, recebi guia de marcha para o regimento de Inf.ª n.º 23 para onde fôra transferido pela Ordem do Ex.^to^ n.º 14, 2.ª série, de 28 de Junho anterior. Apresentei-me no 23 em 19 e assumi o cargo de 2.º comandante por uns dias. Não me recordo já porque motivo, pois o meu cargo era o de comand.^te^ do 1.º batalhão.

O comand.^te^ do regimento era o Morais Zarroth que sempre se deu m.^to^ bem comigo

e a vida seguiu monotona, com o serviço rotineiro de secretaria, apenas com variante de uma ou outra prevenção rigorosa e pernoita por varias vezes no quartel, como oficial superior, acompanhado de dois ou tres oficiais e um pelotão de armas ensarilhadas na parada — para o que desse e viesse. Era a instabilid.e politica consequente ao abalo produzido pela revolta monarquica no Porto que tinhamos que suportar, tanto mais que os republicanos continuávam a degladiar-se e os monarquicos que vieram «com alma e coração» para o novo regime, faziam o possivel por embrulhar mais o q. já andava suficientemente embrulhado.

Estava então no regimento não me lembro se já ten.te coronel se ainda major antigo, o Joaquim Torres, oficial muito desembaraçado, conhecedor dos serviços, antigo instrutor de ginastica na Escola Pratica de Mafra. Se a memoria me não falha, houve qualquer coisa com ele na guarnição em que estava e mandáram-no para Coimbra.

Era monarquico e não escondia as suas preferencias politicas; era olhado, por isso, em Inf.a 23, com certas desconfianças por al-

guns oficiais menos tolerantes e pela maior parte dos sargentos. Dei-me sempre muito bem com ele e nalgumas ocasiões consegui evitar atritos; e o proprio Zarrilh, apesar de não ser para audacias de responsabilidades, foi sempre com ele atencioso — e com razão porque no serviço manteve-se com correcção, rigôr e saber profissional e nunca notei que o seu monarquismo influenciasse qualquer dos seus actos oficiais.

Apesar de tudo isto, os sargentos arranjáram-lhe qualquer cabala e ele foi transferido, salvo erro, para Aveiro. Eu protestei, mas o cor.^l Zarrilh não se atreveu a fazer valer a autoridade do comando.

Mais uma machadada na disciplina e mais uma pedra para a embrulhada politica em que se estava a viver.

Veiu o verão; em Outubro fez-se segunda encorporação de recrutas do ano e eu fui nomeado para dirigir a instrução dos mesmos, organizados em batalhão, dado o seu grande numero, ainda umas centenas de homens de todas as provincias.

Havia bastantes estudantes universitários, empregados de escritorio e caixeiros q.

foram reunidos em um pelotão especial cujo comando dei a um tenente miliciano também estudante.

A instrução seguiu os trâmites normais e em fins de Novembro deu-se a visita a Coimbra do Presidente António José de Almeida recentemente eleito.

Boatos fervilhavam; dizia-se que os monárquicos fariam manifestações desagradáveis e que os democráticos também, etc. etc. O Governador Civil era o médico António Malva do Vale que fôra condiscípulo e amigo do Presidente mas nessa altura desavindos por caturrices políticas.

Este Malva do Vale, segundo me pareceu, era má rolha e houve quem receasse qualquer incidente desagradável durante a visita; contudo, manteve-se sem novidade de maior embora, talvez, sem tomar a sério o seu papel.

Comandava nessa época o batalhão da Guarda N.al Republicana o meu condiscípulo Luís José da Mota a quem o sidonismo não perdoára a sua aliança com os democráticos e a posição tomada durante guerra; falámos um dia acerca dos possíveis mane

jos dos desordeiros e combinámos sairmos umas vêzes com as nossas forças em passeio pela cidade para que se ficasse sabendo que havia na guarnição gente suficiente para dominar qualquer veleidade zarapateira.

Realmente, logo que os recrutas chegáram a estado de se apresentarem na rua com certa linha, dei o primeiro passeio até á Praia dos Bentos onde hoje está um belo jardim; fiz ali varias evoluções e exercicios que juntáram publico suficiente e regressei ao quartel pelo Catumbi.

Dias depois, pedi ao Zamith licença e saí com a banda regimental á frente; fiz então a travessia da cidade, á tarde, á hora a que se juntam os ociosos na pasmaceira e as damas costumam fazer as suas compras.

O Luis Mota, por sua vêz, tambem saia, um dia por outro, com batalhão e um pelotão de Cavalaria; e aconteceu que em uma tarde, sem haver combinação encontrámos-nos ao cimo da rua do Visconde da Luz. Eu subia, ele descia. Fizeram-se as continencias do estilo e houve engarrafamento porque, quer uma quer outra coluna eram de certa profundidade e levámos tempo a deixar livre o transito.

Felizmente, durante a visita presidencial não houve novidade. A 29 de Novembº o Dr. António José de Almeida chegou pelo meio dia se bem me lembro; eu fiz a guarda de honra com a direita do batalhão postada no Largo das Ameias; e depois do cortejo passar para a Camara Municipal segui pelas ruas da Calçada e de Viscunda da Luz para prestar nova continencia quando o Presidente assomou á varanda do edificio.

Depois, á despedida, na manhã de 2 de Dezembro, nova guarda de honra — e tudo correu sem qualquer alteração da boa ordem.

Em 30 de Dezembro a instrução dos recrutas acabou e o ano assim passou sem me deixar saudades.

Entrou então novo ano — o de 1920.

Durante os seus 365 dias não houve coisa graúda p.ª contar.

No País a politica continuava embrulhada; o Presidente Almeida, com a sua boa fé e (diga-se sem receio de exagêro) a sua grandeza de alma, ia levando a barcaça do governo com calma e certa habilidade, evitando, tanto quanto possivel, os baixios do mar agitado.

Pela parte que me toca, continuei na minha vida de major do 1º Batalhão de Infantª nº 23 sem qualquer atrito ou mal entendido; uma vêz por outra fiz as vezes de 2º comandante e em Março, por cinco dias, na ausencia do Zamith, fui interinamente o comandante.

Ora acontecia que o 5º Grupo de Metralhadoras tinha o seu aquartelamento no mesmo edificio do regimento 23, na ala nascente; comandava-o o meu condiscipulo Alberto dos Santos Pereira Monteiro já aqui falado, com quem andava de relações cortadas por qualquer fajardice que ele fez — no que, aliás, era useiro e vezeiro.

Entre os tres capitães do Grupo estavam o Eduardo da Cunha Oliveira e o Augusto Casimiro, velhos amigos que começaram a aparecer no meu gabinete de major a seduzirem-me para eu ir para lá como 2º Comandante, cargo que ia vagar pela saída de qualquer oficial que já me não lembra quem era.

Eu resistia porque as minhas relações com o Monteiro era más porque estavam praticamte cortadas; porem os dois capitães e,

principalmente, o Oliveira, afirmavam que o Monteiro é que me queria lá, q. não propunha outro 2º. comand.te e que esperava que eu anuisse, etc.

Verdadeiramente, não me largavam e queriam evitar que lhes surgisse, por imposição superior, qualquer outro major que lhes não agradasse. Enfim, tais coisas disseram e tanto insistiram que eu falei no caso ao coronel Zarmith que, delicadamente, não opôz dificuldade na minha saída, mas ficou visivelmente contrariado.

Deu-se sempre bem comigo e tinha confiança em mim; durante o tempo que servi com ele notei que era comigo que se entendia em qualquer caso menos corrente e eu, verdade, verdade, também me sentia satisfeito no ambiente. Notava que os oficiais me atendiam bem como ~~[illegible]~~ igualm.te os sargentos — gente esta com quem, nessa altura, era necessario saber lidar.

Durante o periodo ~~da~~ Junta Militar do Porto e o seguinte da Monarquia, os sargentos foram, na verdade, dedicados e essa dedicação deu-lhes certa importancia de que, por vezes, quizeram abusar. Houve mo-

mentos em que a diplomacia do Zarmith conjugada com a minha influencia junto deles, resolveu uma ou outra impertinencia surgida no ambiente de inquietação em que mais ou menos se vivia.

Voltando ao assunto acima.

O Zarmith não contrariou a minha saída do regimento, se bem que contrariado, e eu autorizei o Monteiro a propor-me.

E de facto, por determinação da Secretaria da Guerra, em nota de 28 de Março, confirmada por Ordem do Ex.to n.º 4, 2.ª serie, de 31, fui colocado como 2.º Comand.te do 5.º Grupo de Metralhadoras.

Em 31 do mesmo mês de Março, apresentei-me no Grupo onde fui bem recebido. O Monteiro acolheu-me afavelmente e... ficámos amigos.

A vida no Grupo era diferente. Havia lá um escol de rapazes que davam á unidade certo nome e fama.

Os capitães eram os dois já citados e o José Maria Correia Cardoso que se distinguia pelo seu aprumo e rigor de comando. Os subalternos eram, em geral, rapazes que

estudavam os preparatórios para o Estado-Maior como o Frederico Lopes da Silva (já falecido), o Manuel Gomes de Araujo, actual ministro da Defesa[1] e o nunca assaz louvado Fernando dos S.tos Costa, futuro ditador por conta do verdadeiro Patrão; ou se formavam em qualquer Faculdade universitaria como o Luis Gonçalves Rebordão e o Agostinho Seguro Pereira, em Direito; o Vitorino Peres Furtado Galvão em Farmacia; e o proprio Correia Cardoso em Ciencias Naturais, preparando-se para professôr liceal como de facto foi e muito distinto. Tambem lá encontrei o Fernando de Oliveira Leite, alferes "pratico", muito aprumado, bem educado e sabedor.

E neste momento em que escrevo, não me lembro de qualquer outro que sobresaisse acima do vulgar.

Davam-se todos muito bem; e muitas vêzes saía com eles a cavalo, pelos arredores, não só por passeio mas tambem com a intenção de lhes dar noções variadas quer dos terrenos, quer de episodios historicos ligados com os mesmos e até, quando calhava,

---

(1) Pagina escrita em Março de 1963.

uma ou outra «preleção» sobre assuntos de Arte que eles ouviam se não com interesse e proveito, pelo menos com atenção.

Um dos mais assíduos companheiro era o Seguro Pereira que há pouco ainda, em carta que me escreveu, lembrava esses tempos que considerava dos melhores da sua vida ao mesmo tempo que celebrava a distinção do grupo dos oficiais. Com este rapaz, hoje director dum colégio no Porto, advogado e creio que ainda director da Censura na cidade da Virgem, dei muitos e bons passeios nos arredores de Coimbra.

Lembro-me bem de que um deles foi a Condeixa e, dando a volta pela abertura da Garganta, e pela aldeia do Casal Novo, lhe fiz larga prelecção sobre a retirada do marechal Massena em 1811 que ele ouviu atento quer durante a cavalgada quer, depois, na vila, abancados pacatamente a uma mesa de uma desta casa de pasto nos baixos dum palácio mais ou menos em ruínas hoje desaparecido perante a onda de melhoramentos materiais.

Com o Augusto Casimiro também dava largos passeios a cavalo; mas com este o ca

so era diferente, o assunto das palestras era variado, ia da paisagem á Politica, da Literatura até á Arte e por vêzes fugia-se á corriqueira brejeirice perante as pernas de qualquer camponeza que se curvava no amanho da terra e descobria mais do que, nesse tempo era normal, os contornos das mesmas.

Estas <u>evasões</u> eram, verdadeiramente, bocados muito agradaveis que agora, passados mais de 40 anos, lembram com alguma saudade.

A vida no Grupo era, pois, simpatica. O Eduardo da Cunha Oliveira era um bom oficial, sabedor, muito dedicado e leal; o Correia Cardoso (ha pouco falecido no posto de brigadeiro graduado) era menos acessivel, de feitio duro, mas tambem excelente oficial como aliás foi em tudo o que se meteu, principalmente como professor liceal.

O ajudante era um bom homem, o tenente "pratico" Gil Augusto Domingues da Silva, sempre serviçal, pronto para tudo e que eu, uma vêz por outra, convidava para passeio a cavalo.

Havia naquele conjunto uma ovelha mais ou menos ranhosa: o muito celebrado Fer-

mando dos Santos Costa já com tendencia dominadora, por vêzes grosseira, e nas conversas com os oficiais na sala respectiva, pretendia impôr as suas opiniões reaccionarias, sempre contra a Democracia e em especial contra o nosso regime republicano. Era impertinente e, não raro, irritante.

Um dia até em que estava presente na sala o Augusto Casimiro, perante qualquer objurgatória contra o Liberalismo posterior a 1834, este não se conteve e lembrou-lhe que, se não fosse o Liberalismo, ele, Santos Costa não passaria de cavadôr de enxada ou, quando muito, de simples marçano de lojeca qualquer em Mangualde. Ele embezerrou, segundo me contaram, perante a lição dada pelo Casimiro e perante o aplauso unânime dos circunstantes.

A alusão á familia era clara. O Santos Costa era filho dum pobre sargento do Quadro Aux.^ar^ dos Serviços de Saude (por sinal que m.^to^ bom homem segundo dizem) e os proximos parentes eram homens do campo.

Em outra ocasião teve qualquer questiuncula com o Correia Cardoso seu comandante de bataria e faltou-lhe ao respeito;

este que não era m.to para brincadeiras, meteu-o na ordem e deu participação escrita contra o alferes.

Comandava eu então interinamente o Grupo e quando a participação me chegou ás mãos chamei os outros dois capitães e conversámos sobre o incidente. Não queria tirar, é claro, autoridade ao Cardoso; mas era-me desagradavel ter de punir um oficial que, demais a mais, com a punição poderia ter a carreira prejudicada. Chamei depois o Santos Costa ao gabinete e fiz-lhe ver a incorrecção do seu procedim.to e aconselhei-o a ir pedir desculpa ao capitão e a moderar, para o futuro, os seus impetos injustificados, etc.

O rapaz, renitente, disse que não, que não tinha que pedir desculpas e falou de tal modo que parecia ele o juiz. Eu ia-me azedando e terminei por dizer que guardava o papel por 24 horas no fim das quais teria que consultar, bem contra vontade, o Regulamento Disciplinar e estudar o caso da minha competência.

Ele saiu trombudo e com maus modos. No dia seguinte o Correia Cardoso pro

curou-me para me dizer que o alferes lhe fôra apresentar tôdas as desculpas e estas deveriam ser um tanto ou quanto humilhantes para serem aceites; não inquiri como as coisas se passaram, entreguei ao capitão o papel e mandei chamar o alferes para lhe fazer a moralidade do caso e aconselhar-lhe a ter mais cuidado para o futuro nas discussões com superiores.

E o episodio ficou liquidado.

Liquidado... verdadeiramente não ficou. Sem querer levantar hipóteses acerca da influencia do Santos Costa no meu exame para o generalato, o que se pode afirmar é q. ele não esqueceu a possivel humilhação perante o Correia Cardoso. Quando este, aprovado para o generalato, tinha vaga para ser promovido, o Santos Costa, então ministro ou da Defesa ou do Exercito, deixou passar o tempo até aos 60 anos de idade daquele sem o promover e por isso e automaticam.te, o Correia Cardoso [redacted] foi colocado na Reserva; e se foi brigadeiro foi-o por imposição legal que lhe dava direito a se-lo graduado quando o imediato na escala ascendesse ao dito posto.

Quer dizer: o ilustre Santos Costa tem boa memoria e como a celebre mula do Papa a que Alphonse Daudet dedicou uma das interessantes cartas escritas no moínho, esperou o momento proprio para dar o coice em cheio.

E deu-o.

Corria, pois, o tempo sem novidade grossa a não ser uma ou outra prevenção sem resultado por suspeitas revolucionarias logo desfeitas, quando em Outubro, no dia 2, perante a hipotese duma gréve geral nos Caminhos de Ferro, o Quartel-Gen.al nomeou-me nem mais nem menos do que Superintendente Geral nos transportes da area da Divisão!...

Fiquei aturdido... Apresentei-me no Quartel-G.al e pareceu-me que fiquei devendo a honra da nomeação ao Chefe do Estado Maior, o Cor.el Luis de Carvalho Martins, homem sério, m.to correcto, ponderado, mas que, neste caso, me pareceu não ter bem a noção das realidades.

Recebi ordens e uma pasta com muita papelada relativa ao assunto que eu em casa folheei e, com franqueza, preocupado

a valer com as complicações de tal serviço a que nunca me dedíquei e que duvidava ser capaz de cumprir.

Passei tres dias aborrecido com a perspectiva duma barafunda com que me não entendería; felizmente, em 5 desse mês de Outubro, apresentou-se, mandado de Lx.ª exactamente para esse fim, o meu condiscipulo Atilio Augusto Valdez de Passos e Sousa, creio que já tenente-cor.el do Corpo do Estado-Maior.

Foi um alivio!

Larguei-lhe a pasta com toda a papelada e as boas intenções. E afinal não foi necessaria a intervenção do Superintendente Geral; a greve dos ferro-viarios não rebentou.

E eu voltei nesse mesmo dia 5 á pacatez do Grupo — para no dia seguinte ter de intervir em episodio doutra ordem, bastante desagradavel e que me deu q. fazer.

Estava em Coimbra como Governador Civil, não sei por que bulas, o então ten.te coronel de Infant.ª José de Oliveira Gomes, velho conhecimento dos tempos da minha passagem por Mafra, em 1902-1903. Era creatura impulsiva, sem geito para a Politica

e nem sei por que carga de agua ele foi parar aquele lugar que não era dos mais faceis de dirigir.

Era Administradôr do Conc:º o Dr. Apolinario José Leal, professôr então de ensino livre de quem já aqui tenho falado por vêzes e de quem, na verd.e, era amigo.

Ora aconteceu que, no dia 7 de Outubro, pela tarde, me entrou em casa, um tanto ou quanto atrapalhado, o bom do Apolinario com a notícia de que fôra procurado pelo Cor.el Viçoso May e pelo major Luis José da Mota, para em nome do Oliveira Gomes lhe pedirem explicações ou uma reparação pelas armas por causa dum oficio que recebera dele, como Administrador do Concelho ofensivo da sua ~~[illegible]~~ dignidade de homem e de autoridade.

O Apolinario mostrou-me o oficio q. tratava de uns abusos e escandalos no mercado de D. Pedro V em que andava envolvida uma vendedeira de Ovar ainda parenta do Oliveira Gomes; lido o oficio, na verdade um tanto ou quanto agressivo, pediu que eu e o Dr. Julio Machado Feliciano fossemos seus representantes para resolver a pen-

dencia bastante dificil de resolver. Era mais um episodio desagradavel em q. me ia envolver:

Fiz algumas observações acerca do oficio e lembrei as minhas boas relações com o Oliveira Gomes; mas vi o pobre Apolinário tão sucumbido que não tive animo para recusar a intervenção solicitada.

Pensando bem, ambos tinham procedido mal: o Administrador porque mandou um oficio nada diplomatico se bem que fundamentado; o Governador Civil porque pôz de lado a sua autoridade de superior hierarquico e desceu a desafiar para duelo um ~~...~~ subordinado com a agravante de ser mestre-de-armas que, creio, o impossibilitava de desafiar quem o não fosse.

Enfim, era para mim uma situação desagradavel; mas que fazer? O Apolinario não encontraria outro q. quizesse tais responsabilidades. Disse que sim. !

Combinou-se pelo telefone um encontro com os representantes do Oliv.ª Gomes, ás 9 h. da noite, no consultorio do Dr. Julio Machado Feliciano, na rua de Ferreira Borges, esquina das Escadas de Santiago.

0-12

Os dois patronos do Oliveira Gomes compareceram, solenes, com ar reservado. Sentados á volta duma mêsa da sala de espera, o Cor.el May repetiu a formula exigida pelo seu constituinte: ou retratação ou reparação pelas armas.

Comecei, então, a fazer ver que o oficio do Dr. Apolinario não era causa suficiente p.a tal imposição; desenvolvi considerações de varia especie tendentes a mostrar que o Oliveira Gomes foi precipitado como alias era proprio do seu temperamento; fiz ver a inconsequencia de um Governador Civil desafiar para duelo um Administrador do Concelho; puz a questão de o Oliv.a Gomes ser mestre-de-armas que, segundo julgava, o impossibilitava de desafiar quem o não fosse.

O Cor.el May, porem, impassivel, porventura sentindo-se incapaz de rebater os meus argumentos, repetia o dilêma: ou retratação ou duelo!...

Eu começava a suar pois os dois <u>adversarios</u> não falavam e toda a m.a argumentação caía no vazio. O Dr. Julio Machado olhava para mim com a têsta franzida, um tanto ou quanto aflito. Vendo que era em vão

que gastava palavreado, mudei de tactica e disse com certo calor que o Ten. cor.el Oliveira Gomes, mestre-de-armas, cometia uma acção pouco digna desafiando um individuo que, pela sua compleição fisica e ignorancia total de esgrima, não estava em condições de aceitar duelos; que conhecia bem o Ten. coronel Oliv.a Gomes, espirito generoso e, até certo ponto, cavalheiresco e por isso não acreditava que o desafio fosse posto com serenidade mas sim debaixo de impulso desagradavel de momento.

O cor.el May concordou, mas caiu na outra ponta do dilêma:

— Então o Sr. Leal que faça uma retractação...

Eu tive um movimento brusco e joguei as ultimas:

— Retractação?...

E com um pouco de violencia perguntei-lhes se eles, oficiais com brio, tinham consciencia do que era uma retractação... Lembrei a origem da palavra e fingindo-me erudito em Filologia atirei-lhes com quaisquer derivações latinas e continuei dizendo-lhes que o pedido duma retractação era acto que não ficava bem a gente com caracter porque era

o mesmo que exigir uma vilania — e neste teor continuei em sermão que eles ouviam já com melhor cara e o Dr. Julio Machado ouvia com a testa desenrugada: sinais de melhoria no ambiente...

E de repente voltei-me para o Luis José da Mota e dirigi-lhe esta estocada que pareceu dar certo:

— Oh Mota: se alguem se te dirigisse a pedir que te retractasses de qualquer frase pronunciada, o que fazias?

Ele não esperava pela pergunta; mexeu-se na cadeira e ainda o estou a ver a querer achar uma resposta. Parece, eu acudi logo:

— Com o teu temperamento e o teu brio, calculo bem que resposta darias...

E notando que os dois me pareciam abalados, mudei de tom e disse-lhes amavelmente, puxando dum caderno de papel que o Dr. Julio Machado oferecera e da minha caneta de escrever:

— Pois bem... Vejo que os meus Ex.mos camaradas compreendem bem a situação e eu vou fazer um rascunho da acta que deve fazer justiça a todos... E V.Ex.as dirão, em consciencia, o que lhes parecer.

E sem mais comentários comecei a escrever a parte principal da acta que ia lendo em voz alta:

«... Pelos segundos signatários foi dito que o seu constituinte, ao escrever o ofício que motivou a pendência, estava sob a impressão de estranheza que lhe causara a sua demissão de Administrador do Concelho por um simples alvará sem qualquer expressão atenciosa; e que, ao dirigir o referido documento, apenas visára a acção politica daquele Exmo Sr. e nunca o seu caracter que tem em grande consideração...»

Nesta altura, o Cor.^{el} May objectou que a alusão final do oficio á concordancia do Oliveira Gomes com os abusos e escandalos no mercado D. Pedro V não poderia ser considerada alusão politica mas sim pessoal. Eu fiz uma pausa e escrevi no rascunho a objeção apresentada e continuei a acta:

«... a isto responderam os segundos signatarios que o seu constituinte de forma nenhuma visava a honorabilidade pessoal do Exmo Sr. José de Oliveira Gomes e, como a alusão referida por assim dizer explota toda a exposição do oficio, julgavam que a explicação

dada deveria satisfazer os primeiros signatários porque ia assim anular a intenção ofensiva que se poderia ver no citado documento e mostrar que o seu constituinte não julga o Ex.mo Sr. José de Oliveira Gomes capaz de conivência nos abusos e escândalos referidos.»

A explicação que eu ia escrevendo e lendo em voz alta, não era, verdade, verdade, muito convincente mas os dois padrinhos opostos não fizeram mais objecções, tiveram gestos de aquiescência e eu, para não deixar arrefecer, logo continuei na escrita:

«E como os primeiros signatários julgaram suficientes as explicações dadas, a ilibada, foi completa, a honra do seu constituinte, deram todos os signatários por finda esta pendência de que se lavrou etc. etc.»

E sem dar tempo a reconsiderações, puxei de uma folha de papel e de outra que dei ao Luís Mota e comecei a escrever, a valer, a acta que este ia também escrevendo no duplicado. Lidas e verificadas as duas escritas [1], assinámos os quatro; o Co

---

[1] A acta, as cartas credenciais e o ofício do

ronel May e o Luis Mota tomáram conta de uma e despediram-se; eu e o Dr. Machado Feliciano acompanhámos-los até ao cimo da escada cerimoniosamente e voltámos á sala onde o Julio Machado me deu um abraço e me confessou o medo que teve d'um mau desenlace do caso.

Ele via bem que o amigo Apolinario Leal se excedera e não estava em bons lençóis e ao notar o esforço q. eu fazia p.ª convencer as outras testemunhas, pensou naturalmente em que teria de me dar qualquer injecção reconfortante...

Em vez, porem, da injecção, foi a um armario, tirou uma bandeja com dois calices e uma garrafa de Porto ou Madeira e bebêmos á saude do nosso constituinte e para me aquecer da suadeira que sentia — ao mesmo tempo que iamos comentando o fraco valor de tais padrinhos que, afinal, deixaram o seu afilhado na mesma posição.

Depois de descançados e confortados com os calices, fomos direitos a casa do Dr. Apoli-

---

Dr. Apolinario estão guardados devidamente na pasta dos documentos.

nário Leal que, muito naturalmente, estava á nossa espera cheio de anciedade e nervosismo. Ficou radiante e quiz saber como tudo se passára pois não contava com tal desfecho. Notámos que ficou sensibilisado com a nossa defesa e para celebrar o acto ofereceu ao Dr. Julio Machado um pequeno busto do Dr. Brito Camacho que ele cobiçava ha muito; e a mim, puxou dum oito volumes da <u>Monarquia Lusitana</u>, da edição da Academia das Ciencias, dos fins do seculo <u>XVIII</u>, encadernados em carneira e ofereceu-mos apesar das minhas instancias na recusa.

E assim acabou este episodio bastante desagradavel.

No dia seguinte, o Oliveira Gomes chamou-me ao telefone. Nervoso, atirou-se a mim por causa da solução dada á pendencia; observei-lhe que se deveria antes zangar com as testemunhas que escolhera, que o não defenderam, e não comigo que defendi um amigo com os recursos que tinha e sem más vontades para com ele, Oliveira Gomes; disse ainda que não tinha culpas de os dois camaradas se darem por satisfeitos com as nossas propostas, etc.

Foi discussão um tanto ou quanto viva e azêda que ele terminou por dizer que se ia embora, que estava farto de Coimbra que era afinal uma estrumeira onde fôra cair, etc.

O Luis Mota, algum tempo passado, contou-me que, quando ele e o May lhe entregáram a acta e lha leram, o Oliveira Gomes ficou furioso e quase os descompoz por se deixarem convencer tão facilmente.

E tinha razão...

E os dias correram. E por Decreto de 31 de Dezembro fui contemplado com o gráu de Comendador da Ordem Militar de Aviz por estar ao abrigo (segundo o decreto) do artigo 18.º do Decreto n.º 6205 de 8 de Novembro do ano de 1919 (1). Estava por comendadôr...

Assim acabou o ano de 1920 e ia entrar o de 1921 que me traria novidades.

<u>Lisboa</u>:

20-Março-a 5 de

Abril de 1963.

---

(1) Confirmação em Ordem do Ex.to n.º 23, 2.ª série, de 31 de Dezembro.

VI

«... sucessos que temos a glória de ir desenterrando do pó do esquecimento.»

Alex. Herculano: *Monge de Cister* 3ª ed., pag. 272 do vol. I, cap. XIV.

«... la Historia, como la Agricultura, se nutre de los valles y non de las cimas, de la altitud media social y non de las eminencias.»

José Ortega y Gasset: *La Rebelion de las masas*, pag. 25, cap. II da 9ª edição.

E o ano de 1921 surgiu e eu vou continuar com esta série de bagatelas que me dizem respeito e que, aliás, não prejudicam ninguem nem a História...

Coisas corriqueiras, talvez, mas que eu sinto prazer em rememorar e, francamente, em deixar contadas em prosa simples, para os outros.

Vamos, pois, seguindo paulatinamente como é proprio dos velhos.

Logo em Março surgiu ordem para dois subalternos e um dos comandantes irem à Escola Pratica de Mafra a um curso de metralhadoras pesadas, aqueles como alunos, este como assistente.

E' claro que o Monteiro, sempre comodista e com negocios pendentes da sua grande lavoura, não tinha vontade de ir; sondou-me a esse respeito e eu aceitei logo a diligencia porque isso representava umas semanas passadas na Paz e era uma variante para a vida normal e rotineira.

Fui eu, pois, o nomeado e no dia 5 desse Março referido, lá fui com a familia para Mafra e comigo iam dois subalternos: o Frederico Lopes da Silva (que morreu general ha pouco) e o Fernando de Oliveira Leite hoje capitão na reserva e em serviço no Batalhão da Guarda Republicana em Coimbra.

Apresentei-me em 6 e lá fui assistindo sempre á instrução que era interessante e de que, no final, fiz o competente relatorio no qual deixei notas relativas aos escusados estrangeirismos usados por tudo e por nada.

Era comandante da Escola o coronel José de Oliveira Gomes já anteriormente falado por causa dum duelo com o meu velho amigo Dr. Apolinario José Leal[1]; recebeu-me muito bem como se nada tivesse havido e não falámos no caso.

O curso seguiu com algumas interrupções — interrupções que me deram ensêjo, em 9 de Abril, a ir a Lisboa assistir ao cortêjo em honra do Soldado Desconhecido.

Tive a sorte de ver de perto, na Avenida 24 de Julho, na confluencia da avenida de D. Carlos, os tres generais estrangeiros convidados: o marechal Joffre, o italiano Diaz e o inglês Smith.

Gostei de ver o marechal francês, homem espadaúdo, pesado, mas com aspecto ainda de desembaraçado, bigodeira branca, espessa; manejava o bastão com gesto largo, no meio dos outros dois. Impressionei-me com o ver, pois relembrei os dias angustiosos do começo da guerra, quando ele, com grande serenidade aguentava todo o pêso das responsabilidades do comando su-

[1] No capº anterior.

prémios. Ficou-me na memoria a sua figura, de certa imponencia mas ao mesmo tempo de irradiante bonomia.

O curso terminou em 6 de Maio; voltei para Coimbra em 7 e em 8 estava de novo no Grupo, ora como 2º comandante ora como comand.te interino pois o Monteiro, volta e meia, arranjava pretextos para afastamento de Coimbra cuidando mais dos seus negocios ou em Condeixa ou em Mertola do que os do corpo que lhe confiáram.

Quando de Mafra regressei a Coimbra, andava no ar a ideia do Lampadario para a Batalha, para o tumulo do Soldado Desconhecido obra confiada ao Lourenço Chaves de Almeida que era então 1º sargento-espingardeiro do regimento de Infant.ª 23.

Embora o Lourenço já tivesse feito certas obras em ferro com valor artistico, o Lampadario é que lhe deu nome, o tornou conhecido e lhe proporcionou bastantes encomendas lucrativas.

Mas a verd.e é que a obra custaria m.to dinheiro e daí a ideia dum espectaculo no teatro para arranjar fundos; e se falo nisto

é porque tive a minha parte nele autorisando a representação da ~~ceia~~ Ceia dos Generais, uma especie de paráfrase á celebre Ceia do Julio Dantas.

Já me referi anteriormente a esta recita e a outra em que a mesma Ceia foi representada com ligeira alteração dos interpretes.[1]

Passo, pois, adeante.

No verão, em Setembro, fiz uma excursão com o Professor primario Horacio Antunes e o licenciado Jorge Raposo, á freguezia de Campelo (antiga freguesia do Concelho de Miranda do Corvo, hoje do de Figueiró dos Vinhos) e á Castanheira de Pêra.

Foi uma bela excursão, feita a pé, em 2 dias, com volta pelo Alto do Trevim - era no tempo em que eu fui infatigavel caminheiro.

Depois, andei com a familia pelo nosso alto-Distrito e pelos Concelhos de Seia e Gouveia e Serra da Estrela; foram dias agradaveis que passaram sem os poder refe-

---

(1) No vol.   destas Memorias e na Pasta dos recortes, no ano de 1921.

tir; a vida não consentiu outra escapada se
melhante.

Por essa altura de Setembro, tive troca
de correspondencia com o general Alberto
Carlos da Silveira, antigo unionista.

Não sei já bem contar nem estou para con
sultar jornais da epoca com o fim de me es
clarecer melhor; do que me lembro é que o
general era ministro da Guerra num minis-
terio presidido pelo honrado Tomé de Barros
Queiroz e por virtude duma questão levanta-
da a proposito de qualquer medida relativa aos
oficiais milicianos, o ministerio caiu arras
tado pelo ministro da Guerra muito atacado
no Parlamento pelos energumenos da Politica.

O caso era relativamente simples mas
revestia certa importancia porque contendia
com a disciplina militar e o bom nome do
ministro; eu não me contive e lembrando-
me da solidariedade que o gen.al Silveira
me deu na altura do incidente de Castelo-
Branco, mandei-lhe um cartão afectuoso
e em termos claros como é meu hábito.

O gen.al Silveira era considerado ho-
mem honrado, bem intencionado e escru-
puloso; não o conhecia pessoalmente mas

fiquei-lhe devendo o apoio moral naquele mau momento da m.ª carreira e por isso en-di que lhe devia pagar em moeda semelhan-te. Não deixei copia do bilhete; mas o General gostou do meu acto e respondeu-me com a seguinte carta:

«Governo do Campo Entrincheirado de Lisboa. — Gabinete do Governador. — Caxias — 15-9-21 — Meu prezado Cam.de e amigo — Muitos agradecimentos pela amabilidade do seu bilhete. Aos velhos unionistas amigos de Brito Camacho, como V... devo eu explicações do procedimento que politicamente vou adoptar. Sáio do partido liberal, onde me não é possivel acamaradar com pessoas que fazem da politica um meio de subir, sem se importarem dos que trabalham sinceramente e arredando-os receiosos/ de que os se trabalho os valorize e lhes ~~xxxx~~ crie uma situação que possa prejudicar as ambições ilicitas daqueles cavalheiros de industria. — Sáio aborrecido e magoado. Entrei para o Ministerio com o fim de realizar a obra de moralidade e de disciplina que é absolutamente necessaria fazer-se no exercito;

sem a qual tudo isto se afundará. — Foi-me possivel iniciar esta obra, apenas, na parte . . . . .[1]/cá para fóra; mas o meu trabalho a dentro das secretarias do Ministerio, limpando-as de milhares de processos que a incuria de numerosos ministros deixára acumular com manifesto descredito para o exercito, foi — deixe-me falar assim — verdadeiramente colossal. — Em breves dias publicarão os jornais a carta que dirigi ao Directorio, despedindo-me do partido e só lamento que as circunstan/cias me forcem a dar este desgosto ao meu velho e querido amigo Brito Camacho. — Se um dia o meu camarada vier a Lisboa, desejava que se avistasse comigo para então, mais detalhadamente, conversarmos sobre estes assuntos. — Mande sempre o seu — cam.^da^ e amigo — (a) Alberto da Silveira.»[2]

Respondi, daí a dias, com esta outra epistola:

---

(1) Ilegivel

(2) Esta carta está guard.^da^ na respectiva caixa

0-13

« Oliveira do Hospital — 25 de Setembro — Ex.mo Sr. General. — Depois de uma agradavel digressão pelos concelhos de Seia e Gouveia e pela Serra da Estrela, vim encontrar aqui a amavel e honrosa carta de V. Ex.c que eu, penhoradamente agradeço. — Segui atentamente a questão chamada « dos milicianos » e embora, como militar, não tivesse que discutir ou apreciar os actos de V. Ex.c como ministro, o certo é, porem, que inteiramente eu concordava com o procedim.to e com a atitude que V. Ex.c nele tomou, pois segundo o meu modo de ver, não deveriam ser outros. Esta a razão porque cumprimentei V. Ex.c quando deixou o Ministerio; era por assim dizer, um acto de solidariedade de disciplinado e que levava tambem, valha a verdade, uma pontinha de protesto contra o modo por que foi apreciada e combatida a solução dum caso meramente disciplinar. — De forma nenhuma, pois, eu esperava de V. Ex.c uma explicação tão atenciosa; não me julgava com direito a ela nem mesmo V. Ex.c tinha que explicar a creatura absolutamente obscura e inutil como eu, o que quer que seja de sua vida. — Julgo-me pois, creia V. Ex.c, muito honra

do com essa atenção e ainda mais por ver que tenho companheiros como Vã. na forma de apreciar certos politicos. — Quando o Partido Unionista se ligou com o Evolucionista, eu afastei-me e declarei não querer entrar no novo Partido exactamente porque, na minha terra, me não serviam os dirigentes novos e por ter um pouco a percepção daquilo a que V. Exª. se refere na sua carta. Este afastamento não excluia a admiração e consideração que sempre tive pelo sr. Dr. Brito Camacho e pelos correligionarios mais cotados que o rodeávam; o q. não queria era, precisamente, ser um dia afastado para não travar a marcha ascencional de qualquer creatura que quizesse trepar. — Por tudo isto, num simples bilhete, cumprimentei Vã. e por tudo, agora, renovo a mª solidariedade, rogando ainda a Vã. que veja se descobre algum prestimo naquele que, c/a maior consideração se subscreve, etc. etc.»

Apesar do convite do general para me avistar com ele, nunca o procurei, como é do meu costume e até posso dizer que nunca o vi; depois desta mª carta, as nossas relações cessaram, não por eu querer deliberadamente

nem havia razão para isso, mas por este meu feitio a que ainda estou agarrado e com o qual conto morrer.

E assim chegou o mês de Outubro em que, mais uma vez, o País e o Regime estiveram á prova e á mercê de bandidos pagos por quem tinha cofres repletos e a malvada intenção de aniquilar a Republica.

Não tenho, evidentemente, provas que confirmem os meus juizos; mas tantos indicios e suspeitas andavam no ambiente pesado dessa terrivel quadra que tudo leva á convicção de que os argentarios associados á Companhia de Jesus armáram o espectaculo vergonhoso.

Quero-me referir á matança de 19 de Outubro em que uma ~~...~~ horda de selvagens pagos assassinou o Antonio Granjo, o Carlos da Maia, o Machado dos Santos e não sei quem mais, não me lembro já, com requintes de ferocidade que sómente se explicam pela escolha propositada de celerados feita em alfurjas de cotação elevada.

Era então Governador Civil em Coimbra o José Maria Cardoso que era meu amigo; procurei-o para saber o que havia em Lis

boa, tão desencontrados eram os boatos e as raras notícias, algumas aterrorizadoras. Encontrei-o só no gabinete, sucumbido; mostrou-me os jornais com lágrimas nos olhos e quase sem poder falar.

Os jornais diziam que tomara conta do poder o Manuel Maria Coelho com elenco de gente nova e que acalmara a agitação nas ruas; mas a matança no Arsenal, essa era mais uma nódoa no regime e quiçá uma machadada. De positivo, porém, nada se sabia, as comunicações foram cortadas e não havia a certeza de os assassinos não andarem à solta por Lisboa e província e a eliminarem este e aquele vulto apontado pela conjura negra.

Fui para casa apreensivo. Ao jantar recebi um bilhete do Chefe do Estº. Maior da Divisão (então o tenᵗᵉ-corᵉˡ Carmine Ribeiro Nobre) convidando-me a ir ao Quartel-General. Lá fui, intrigado.

O General, José de Pimas Machado estava no gabinete acompanhado pelo José Maria Cardoso e expôz-me as suas apreensões a respeito do que se passaria em Lisboa de onde não vinham comunicações oficiais e pa-

deu-me que fosse no comboio da noite, á paisana, mas com farda numa maleta, saber o que havia e procurar, logo que averiguasse alguma coisa, comunicar para Coimbra.

E' claro que não cocei a cabeça como qualquer camponês desconfiado quando se lhe põe problema grave; mas disse para comigo que mais uma vez as espigas me caiam nas costas...

Que havia eu de responder? E' claro que disse que sim.

O dr. José Cardoso explicou-me depois q. o General ao conversarem sobre a situação, confessára que não sabia a que oficial confiaria a missão pois ainda não conhecia bem a guarnição e que ele, José Cardoso, tomára a liberd.e de apontar o meu nome.

Fui para casa, arrumei uma farda em maleta velha e lá fui á noite, para a estação com uma guia que dizia ir apresentar-me na Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra «em missão especial» por ordem do Comando da Divisão.[1]

---

[1] Conservo esta guia na pasta cit.a dos documentos.

O comboio ia quase ás moscas; o pessoal ferro-viario nada sabia e eu fui pensando pelo carrinho como me sairia da missão se as feras andassem ainda ás soltas. Não dormi. Em cada estação ia ás janelas da carruagem ver se ouvia alguma coisa quer do pessoal quer dos passageiros; mas nada!

Cheguei ao Rossio, com atraso, já dia claro; fui pôr a maleta na arrecadação dos volumes de mão; saí ao Largo de D. João da Câmara e fiquei um tanto ou quanto pasmado: parecia-me que Lisboa estava na sua vida normal das manhãs.

Não havia tropa pelas ruas, os electricos circulávam, gente ia aos seus trabalhos, os restaurantes e cafés abertos...

Ao menos fiquei sossegado e tão sossegado q entrei num café e tomei qualquer refeição quente porque ia com fome e com frio. Depois segui rua do Ouro abaixo, pacatamente, observando que nada indicava que na ante-vespera uma onda de malvadez, de selvajeria e de sangue correra pela cidade.

Cheguei á arcada do Ministerio do Interior e fiquei-me a olhar: numa cadeira de engraxador o Manuel Maria Coelho sos-

sepadamente confiava a um pobre artista o tratamento das suas botas... Discretam.te dois guardas á paisana vigiavam a pequena distancia.

Não hesitei: puxei da carteira, mostrei a um dos guardas a minha guia e o meu cartão de identidade e dirigi-me ao cor.el Coelho, Presidente do Ministério. Disse-lhe ao que ia; recebeu-me bem e com ar fatigado e gesto largo que abrangia o Terreiro do Paço e as arcadas, disse-me:

— Como vê, meu major, a cidade está em sossêgo... e vive a sua vida normal...

Troquei com ele ligeiras palavras e perguntei se queria alguma coisa de mim visto dizer-me que as comunicações com o País estavam a funcionar e a minha missão por isso estar terminada; despediu-me amavelmente e com um aperto de mão acabou a conversa:

— Dê os meus cumprimentos ao Dimas.

Não quiz ouvir mais... Voltei rua do Ouro acima e fui à estação saber a que horas havia combóios. Partia daí a pouco um para o Porto; requisitei bilhete, fui levantar a maleta e eis-me de regresso a Coimbra, moído,

incomodado, e conforme que só no Entroncamento consegui em parte apaziguar.

Logo que cheguei a casa fardei-me e fui ao Quartel-Gen.al; o General Simas Machado estava a escrever quando me anunciei; recebeu-me com ar de indiferença quase como quem recebe importunos. Ia-lhe a expor a conversa com o Manuel M.a Coelho; mas ele cortou-me a fala dizendo que já sabia que tudo estava em sossêgo, que já falara para Lisboa, etc. e sem um aperto de mão atencioso ou um vulgar "obrigado!„ fez o gesto de me despedir como a qualquer ordenança.

Ao passar pelo gabinete do Chefe do Estado-Maior mostrei o meu desagrado pela recepção e fui ainda ao Govêrno Civil onde desabafei com o bom José Cardoso.

Bem sei que a missão foi nula; mas quando o General me deu a guia de marcha, a missão era suspeita, desagradável e, poderia dizer, perigosa — e tanto assim pensaria que ele não sabia a quem a confiar e teve de recorrer ao Governador Civil.

Ao menos o General Simas que era homem muito educado, poderia ter-me dito afavelmente:

— Olhe, major: obrigado e desculpe o incómodo.

Seria até o que se diria a um creado...
Este caso ficou-me sempre na memoria e, como se diz em calão, atravessado.

Depois, com o tempo, o Gen.al Simas Machado deu-se bem comigo; fomos até companheiros no Conselho de Arte e Arqueologia; eu ofereci-lhe qualquer folheto meu — mas fiquei sempre com a pedra no sapato e mais tarde, como contarei no seu lugar, em vésperas do celebre 28 de Maio, houve desaguizado que fez cortar as boas relações.

Será o caso narrado na sua altura se a vida lá chegar e os olhos e o pulso derem licença.

E assim o tempo foi passando na boa rotina do Grupo de Metralhadoras quando em Novembro se deu um episódio apenas curioso, se não foi cómico, que sempre vou contar por desfastio.

Sempre tive desprezo por condecorações e nunca pensei nessas honrarias sem significado. Até o que eu observava a tal respeito era o suficiente para não tomar a coisa a serio.

Ora aconteceu que em Novembro rece-
bi da Chancelaria das Ordens Militares um
oficio que acompanhava, nem mais nem
menos, do que o diploma de Comendador da
Ordem de Cristo, concedida pelo Presidente
da Republica e sob proposta do Ministro da
"Guerra e aprovação do Conselho da Ordem »
no mês de Setembro anterior.

Fiquei-me a olhar...

Eu, comendador de Cristo como qual-
quer brasileiro de torna viagem que juntou
patacos em terras de Sta Cruz!

Quem seria o da lembrança?

Fui ter com o Monteiro e perguntei se
foi ele o autor da façanha; pelo tom em q.
fiz a pergunta percebeu que a honra que me
quizeram dar batera em falso; disse-me q.
não foi e é possivel que dissesse a verda-
de. O ministro, na data da proposta, era o
general Alberto Carlos da Silveira, velho cor-
religionario; no oficio dizia-se que a pro-
posta era dele, mas isso seria a formula bu-
rocratica e nada mais.

Enfim, fiquei sem o saber. O certo é que
mandei comprar meia-folha de papel selado
e em 23 de Novembro escrevi um requerim.[to]

ao ministro em que dizia ter recebido o diploma mas «não desejando aceitar a honra que lhe foi concedida por se não julgar merecedor dela e, ao mesmo tempo, por não estar em condições de fazer face aos encargos do decreto nº 5633 de 10 de Maio de 1919» solicitava autorização para «a renuncia de tal honra.»

Quando levei o requerimento ao Monteiro, vi bem que não gostou e que ainda quiz protestar dizendo que parecia mal, que o ministro não gostaria e outros argumentos mais ou menos parvos; mas eu insisti na remessa do papel e, com efeito, o papel lá foi ao seu destino.

Em meados de Dezembro seguinte recebeu-se no Grupo uma nota da 2ª Repartição da 1ª Direcção Geral, datada de 15 em que o General Director Geral comunicava que fôra deferido o meu requerimento...

O ministro é que já não era, felizmente, o bom Alberto da Silveira. E assim me livrei de ser comendadôr da Ordem de Christo e de pagar os direitos de encarte que ainda eram pesados.

Quem diabo é que teria a triste lembrança de me fazer comendadôr de Christo?

E o ano de 1921 ia terminar não sem um acontecimento desagradavel: no dia 26 de Dezembro morreu o General reformado Francisco Augusto Martins de Carvalho, filho do velho e conhecido jornalista liberal Joaquim Martins de Carvalho que na vida e na história de Coimbra ficou a marcar uma honrosa posição.

O filho, o General, ao mesmo tempo que era liberal, emparceirava politicamente com o conselhº João Franco, possivelmente por influencia do filho Fernando que foi ministro da Fazenda com aquele chefe politico. Por isso, se a memoria me não atraiçôa, foi reformado quando o ministro Pimentel Pinto quiz limpar o exercito dos adeptos do Franquismo.

Salvo erro, comandava então o regimento de Infª nº 13, em Vila-Real de Traz-os-Montes desde 31 de Dezembro de 1901, comando que exerceu por pouco tempo.

Uma vêz reformado, regressou á sua terra natal, confinou-se na riquissima bibliotéca paterna, no prédio ao cimo da parte ladeirenta da rua do Corpo de Deus e na continuação d'O Conimbricense; e sossegadamte ia trabalhando e facilitando generosamente o

trabalho aos outros com as facilidades de consulta dos seus livros.

Creio já nestas paginas ter falado dele e confesso ter ficado a dever-lhe muitas atenções e obsequios.

A sua biblioteca estava sempre aberta para mim, como se fosse publica; chegou a confiar-me uns manuscritos, por uns dias, coisa que não faria a ninguem. Quem quizesse consultar, consultasse lá em casa, onde havia uma mesa em frente da dele p.ª o consulente.

O meu estudo da acção na Cruz dos Morouços em 1828, foi quase todo feito sobre livros e folhetos raros que ele me ia indicando, interessado como andava com o meu trabalho.

Era excelente cavaqueador e por vezes com pontinha de ironia, principalmente se a podia aplicar a qualquer sucesso politico do regime republicano — com que ele, muito discretamente, não concordava.

Foi em casa tão acolhedora como era a do General, que eu conheci o dr. Antonio Ferrão, ido a Coimbra propositadamente para estudar qualquer assunto cujas por-

tas não encontrara em Lisboa, nem mesmo na Biblioteca Nacional.

Tentou fazer uma 2ª edição do seu *Dicionário Bibliográfico Militar* e reuniu enorme material para o qual, seja dita a verdade, eu concorri bastante e com a melhor vontade. O volumoso manuscrito que constitue esta tentativa está arrumado ou possivelmente abandonado no Arquivo Histórico Militar e estou convencido de que ali ficará para sempre entregue ao caruncho e aos ratos.

Creio que já nestas m.as *memorias* falei de uma diligencia para a publicação feita pelo genro o juiz Gilberto de Aragão que se aproximou para isso do então sub-secretário ou já ministro Santos Costa.[1]

O certo é que me sentia bem em casa dele; não só pelo ambiente (umas salas cheias de estantes a abarrotar de livros, folhetos, pastas com colecções raras, etc.) como pela propria presença do anfitreão, figura respeitavel, bem educado, e conversador emérito em quem transparecia o gosto de receber visitantes cultos.

---

[1] No vol.º

Ficávamos, muitas vezes, depois das minhas consultas ou buscas, a tagarelar; e ele tinha sempre episódios passados que contar e certas perguntas para fazer, pois era curioso de novidades.

Como estava, nos últimos tempos, sempre metido em casa porque lhe custava subir a ladeira que é íngreme, gostava de saber o que se passava na cidade e era vulgar vê-lo numa janela gradeada do prédio, atento ao movimento da rua e à espera de que qualquer conhecido passasse para lhe saciar algum tanto a curiosidade.

Assim passou o resto da vida, afinal operosa e útil; deixou uns livros de história militar apreciáveis, inúmeros artigos históricos no Conimbricense e o volume Algumas horas na minha livraria que é hoje muito procurado e valioso no campo da bibliografia.

Era, enfim, pessoa muito estimável mas que, pelo seu retraimento começou a ser esquecido; e a verd.e é que o seu funeral foi um vulgar funeral a que compareceram as poucas pessoas que dele se aproximavam e outras ~~parentes~~ por certas obrigações sem

importancia ou por simples cortezia para com a familia.

Assim passa tudo. Ha pouco, o advogado Antonio de Carvº Lucas tentou lembrar o dever de se celebrar o 1º centenario do seu nascimento; o apêlo, porem, sôou em vão e ninguem mais, creio eu, falou no assunto.(1)

<u>Lisboa</u>:
10 a 26 de Abril
de 1963.

VII

«... é preciso que se pintem os homens tais quais tem sido...»
Memorias da vida de José Liberato Freire de Carvalho, pag. 305.

«L'idée m'est venue d'essayer un recit de toute cette histoire.»
Paul Bourget: *La Duchesse Bleue* pag. 1.

Agora talvez seja a ocasião de lembrar uma instituição a que me vi ligado sem eu querer nem mesmo desejar e na qual se desenvolveu um episodio infeliz da minha vida, episodio que ia dando amargos de boca não só a mim como a outros que os sentiram por minha culpa.

Refiro-me ao Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição com séde em Coimbra — do qual irei falar conforme a memoria e

minhas notas colhidas ha uns doze anos nos restos do arquivo que escapáram ao incendio no Ministerio da Instrução ou Educação (como quizerem) Nacional.

O Decreto de 26 de Maio de 1911 [1] que reformou e organizou os serviços artisticos e arqueologicos, criou Conselhos de Arte e Arqueologia em Lisboa, Porto e Coimbra.

A intenção de quem fez a reforma foi a de dar realidade a muitas aspirações de artistas e criticos de arte no que tocava á conservação de monumentos, á criação de museus, ao possivel inventario da riqueza artistica e arqueologica do País; e assim, a divisão do territorio continental em 3 circunscrições descentralizava da capital esses serviços e facilitava a fiscalização e cumprimento das disposições legais.

Criáram-se, pois, as 3 circunscrições. A segunda correspondia aos distritos de Aveiro, Coimbra, Vizeu, Leiria, Guarda e Castelo Branco e o Conselho era formado por vogais efectivos, correspondtes, honorarios e auxilia-

[1] Diario do Governo, nº 124 de 29 de Maio.

res e cabiam-lhes largas funções e obrigações — como estudar, conservar e enriquecer as colecções de museus; adquirir obras de arte e peças arqueologicas para os mesmos; classificar os monumentos, velar pela sua conservação e propôr reparações ou restaurações; promover conferencias; arrolar o que houvesse de valor artistico ou arqueologico; dar parecer acerca de todos os assuntos de arte e arqueologia submetidos á sua apreciação, ou conselho, etc.

Era, pois, larga e pesada a função dos Conselhos. Porem, o legislador não se lembrou ou porventura o fez de proposito, de facultar com a mesma largueza ~~que~~ com que impunha obrigações, os meios de as cumprir.

Praticamente, os Conselhos só tinham a função de dar pareceres sobre assuntos que se lhe apresentavam — e pouco mais.

Alem disso, a centralização era forte e os Conselhos, verdade, verdade, para pouco valiam.

Havia, por disposição do art.º 18.º do Decreto cit.º uma Comissão Executiva com cinco vogais para direcção superior do Conselho e outra (art.º 19.º), Comissão dos Monumentos

para sua classificação, reparação e possivel restauração

Tudo isto estava mt.º bem se não fosse mais teorico (ou somente teorico) do que pratico, pois nada se podia fazer sem autorizações superiores e muitas peias de secretaria vinham impedir toda a iniciativa que parecia estar nas boas intenções de quem legislou.

Os Conselhos (a avaliar pelo da 2.ª Circunscrição) foram, pois, mais uma estação consultiva do que outra coisa com a agravante de q. as opiniões emitidas e sugestões apresentadas raramente serem acatadas superiormente e em regra postas de lado.

Mas, enfim, o Conselho da 2.ª Circunscrição constituiu-se com os vogais seguintes: Dr. Julio Augusto Henriques, Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Dr. Joaquim Mendes dos Remedios, Dr. Manuel da Silva Gaio, Eugenio de Castro, Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto, Albino Caetano da Silva, João Augusto Machado, Prof.or João Luis Mendes Pinheiro,

Luis Augusto Pereira Bastos (1) e José Pereira Dias, Dr. José Antonio de Sousa Nazaré e o director do Museu de Machado de Castro (creado pelo art.º 39 do cit.º Decreto) Antonio Augusto Gonçalves.

Esta composição de nobreza intelectual e oficial (ou jarrões para empregar termo picaresco) e Povo sem pretensões, foi defeituosa como era facil de ver; alem disso a quase totalidade dos jarrões era adversa ao regime e, dentro dos preceitos naturais, não deixariam de fazer finca-pé em tudo ou quase tudo para que a nova instituição não desse o resultado desejado.

E depois, o professor universitario com tinha classe muito á parte que não gostava de emparceirar com gente sem capelo.

Mas, enfim, mal ou bem, realizou-se a 1.ª sessão em 12 de Agosto de 1911 com reduzido numero de vogais — o que já foi sintomático. Compareceram Dr. Julio Henriques, António Augusto Gonçalves, Albino

---

(1) Professor m.to distinto de Desenho, na Universidade, já aposentado e bastante velho. Morreu em Fevereiro de 1912 e creio que nunca compareceu no Conselho.

Cast.º da Silva, João Augusto Machado, o Dr. Mendes dos Remédios e o arquitecto Silva Pinto.

Elegeu-se a mêsa que ficou constituída pelo Dr. Julio Henriques, Presidente; Dr. António de Vasconcelos, Vice-Presid.te; Dr. Mendes dos Remedios, Secretario; e Manuel da Silva Gaio, Vice-Secretario [1]; e a para a Comissão Executiva foram eleitos, alem do Presidente (Dr. Julio Henriques) António Augusto Gonçalves e o medico José de Sousa Nazaré.

Com esta mêsa e a comissão executiva, o Conselho começou os seus trabalhos de organização dentro, como disse, das limitações impostas pelo estatuto e pelas repartições superiores. Todavia, naturalmente hesitantes, os primeiros esforços tentados, no sentido da conservação dos monumentos, foram dirigidos para o convento do Louriçal do Campo (Conc.º de Pombal) e para o da Senh.ª da Conceição de Tentugal e ainda para o casarão do Paço Episcopal destinado ao

---

[1] Aprovadas por Portaria de 24 do mesmo mês de Agosto (*Diario do Governo* n.º 205)

futuro Museu de Machado de Castro — o sonho de Antonio Augusto Gonçalves.

Em 1912, Setembro, o Conselho foi aumentado com o vogal Engenh.º Paulo de Barros, então director das Obras Publicas em Coimbra, certamente escolhido por causa das reparações e ampliação necessarias no novo museu ainda nessa altura dependente da Direcção das Obras Publicas do Distrito e convinha ter mais á mão o responsavel.

E em 1913, no mês de Junho, foi eleito vogal honorario o velho farmaceutico e capitalista Manuel Augusto Rodrigues da Silva que tornou possivel com o seu dinheiro por emprestimo sem caução e sem juros, a primeira instalação, embora deficiente, de parte do Museu de Machado de Castro no edificio do Paço Episcopal, enquanto as verbas devidas e prometidas pelo Estado se não regularizassem e fossem recebidas.

E' curioso aqui lembrar uma circunstancia interessante relativam.te a instalação do Museu que só foi aberto ao publico em 11 de Outubro de 1913.

Oficialmente, o Museu de Machado de Castro começou a ser instalado e as obras foram-

se fazendo para ampliação do edificio sem que houvesse um diploma oficial que as autorizasse. O Antonio Augusto Gonçalves queria começar a instalar o museu e a transferencia do edificio que pertencia ao Ministerio da Justiça não havia manêira de se fazer para o Ministerio do Interior por onde corriam ainda os serviços de Instrução.

Com a natural barafunda politica que então absorvia as atenções ninguem ligava importancia á creação dum Museu...

O Gonçalves andava arreliado e foi o Rodrigues da Silva quem, com o seu feitio autoritario, mas pratico, começou a dizer-lhe que se não importasse com formulas, que andasse para deante, que enchesse as salas do edificio com todos os objectos de arte que tinha á sua mão e veria como ninguem daria por isso.

E na verdᵉ creio que ninguem deu pela ocupação do Paço Episcopal sem haver qualquer formalidade que a oficializasse — e, francamᵗᵉ, não sei se até hoje alguem deu por isso e se, de futuro, poderá haver qualquer complicação, especialmente com a Fazenda.

Na sessão de Junho de 1913, tratou-se, pela primeira vez, do caso da Igreja de S. Bento ameaçada de demolição, problema já muito debatido em que entrou, infelizmente, a ancia de chefia política do Alberto Dias Pereira — que veio a ser, mais tarde, um dos culpados do desaparecimento do edifício que era exemplar único de certo passo da evolução do Renascimento em Portugal.

A este caso da Igreja de S. Bento está ligado o nome do Dr. Antº Garcia Ribeiro de Vasconcelos como em tempo aqui referi com certa minucia ... confidencial.[1]

Em Novembro do mesmo ano o bom do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro levantou outro problema que veio depois a dar amargos de boca ao Conselho: o da protecção à Quinta de Santa Cruz que por vezes era cedida abusivamente para diversões noturnas que evidentemente estragavam bastante e, em boa verdade, não muito próprias em tal «parque» como agora lhe chamam com pouca propriedade.

O Conselho procurou remediar esses

---

[1] No vol.

mais, em Janeiro de 1914, com uma representação escrita pelo Dr. Mendes dos Remedios e depois publicada em opusculo.

Não foi, porem, atendida.

Em Novembro de 1913, como falecesse o bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina, a quem o Decreto de 26 de Maio de 1911, pelo art.º 39, deixára a direcção do Museu de Arte Antiga (vulgarmente conhecido pelo Museu das Pratas), este passou para a superintendencia do Conselho de Arte que, em sessão de 23 daquele mês, tomou resoluções e na sessão seguinte de 14 de Dezembro, resolveu expôr superiormente a necessid.e da mudança daquela rica colecção de arte sacra para a Igreja de S. João de Almedina, então devoluta, que poderia ser apropriada convenientemente como depois foi

Este caso da Igreja de S. João de Almedina deu depois polemica viva provocada pelos reaccionarios que aproveitaram a brécha para mais um novo ataque ao regime. Não me recordo já dos tramites da questão; mas como me não envolvi nela não tem aqui muito lugar, mas lembro-me de que ainda incomodou alguma coisa.

Em 1814, o Conselho encetou correspondencia com o Pintor Luciano Freire para a restauração de varios quadros do Museu; e, na verd.e, devido ao saber e honestidade do ilustre artista, bastantes foram restaurados e lá estão, nas salas, para regalo dos olhos.

Ainda nesse ano, no mês de Maio, representou superiormente acerca da necessidade da reparação ~~do~~ e conservação da bela Igréja da Pedrinha — mas não deram resultado as representações bem fundamentadas. Este assim, muitos anos a arruinar-se; quando passava na estrada, durante a m.a permanencia em Leiria, sempre notava a bela ruina manoelina e me lembrava dos inuteis esforços do Conselho.[1]

Passado o ano de 1815, em que não encontrei resolução digna de referencia, deu-se certo impulso, no ano imediato, ás propostas e diligencias possivelmente devidas ao dr. João Rodrigues da Silva Couto, rapaz novo, emprendedôr e muito

---

(1) Creio que foi recentemente restaurada e aberta ao culto [Nota aos 10-Março-1964]

impressionado pelo tio e padrinho, Manuel Rodrigues da Silva.

Foi eleito, o dr. João Couto, em 15 de Janeiro de 1915 e quero crer que a ele se devem as diligencias no sentido de se repararem e, sendo possivel, restaurar, os castelos da Feira (sessão de Jan.º de 1916) e de Leiria (Idem de Março) bem como reparações para conservação da Igreja matriz de Gois (sessão de Outubro.)

E nesse mesmo ano, em Julho, o Conselho renovou os protestos contra a cedencia da Quinta de S.ta Cruz para folguedos noturnos — protestos, não só não atendidos, como mal vistos pela maioria da opinião publica, mais ou menos formada pelos jornais da cidade, que parecia ver neles apenas um entrave ao progresso e ao desenvolvimento turistico da «nossa querida Coimbra» como era uso dizer-se.

Esse aspecto da questão era antipatico; não sei que interesses havia debaixo de capa; o que sei porque me lembro bem é de que a Imprensa (a «nobre missão» da Imprensa) desenvolveu ataques injustos e baixos contra quem procurava salvaguardar

o belo e agradavel recreatorio dos tenuzios das selvagerias e estragos naturalmente ocasionados pelos folguedos.

Enfim o episodio foi elucidativo para se avaliar a categoria dos «jornalistas» conimbricenses arvorados em mentores e inspiradores da opinião.

Ora por essa altura deu-se uma grande transformação no Conselho — transformação cuja causa nunca cheguei a saber com verdade.

Essa causa, porem, não deve andar longe da politica reaccionaria. Quase de repente, a maior parte dos vogais ou pediu a demissão ou se afastou sem dar qualquer especie de explicação; e esses vogais que assim procederam eram quase todos os mais reputados <u>jarrões</u> ou sejam os mais qualificados conservadores e alguns deles bem conhecidos reaccionarios.

Assim, o Dr. Julio Henriques solicitou excusa de presidente, cargo que, sem contestação, honrou; e deixou de comparecer ás sessões, bem como toda a mesa, nos começos do ano de 1917; em consequencia do

que foi eleita nova mêsa [1] que ficou assim constituída: Presidente, o Dr. Joaquim Martins Teix.ª de Carvalho; vice-presidente, o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro; secretarios: o arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto e o Dr. João Rodrigues da S.ª Couto, então cheio de boa vontade e iniciativa.

O Conselho ficou ainda reduzido com a saída de outros vogais: o Dr. Gonçalves Guimarães, Eugenio de Castro, Manuel da Silva Gaio e o medico José de Sousa Nazaré, solicitada em oficios de Junho e Julho do mesmo ano de 1917; e tambem com o afastamento do professôr Mendes Pinheiro (que raras vezes comparecia) e dos Doutores Antonio de Vasconcelos e Mendes dos Remédios que parece não tiveram coragem de pedir a demissão porventura em homenagem ás velhas e boas relações com o Antonio Augusto Gonçalves.

Foi quase um descalabro que, por se dar duma assentada e por vogais, todos eles

---

[1] O Dr. Julio Augusto Henriques só pediu a demissão de vogal em 6 de Abril de 1919 alegando aliás justificadamente o seu precario estado de saude.

adversarios ou não concordantes com o regime; procuráram-se explicações, mais ou menos aproximadas da verdade e o certo é que o Conselho ficou privado do concurso de creaturas que dentro das formulas vulgares davam prestigio á instituição se bem que não prestassem a assistencia concreta e assidua de que la precisava.

Quereriam eles dar cabo do Conselho para se dizer que sem os jarrões a Republica não tinha quem a servisse no sector das Artes e da Arqueologia?

Sabe-se lá!... Com tal gente, sem coragem das afirmações, tudo é possivel.

No entretanto, procedeu-se ao preenchimento das vagas abertas; e foi então que na sessão de 5 de Agosto ainda do mesmo ano e por proposta do João Couto, eu fui eleito vogal; e na mesma sessão por proposta do Dr. Teix.ª de Carvalho o vogal honorario Manuel Aug.to Rodrigues da Silva passou a vogal efectivo.

E na sessão imediata foram eleitos mais os seguintes vogais: o engenh.º Abel Dias Urbano, o professor Alberto Cupertino Pessoa (da Faculd.e de Medicina) e Silvio Pelico Lopes

de Oliveira Neto (da Escola Industrial Brotero) e o publicista José Tomás da Fonseca (da Escola Normal Primaria).

Com excepção do arquit.º Abel Urbano, os novos vogais eram todos das "esquerdas" e não sei se a escolha e a admissão do Tomás da Fonseca daria engulhos a muito boa gente...

Mas, enfim, passado o periodo de reconstituição, continuou-se a trabalhar com a mesma atenção e boa vontade a respeito dos monumentos. E assim se conseguiu a reparação do pelourinho e Casa da Camara de S. Vicente da Beira [(1)]; lançou-se certa campanha a favor da chamada Capela do Tesoureiro na Igreja de S. Domingos, na rua da Sofia, transformada em deposito de carvão; a campanha foi porfiada e cuidadosa mas, infelizmente, sem resultado. A notavel capela lá continua abandonada, exposta a todos os estragos.

A Quinta de S.ta Cruz voltou, de novo,

---

(1) Em Novembro de 1917 foi lido em sessão, um agradecimento do escritor Hipolito Raposo, natural daquela vila da Beira-Baixa, que provocára as diligencias do Concelho.

0-15

á discussão por causa da nenhuma atenção que as entidades oficiais davam ás razões apresentadas pelo Conselho. Igualmente a instalação do Museu de Ourivesaria, Tecidos e Bordados, creado pelo falecido Bispo, em local anexo ao de Machado de Castro voltou a ser tratado bem como outros assuntos de menor importancia, sempre ventilados e expostos com cuidado e fundamentadamente.

No entretanto, mais vogais iam sendo, aos poucos, propostos e aprovados superiormente: o dr. Gumersindo Sarmento da Costa Lobo como representante d'O Instituto de Coimbra; Augusto Casimiro; o dr. Virgilio Correia; o professor de Ensino Normal Alvaro Viana de Lemos; e o Secretario Geral do Gov.º Civil, bacharel Antonio Luis da Costa Rodrigues.

Este recrutamento de vogais do Conselho continuava a ser suspeito... Tirando o bom Dr. Gumersindo que embora nunca se manifestasse, era sinceram.te conservador; os outros eram ás claras da ala esquerda.

Mas que fazer? Os jarrões ~~~~ provaram que se não podia contar com eles;

havia, pois, que passar sem Suas Excelências e continuar a fazer alguma coisa dentro das limitações burocráticas impostas pelas leis, pelo ambiente político e por certo desinteresse dos governantes.

Ora por essa altura, com a boa vontade manifestada pelos novos vogais, pensou-se em constituir um Grupo dos Amigos do Museu Machado de Castro; depois de algumas conversas, ficou assente em 30 de Maio desse ano de 1920 a organização do agrupam.to que admitiria toda e qualquer pessoa e ficaria a trabalhar mais ou menos ligado ao Conselho de Arte.

Naquele dia resolveu-se que na proxima reunião se discutiriam os estatutos e q. eu ficasse secretário do Grupo — missão que tive de aceitar.

Na verdade, na sessão seguinte aos 6 do mês de Junho discutiu-se parte dos estatutos e elegeu-se presidente da direcção o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro e tesoureiro Manuel Augusto Rodrigues da Silva. E segundo umas notas q. encontrei resolveu-se, na mesma sessão, agradecer ao Ministro da Instrução a proxima doação de

3 contos de reis para instalação do Museu de Arte Sacra anexo ao Machado de Castro e agradecer tambem a adesão ao Grupo do Sr. Francisco José Fernandes Costa não me lembro se nessa altura ministro de qualquer coisa.

Em 13 ainda de Junho, dia do taumaturgo S.to António continuou a discussão dos estatutos; e...

E... os meus apontamentos de secretario, e a propria memoria, não dão mais qualquer noticia do Grupo. Não me lembro já bem do que se passou; contra o meu costume, deixei uns apontamentos tão escassos que mal auxiliam a memoria. Mas quero crer que a discussão de meia duzia de artigos do projecto dos estatutos seria a causa do malogro da tentativa.

A discussão durante tres sessões de um resumido projecto estatutario, revela que os agremiados não se entenderiam m.to bem...

Como disse, já me não recordo bem do que se passou; mas é possivel que as coisas não andassem m.to longe disto; desintelligencias, algumas teimosias e

talvez pouco interesse — o costume em casos identicos.

O certo é que nas minhas notas não ha mais sinal de trabalhos; e apenas conservo uns exemplares de circular de convite e um do projecto dos estatutos para recordação.[1] E assim, em 3 semanas, nasceu e morreu o Grupo dos Amigos do Museu Machado de Castro que poderia prestar alguns serviços.

Nesta mesma altura, com a aproximação dos folguedos dos tres santos festeiros, voltou a falar-se da cedencia da Sta de Sta Cruz para os divertimentos de São João e dias seguintes. O Conselho resolveu, mais uma vêz, chamar a atenção da Camara Municipal para os inconvenientes dessa cedencia.

Fez-se uma representação redigida pelo velho Gonçalves um pouco aspera, na verdade, como era proprio do estilo inconfundivel do autor; mas a verd.^de^ tambem é que na sessão de 20 de Junho em que a representação foi lida e aprovada, assiná-

[1] Estão na pasta dos documentos.

ram-na todos os presentes entre os quais o Prof.or Luciano Pereira da Silva recentemente eleito e que, pela primeira vez, compareceu.

Essa representação foi mandada, em resumo para a imprensa local; mas por qualquer contratempo ou inadvertencia do secretario que era então o Dr. João Couto, a representação dirigida á Camara foi entregue ao seu Presidente, e sem as formalidades devidas, depois dos jornais terem publicado o resumo.

Era então Presid.te do Municipio o Professor de Medicina João Duarte de Oliveira, creatura um pouco grosseira e que não sei porquê, não gostava do Mestre Antonio Augusto Gonçalves. E' claro que apesar de certo numero de assinaturas que estavam no papel, o homem encalhaçou tudo no Gonçalves, isto é: responsabilisou-o pela diligencia que se fazia em favôr da S.ta de S.ta Cruz e não esteve com meias medidas: respondeu em oficio datado de 5 de Julho ao mesmo tempo que o fez publicar em folha solta largamente distribuida á custa, é claro, dos cofres camararios.(1)

A resposta era violenta, mal creada e não correspondia ás intenções do Conselho. Causou pessima impressão em todos e na sessão seguinte, aos 13 de Julho, resolveu-se não responder ao Presid.te da Câmara e informar o publico, por meio de um opusculo, acerca da acção do Conselho e expor as razões que lhe assistiam sem fazer qualquer commentario ao oficio do Dr. João Duarte de Oliv.a. Transcreviam-se documentos e encerrava-se (ou procurava encerrar-se) o incidente para o não agravar.

O Presid.te da Camara, contudo, não se calou. Na vereação tinha creaturas q. não comprehendiam as intenções do Conselho e possivelmente teriam feito ver que havia politica ~~no~~ no caso — tanto mais que Ant.o Augusto Gonçalves era a pessoa visada como o responsavel pela caturrice. O certo é que saiu novo folheto escrito com violencia desusada e em termos nada correspondentes á posição do autor.

Chamava a Gonçalves «energumeno sem pejo» que arrastou o Conselho a tal situação; e usava de objurgatorias pro

prias de creatura sem educação que não sabia medir as conveniencias.

O folheto causou sensação e, em certos sectores, devo dizer, causou regosijo pois se punha em fóco o velho António Augusto sobre quem a opinião quase geral lançava as culpas e acusava de dominar absolutamente as vontades dos vogais do Conselho.

Eram as más vontades espalhadas contra o insigne Professor e certos despeitos contidos á espera duma aberta; e o momento foi excelente ocasião para se alargar facilmente o ambito do conflito.

E na verdade conseguiram tornar o episodio muito e muito desagradavel; o folheto era mais dum varredôr de feira do que dum professor universitario que presidia a uma Câmara de cidade de certa importancia. E depois, nas diatribes tão ordinarias envolvia membros do Conselho com grandes serviços á Coimbra como o velho e erudito Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, o Dr. Teixeira de Carvalho, o artista João Machado, o arquitecto Silva Pinto, merecedores de mais respeito.

O Conselho resolveu não tomar conhecimento do opusculo e abandonar a questão. O velho Gonçalves, porem, é que se não conformou e considerando-se o unico ofendido, saiu á estacada com o rompante que lhe era peculiar e lançou novo folheto em estilo brilhante e inconfundivel — a que o Dr. Duarte de Oliv.ª ainda respondeu, em linguagem imprópria, perfeitamente de garoto ordinario.

Foi um dize-tu-direi-eu que ia a descambar em luta de arrieiros, mas que terminou por interferencia do bom senso de amigos comuns.[1]

O episodio deu causa a duas iniciativas: uma foi uma homenagem, especie de desagravo que um grupo de amigos

---

(1) Salvo erro, a bibliografia da questão será esta: 1) Oficio enviado á Camara Municipal de Coimbra pelo Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra; — 2) Folha solta com o oficio do Presid.te da Camara Municipal ao Conselho de Arte e Arqueologia; — 3) O Conselho de Arte e Arqueologia em defesa do Parque de S.ta Cruz, folheto; — 4) O Conselho de Arte e Arqueologia em defesa do Parque de S.ta Cruz? Não! Mas sim: O Conselho de Arte e Arqueologia em ataque á Camara Municipal de Coimbra, 1 folheto; — 5) A' Gloria da

de Ant.º Augusto Gonçalves promoveu e veio a realizar-se em 31 de Julho de 1921 com certo brilho e solenidade — de que um volume comemorativo pode dar alguma ideia;(1) a outra iniciativa foi a da constituição de um Grupo dos Amigos do Parque de S.ta Cruz para o qual se fizeram uns estatutos de que possuo um exemplar impresso que calculo de extrema raridade — se não fôr exemplar único.(2)

Não me lembro já bem; mas se me não engano, o Grupo não passou de uma boa intenção de meu tio Albino Caetano da Silva e de um ou outro vogal do Conselho

---

Vereação Camarária de Coimbra. Homenagem (...) de A. A. Gonçalves. 1 folheto; — 6) O Sr. A. Gonçalves. Correcção educativa a um provocador (...) de J. Duarte de Oliveira. 1 folheto. Creio que está completa. Possuo todas estas espécies.

(1) Homenagem a António Augusto Gonçalves. 31 de Julho de 1921. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923. Volume in-4.º, papel de linho, de 95 pag. com gravuras fóra do texto. Se não erro, tiraram-se 300 exemplares.

(2) Folha de 0,183 x 0,154 com os Estatutos que constavam de 6 artigos apenas. Impressa na Tipogr.ª Auxiliar de Escritorio. Está guardada na pasta dos documentos.

mas não chegou a ter concretização. Ficou no projecto dos estatutos e na boa vontade de alguns.

O Conselho, é claro, continuou com os seus trabalhos e nessa altura havia o problema da instalação do chamado Tesouro da Sé na Igreja de S. João de Almedina.

Os esforços e a boa vontade de todos e em especial do velho Gonçalves, não foram atendidos e compreendidos superiormente; alguns objectos da riquíssima colecção começavam a deteriorar-se e as de loupas ameaçavam outros da mesma deterioração.

António Augusto Gonçalves saíu á estacada, bravamente, como era do seu temperamento, não só para livrar responsabilidades como para ir contra insinuações maldosa espalhadas na cidade. Em folha avulsa, desabafou...[1]

Coimbra foi sempre assim. Essas maldosas insinuações eram acolhidas com

[1] Folha solta com data de 4 de Julho de 1920. Ver a Tentativa Bibliográfica de Mestre António Augusto Gonçalves por Ant.º Gomes da Rocha Madahil,

regosijo em certos meios; e o auxilio moral que seria natural surgir perante tão importantes problemas de Arte, foi coisa que não apareceu alem do muito reduzido circulo de amigos.

E devo acrescentar em abono da verdade que depois da questão com o Dr. João Duarte de Oliveira atraz referida e desta arremetida de Ant.º Augusto Gonçalves por causa do Tesouro da Sé, muitos dos componentes do Conselho e do grupo que aos domingos aparecia no Museu, foram-se afastando discretamente para se não comprometerem...

Um que deu mais na vista foi o Dr. Luciano Pereira da Silva que a varias pessoas declarou não voltar ao Conselho. Era um comodista verdadeiro.

Ficaram, felizmente, os fieis, embora poucos.

E a Imprensa, a tal «alavanca do Progresso e da Civilização» era em Coimbra verdadeiram.te inferior, subordinada aos interesses dos proprietarios dos jornais e á falta de caracter de uns plumitivos que se armavam em jornalistas.

Essa «imprensa» merecia bem, como escreveu, com justiça, Cesário Verde em uma das suas poesias - desabafos:

«. . . . . A Imprensa
«Vale um desdem solene . . .» (1)

Entregue aos seus interesses nem sempre limpos, os chamados «jornalistas» sentiam o prazer dos insignificantes ao verem o homem superior que era Ant.º Augusto Gonçalves debater-se com dificuldades e, ainda por cima, malsinado e enxovalhado.

Mesmo hoje, apesar dos 40 anos passados e dos meus 80 e tal Invernos me darem certa indiferença perante malfeitorias de obscuros mariolas, sinto por essa imprensa (que não merece maiuscula) o mais sincero desprezo.

Mas continuêmos . . .

Ainda nessa altura, o claustro da Igreja de S.ta Clara chamou a atenção e cuidados do Conselho que expôz (aliás sem exito) os perigos de infiltração de agua das chuvas

(1) Na poesia Contrariedades a pag. 75 da Obra completa de Cesario Verde.

em certos pontos e da permanencia nela duma unidade militar que lá instalou casernas e arrecadações com varios e manifestos prejuizos.

Passadas estas borrascas infelizes que depozeram com clareza contra a compreensão dos assuntos de Arte por parte das estações oficiais e da maioria ou quase totalid.e da chamada «opinião publica» conivente, outro conflito surgiu pelo mês de Março de 1921 que teve passos de certo ridiculo.

A casa bancaria Pinto & Santo-Maior que comprára o predio da esquina norte da rampa que da rua de Ferreira Borges sóbe para a de Quebra-Costas e na parte de traz tépa com o arco da barbacã da grande entrada da fortificação de Almedina, requereu, com o novo projecto de frontaria, a demolição pura e simples desse resto da entrada medieval da cidade.

A Câmara autorizou...

O escritor e Poeta Manuel da Silva Gaio e o engenheiro Abel Dias Urbano tomáram a iniciativa duma representação á Câmara que foi coberta (não sei como)

por muitas assinaturas. Ao mesmo tempo o Conselho, para evitar mais conflitos com a Câmara, limitou-se a expôr, dentro das fórmulas e superiormente, a necessid.^e de se considerarem os arcos, chamados de Almedina, monumentos nacionais.

A Câmara, porem, não tomou conhecimento oficial destes dois documentos.

Felizmente, na imprensa de Lisboa debateu-se o assunto; muitos valores ~~[illegible]~~ nas Letras, nas Artes e Ciencias lavraram o seu protesto publico; no Parlamento houve quem levantasse a voz não sei se apenas pro-forma; no entretanto, algum resultado se tirou pois pelo Decreto n.º 7552 de Junho desse ano de 1921, baseado na proposta do Conselho foi considerado monumento nacional «o Arco Pequeno de Almedina.»

Esta expressão Arco Pequeno do Decreto tem uma história que, por curiosid.^e apenas, aqui fica.

Quando no Conselho se discutia o assunto o Abel Urbano chamou ao arco a «barbacã» da Porta de Almedina. O velho Gonçalves protestava, não admitia essa designação para o elegante arco que se vê

com tanto agrado da rua de Ferreira Borges. O Urbano, cor.el de Engenharia como era, explicava o que era uma barbacã nas fortificações medievais; o contendor, porem, não se convencia e os rapazes presentes não quizeram tomar posição na contenda.

Eu reforcei, pacatamente, a opinião do engenheiro convencidos que Mestre Gonçalves me ouviria...

Qual!... A representação redigida nessa mesma sessão, teve que mencionar simplesmente o «Arco Pequeno» para contemporizar com a caturrice do velho Professor. O caso não merecia questiunculas e respeitou-se a vontade do insigne Mestre.

Eu, porem, no dia imediato ou noutro qualquer seguinte, fui ao Museu de Machado de Castro com uns tratados de historia da Fortificação e procurei convencer o velho Amigo de que o Abel Urbano estava dentro da razão. Eu reconhecia que ele tinha m.ta estima por mim e que me ouvia com atenção; expuz-lhe, pois, o assunto e pareceu-me que perante a clara

exposição que lhe fiz, ficaria convencido. Não ouso, contudo, afirmar que o teria convencido.

António Augusto Gonçalves era pessoa de extrema delicadeza; e perante a minha amavel diligencia era incapaz de se mostrar renitente, como quem não acreditava nos argumentos apresentados. Ouviu, ouviu atentamente enquanto limpava a boquilha da nicotina dos seus constantes cigarros; agradeceu, mas teve o cuidado de não emitir opinião.

Por isso disse não ter a ousadia de afirmar que o deixei convencido de o «Arco Pequeno de Almedina» ser a sua barbacã.

Ainda nesse mesmo ano de 1921 fizeram-se certas diligencias relativas á protecção devida aos tapetes antigos da Igreja de Sta Cruz. E' claro que o Conselho, só por si, não era ouvido.

E assim sucessivamente, sem variação possivel. E' certo que o ambiente politico não era o melhor para, com serenid.^e^ e bom senso, se tratarem assuntos de A-

té a Arqueologia; mas... com todos os Diabos!... não se poderia abrir um parêntese, por uns minutos, e olhar a sério p.ª as representações do Conselho?

Descancêmos um pouco — que isto não vai a matar.

Lisboa:

3 a 25 de Junho
de 1963.

?

VIII

« O pano da obra tem dado de si e acho-me, contra a m.ª expectação, com mais do que para mangas. »

Alm.ᵗᵉ Garrett: *Cartas intimas*, 36

« Muitas vezes faz dano trazer de novo á praça negocios pesados quando o tempo os tem sepultados. »

Fr. Luis de Sousa: *Hist.ª de São Domingos*, Liv.º III, cap. 14.º

Hoje, passadas mais de quatro décadas, recompilando larguissima serie de episódios deste genero que não vale, verdadeiramente trazer á praça, ocorre-me perguntar se a indiferença das estações superiores perante os esforços do Conselho não seria propositada.

A burocracia, todo aquele pessoal instalado comodamente nos Ministérios por que passavam estes assuntos, seria ainda, na

quase totalidade, da Monarquia; a conspiração surda era permanente e quem sabe se toda essa gente, inspirada por mão oculta que subtilmente e inteligentemente manobrava na sombra, ia demorando ou negando as solicitações bem intencionadas, á espera de melhores dias — ou seja á espera de situação politica favoravel.

Essa situação politica, afinal, veio como se sabe, depois de 28 de Maio para então se fazerem á larga todos os melhoramentos desejados que atestassem a incapacidade da Republica e exaltassem os salvadores da Nação, os mandatarios da Companhia de Jesus que ainda hoje são os donos de nós todos e continuarão a sê-lo.

É possivel que esta opinião que aqui estou a expôr, mal humorado, em dia abafadiço de trovoada,(1) seja subtil e provocada pela velha fobia á Companhia falsa do bom Nazareno; é possivel que haja exagero e má vontade — mas deixo ao Futuro ~~o~~ dizer de sua justiça e quero crer que esta ~~não~~ andará m.^to longe do que digo.

---

(1) Em 26 de Junho de 1963.

No verão desse ano de 1921, aos 20 de Junho, o Conselho perdeu o seu Presidente, o Dr. Joaquim Martins Teix.ª de Carvalho que morreu com pouco mais de 60 anos, quando ainda havia muito para esperar das suas raras qualidades de artista e de erudito. Creio que ao longo destas fastidiosas memorias terei falado, por vezes, deste notavel professor e homem de letras, não me lembro bem já; mas sempre direi agora que, de facto, a sua morte deixou certo vácuo nos sectores da critica de Arte e no da investigação historica e ainda como escritor interessante e de estilo proprio.

Era dotado de inteligencia superior, de agudeza de vista em problemas de Arte e sempre ouvi dizer que, como clinico, poderia ter grande nome se muito cedo não tivesse abandonado a Medicina para se entregar aos trabalhos predilectos da Arte e da Literatura.

Os seus estudos de Arqueologia artistica ficáram a marcar uma epoca; são notaveis pelo critério da investigação e pela sinceridade das conclusões. O que publicou constitue obra grande e de merito real; e pena

foi que alguns manuscritos em que deixou outros trabalhos se perdessem ignobilm.te e creio que um ou outro andam de mão em mão á espera de comprador que parece ainda não ter aparecido.

Os manuscritos do Dr. Teix.a de Carvalho eram notaveis por serem quasi sempre em almaço de linho e a mancha manuscrita estar enquadrada em desenhos a cores, com letras capitais historiadas q. davam aspecto agradavel de folios antigos.

Onde estarão eles agora?

Com todas as qualidades de inteligencia e de trabalho que o notabilizaram e lhe farão perdurar o nome, tinha, em compensação, outras inferiores.

Era invejoso e ingrato; e embora pareça mal dizê-lo, não era amigo em que se confiasse. Temperam.to com certa dóse de cinismo, gostava de ferir os seus pares com sarcasmo; e esse temperam.to o levou a situações desagradaveis.

Só lhe ouvi dizer bem de meu tio Albino Caet.o da Silva. Em regra, ao falar deste ou daquele, tinha sempre alfinetadas para dar, por vezes venenosas; mas creio

que ele ficou a dever grande serviço a meu Tio quando foi da reprovação no concurso para professor da Facul.de de Medicina; nunca meu Tio falou nisso mas quero crer que foi ele quem tornou possível a sua saída para o estrangeiro, de repente, depois do Dr. Souza Refoios avisar secretamente meu Tio que ele iria ser reprovado nas proximas provas.

Recordo-me m.to bem destes passos todos; mas devo acrescentar que o Dr. Teixeira de Carv.o não fazia favor nenhum em considerar meu Tio como sempre o considerou — mas era uma excepção.

Enfim, não há ninguem perfeito neste mundo desgraçado.

E vamos adeante.

E' claro que a vaga de Presidente do Conselho teve de ser preenchida; depois de varias diligencias foi eleito o engenheiro Abel Dias Urbano e, por escusa do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, elegemos p.a Vice-presidente o Prof.or Tomás da Fonseca — cargo em que se manteve até à extinção do Conselho e onde trabalhou com sinceridade e afinco.

Mas quiz a má sorte que, nesse mes no ano de 1921, surgisse novo motivo para intervenção do Conselho — logo malsinada e combatida.

Uma empresa pretendeu fazer da velha igreja de S. João das Donas junto ao templo de S.ta Cruz, na Praça de 8 de Maio, um café-restaurante. Não haveria nisso inconveniente de maior, pois anteriormente fôra esquadra de policia e nos ultimos tempos agencia funeraria — sem protestos de qualquer especie.

Porem, o projecto da frontaria aprovado pela Câmara, era nem mais nem menos do que uma copia reduzida e com diferença de proporções, da frontária da visinha igreja dos Crusios e em cimento armado. E ainda não havia a certeza de, no dito projecto, ser devidamente respeitada a bela abobada e certas particularidades arquitectonicas dignas de nota.

Perante estes contracensos, o Conselho entendeu apenas avisar superiormente do que se tentava fazer e não tratar do assunto com a Camara — para evitar novos conflitos.

A empresa tinha por principal figura ou principal capitalista, o comerciante Adriano Viegas da Cunha Lucas, conhecido nestros tempos pela alcunha impressionante de Varatojo, devido ao seu feitio astucioso e chicaneiro; dominava, com o seu dinheiro a imprensa local e esta formava, infelizmente, a opinião geral da cidade como «alavanca do Progresso» segundo a retórica vulgar.

E esta opinião da cidade, ignorante em assuntos de Arte, era propensa sempre a redicularizar e deprimir quem não fosse atraz dela. E o menos de que o Conselho foi acusado foi o de «Empata» e inimigo do progresso e desenvolvimento de Coimbra.

O aviso dado pelo Conselho ás instancias superiores deu em todo o caso (e não sei como!) o seu resultado.

O Ministerio da Justiça, nos termos da Lei solicitou do Consº o seu parecer. O parecer, feito com as devidas cautelas, considerava o valor artistico da abobada como digna de ser arrolada nos monumentos nacionais e chamava a atenção para o facto deploravel de se construir ao lado de

um templo como o dos Jerusios, uma paródia, e em cimento armado, de sua frontaria. Quanto ao destino do edifício, o Conselho achava realmente preferível q. fosse um café-restaurante do que outro qualquer estabelecim.to que contrastasse desagradavelmente com o vizinho monumento.

E mais nada. Mas foi o bastante para que a imprensa local, a «alavanca do Progresso», continuasse com a campanha de descrédito contra o Conselho; e a opinião publica, formada infelizmente em conciliábulos de esquinas e portas de tabacarias se deixasse levar na onda de indignação e más vontades.

Os Ministérios da Justiça e da Instrução, porem, porventura devido a informações oficiosas, resolveram directamente o assunto: a abobada da igreja extinta foi classificada como monumento nacional e, por consequencia, ao abrigo de atentado; e a frontaria projectada de cimento armado não foi consentida tal como estava no projecto e já em começos de execução autorisada pela Câmara. O arquitecto (ou possivel.

mente o mestre-de-obras) autor do projecto teve de modificar quase por completo e teve o bom senso de se aproximar e entender-se mt.^to^ louvavelmente com o arquitecto Silva Pinto que com sua grande experiencia e saber, aconselhou-o no bom sentido — e a frontaria lá ficou, como ainda está, se não coisa boa, pelo menos remediável.

O arquitecto Silva Pinto procurou aproveitar o que já estava feito para evitar prejuizos e deu para o resto da frontaria os remendos que foram possiveis.

Estes desagradaveis incidentes mostraram ao Conselho a quase impossibilidade do cumprimento das imposições da Lei e do bom senso perante uma imprensa adstrita a interesses de empresas e uma opinião publica espicaçada por vaidades feridas e espiritos irrequietos de gracejadores sem qualquer moral ou, até, por malandrins diplomados.

Não vale a pena citar nomes se bem que a minha memoria ainda retenha alguns deles. Deixa-los lá entregues ao esquecimento e, como na maior parte

já morreram, que a terra lhes seja misericordiamente léve.

E a verdade é que o ambiente creado com maldade contra o Conselho deu origem a um periodo de quase inacção. Como, por essa altura, escreveu António Augusto Gonçalves: « os Conselhos de Arte desprovidos de meios de acção propria, teem por unica missão escrever oficios e memorias que ninguem lê; propôr alvitres que ninguem aceita; e reclamar providencias que ninguem atende! [...] O resultado é o vexame deprimente da sua inutilidade actual. » (1)

Não se póde ser mais exacto.

Mas este incidente do café-restaurante que por ter na frontaria dois grifos ou coisa que o valha para aguentar lampeões, a má-lingua classificou de « Café dos passarões » (2), deu ainda origem á demissão

---

(1) Monitoria dirigida aos Snrs. Ministros etc. a pag. 4 (Coimbra, 1921). Opusculo q. saiu anónimo mas q. é de A. A. Gonçalves.

(2) Alusão especial ao citado comerciante de panos Adriano da Cunha Lucas, mas verdadeiramente extensivo aos outros socios da empresa.

do engenheiro Abel Urbano de Presid.te do Conselho — cargo que, diga-se a verdade ele manteve com certa dignidade e prestígio. Quando se discutia o caso do café-restaurante, o engenh.º Abel Urbano entendia que as pentinas não deviam ficar paredes-meias com a Igreja de S.ta Cruz; achava isso impróprio não só para o templo mas também para a sua mentalidade de católico — e o certo é que apesar de alguns esforços para o convencer a ficar, insistiu delicadamente e renunciou ao cargo que, repito, manteve com elevação.

Por esse tempo fôra eleito vogal o general José de Simas Machado então comandante da 5.ª Divisão Militar; era creatura distinta, culta, com tradições de vida jornalística no Porto e convivência com a roda de homens de letras dos fins do seculo passado. Era, demais a mais, politico e mantinha certo prestígio social.

Sobre ele, pois, cairam as vistas dos vogais do Conselho porque a escolha era difícil. Passado certo periodo em que a presidencia foi exercida por Tomás da Fonseca, a eleição recaiu no general.

Este aceitou, possivelmente com alguma ponta de vaidade, pois não tentou qualquer ligeiro gesto de recusa quanto mais não fosse por modestia corrente.

Aceitou, e exerceu o cargo com interesse até à sua transferencia para Lisboa em 1926, pouco antes do movimento de 28 de Maio.

E o Conselho lá ia seguindo. Mas a verdade é que todas as iniciativas encontravam obstaculos quer na burocracia dos ministerios quer nas más vontades pessoais que se sobrepunham aos interesses gerais da Arte.

Ainda em 1921, Ant.º Augusto Gonçalves teve de lançar ao publico um apelo-protesto a-proposito do abandono a que está va votado o recheio do antigo Tesouro da Sé que deveria passar a chamar-se Museu de Ourivesaria, Tecidos e Bordados, abandono que só mais tarde foi atenuado.

E pode dizer-se que constituiu, verdadeiramente, uma lança em Africa, a aquisição para o Estado das ruinas da velha Igreja de S.ta Clara e começos da sua reparação e conservação.

Esta lança em Africa foi conseguida depois de campanha benemerita empreendida (embora não levada completam.te ao cabo) pelo gen.al Simas Machado e pelo Tomás da Fonseca — que se valeram da influencia politica propria com insistencia e do prestigio de que, ao tempo, gosávam.

Foi a jornada [...] para alguns imensamente acidentada e tormentosa » afirma Tomás da Fonseca (1); mas, pelo menos, deu-se um primeiro passo.

Ora com a saída do general para Lisboa, novamente ficou vaga por algum tempo, a presidencia do Conselho e novos conciliabulos se fizeram entre os vogais no sentido de se encontrar sucessor. Parece que ninguem queria a espiga — pois realm.te o cargo era inglorio e sujeito a certos dessaires e aborrecimentos.

O Ant.o Augusto Gonçalves já anteriormente pensára em mim e, desta vêz, prevaleceu a sua opinião que livrou outros, como os Dr.s Joaquim de Carvalho ou Al-

---

(1) In Santa Clara a Velha de Coimbra. Confer.a em 29 de Junho de 1926 (Coimb.a, 1926) a pag. 62

berto Cupertino Pessoa de serem os escolhidos p.ª a "espiga."

Enfim, por proposta desse velho amigo, a eleição recaiu em mim e, por unanimid.e na sessão de 27 de Novembro de 927. O Tomás da Fonseca continuou vice-presidente e para secretarios foram eleitos o Dr. Amadeu Ferraz de Carv.º e o Dr. Gumersindo da Costa Lobo — mesa que foi aprovada superiormente e tomou posse oficialmente em 11 de Dezembro seguinte.

Teria eu aceitado o cargo sem protestos, por qualquer pontinha de vaidade?

Com franqueza, já lá vão cerca de 36 anos e não me lembro com precisão do q. se passou no meu espirito.

E' porem possivel... Ainda era novo, andava pelos 48 de idade; e quem sabe se me deixei seduzir pelo facto de ir presidir a um conjunto de individuos de nome e respeitabilidade — a começar pelos velhos Augusto Mendes Simões de Castro e Ant.º Augusto Gonçalves, por professores como o Dr. Joaquim de Carvalho, arquiteto de nome como era o Silva Pinto, etc. etc. E' possivel, confesso, que poderia

ser assim; mas confesso tambem que me não recordo já se assim foi.

Tudo pode ser, mas a verdade é que independentemente da possivel ponta de vaidade ou completa ignorancia das responsabilidades que ia tomar, a nova mesa não tinha o poder de dar alentos ao Conselho — pelo contrario, era natural que fosse mal vista pelos poderes publicos.

Os novos presidentes eram demasiadamente suspeitos e, como era voz corrente que o velho Gonçalves não deixava de ser o inspirador e verdad.^o dominador do Conselho, era de esperar que este encontrasse a todo o momento dificuldades, maiores certamente, do que as encontradas anteriormente.

No entretanto, o Conselho lançou-se do mesmo modo e com excelente vontade, de fazer qualquer coisa de util, ao trabalho que os regulamentos impunham.

Passei a mandar notas oficiosas das nossas reuniões para os jornais da terra e para os correspondentes dos grandes diarios de Lisboa e Porto — para dar conhecimento ao ao "respeitavel publico" do que se ia fazen

do — com o que, valha a verdade, o pu-
blico se não importava.

Nomeou-se, de novo, uma Comissão Executiva que teve por vogal o arquiteto Silva Pinto e por tesoureiro o Lourenço Chaves de Almeida, recentemente eleito vogal do Conselho e bom elemento de trabalho.

Procurei organizar o Arquivo q. andáva ao Deus-dará e dar forma mais regulár á Secretaria, tambem um pouco á matroca, ao sabôr da mandrice do chefe da mesma, o medico sem clientéla visivel Domingos Miranda, pessôa dúbia que nunca percebi mas que deveria ser fundamentalmente velhaco. Sempre que podia resistia ás minhas indicações; não concordava com a nova arrumação que eu queria dar ao Arquivo e á orientação que empreendi; mostrava má cara a tudo, especialmente á chamada á secretaría onde julgo que nunca ia, etc.

Ele era funcionário do Estado e, como tal, recebia mensalm.te o seu ordenado; de certo obrigação a q. não faltaria.

Estas resistencias e até más vontades senti-as tambem no proprio secretario do

Conselho, o Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho que, por vêzes, não foi leal para comigo e, outras, se mostrava agastado.

Quando se deu o caso que adeante contarei do Palacio da Justiça, entreguei-lhe o rascunho dum oficio para o Presidente da Relação para mandar copiar á maquina; quando me veiu ás mãos e eu ia a assinar, verifiquei que vinha alterado e nalguns passos em sentido contrario ao que eu escrevêra.

Tive de mandar fazer nova copia pelo meu original.

Estas pequenas (pequenas?...) coisas muito aborrecidas que me traziam certos momentos de desânimo, davam-me vontade de atirar com os aparelhos ao ar; porem o Lourenço Chaves de Alm.da, homem mais terra a terra, opunha-se tenazmente, discutia comigo e lá me ia levando no <u>tóte</u> (para me servir de frase chula).

E assim, como uma das minhas primeiras preocupações era lançar uma publicação que fosse uma especie de <u>boletim</u> ou <u>revista</u> do Conselho, aspiração vaga já antiga, a que ninguem quiz meter

ombros, resolvi eu tentar a boa empresa. Conversei com o Dr. Joaquim de Carvalho, então administrador da Imprensa da Universidade, sobre o assunto; este animou-me, fiz o plano mais ou menos de acordo com ele; procurei colaboração e pedi ao velho amigo Gonçalves o artigo de abertura, como na verd.ᵉ fez.

E embora com certas dificuldades que atrasaram, a revista saiu.

Deu-se, porém, o caso que a publicação que veio a ser a excelente revista Arte e Arqueologia só apareceu em 1930, já eu não era Presid.ᵗᵉ do Conselho. Abandonei, por isso, a sua direcção que foi entregue ao Dr. Virgílio Correia.

Infelizmente, desta revista só saíram cinco números que se arrastaram até 1933, ao sabor do espírito desencontrado do Virgílio Correia que, a certa altura, fez da revista vazadoiro de várias bugigangas próprias e, como era de esperar do seu feitio, acabou por a abandonar.

No volume I, a pag. 188, contudo o Virgílio deixou dito a verdade acerca da origem da revista — o que nele não era usado

corrente (1) e no ultimo numero deixou-me publicar o meu pequeno ensaio sobre os Oleiros de Miranda do Corvo não sei se por generosidade se por algum rebate de consciencia.

Enfim, a Arte e Arqueologia, hoje espécie bibliografica rára e bastante procurada, não encampanhou o Conselho a pena foi que os sucessos subsequentes fizessem com que acabasse no prim.º numero do vol.º II pode dizer-se inglóriamente. Mas tinha de ser.

Varios projectos fiz no sentido de valorizar o Conselho e o Museu, ainda iludido por boas esperanças.

Um deles foi o de mandar reproduzir as principais obras do Museu de Machado de Castro para efeito de propaganda não só em postais como tambem para a revista e para catalogos especializados que se organizariam depois. Chegou este pro- [redacted] jecto a ter começos de execução;

---

(1) Este passo desmente claramente a afirmação exarada não sei por quem a pag. 411 do vol. 3º da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira acerca da origem da revista.

contratei com o fotografo lisbonense Octavio Bobone, especializado nesses serviços, a reprodução desejada; este foi a Coimbª, falámos largamente sobre o assunto e fechámos contrato e passado um tempo o ar-tista começou a trabalhar e, deve dizer-se, com perfeição.

A tarefa, porem, não foi ao fim; devido á minha exoneração, o sucessor suspendeu os trabalhos e não sei como liquidou o contracto nem como ficáram as reproduções algumas das quais ainda vi, por lá, mais tarde, ao Deus-dará.

Igualmente projectei prestar homenagem á memoria do Dr. Teixeira de Carvalho na qual se fizesse justiça ás suas qualidades de erudito, de artista, de critico de arte e de medico e anatomista — homenagem que nunca se conseguiu realizar devido a razões que serviam para depôr claramente acerca do caracter de certos individuos.

Convidei para oradores na sessão: o Dr. João de Barros, velho amigo do Dr. Teixeira de Carvº, que trataria do aspecto literario; o Dr. Aarão de Lacerda que se dedi-

caria ao aspecto artístico; e o Dr. Maximino Correia que falaria acerca das qualidades de clínico e anatomista.

Convidados, todos três aceitaram; conservo as respectivas cartas.

Porém, passado algum tempo, o Dr. Aarão procurou desculpar-se com razões especiosas de falta de tempo e complicações várias da sua vida; e o Maximino, esse, não apresentou desculpas, foi mais radical, solicitou a escusa formalmente, de maneira categórica.

Fiquei aborrecido e desanimado. Que razões levaram estas duas creaturas a uma escusa ou recusa tão esquisitas?

Mais tarde, vim a saber.

O Aarão de Lacerda propunha-se à Faculd.e de Letras de Coimbra e na Faculdade o nome do Dr. Teix.a de Carvalho era execrado; fizeram-lhe saber que seria mal vista a adesão e intervenção na homenagem. E daí a retirada que não direi em boa ordem porque foi muito mal feita ou, até, deselegantemente. Quanto ao Dr. Maximino o caso foi idêntico; esta

va para ser proposto professor catedrático (ou coisa que o valha) da Faculdade de Medicina e foi avisado com clareza de que não pensasse em aceitar o convite para a homenagem ou a Faculdade levaria a mal...

Soube-se depois até que foi o professor catedrático Dr. Santos Viegas quem serviu de intermediário no aviso ou possivelmente ameaça.

E aqui está como se desfez o projecto de homenagem ao brilhante espírito que foi o Dr. Teixeira de Carvalho a quem Coimbra ficou devendo grandes serviços e que já esqueceu.

Se por acaso, na cidade, é lembrado é para se dizer desenfastiadamente:

— Ah! sim... O Quim Martins!...

E é favor se se ficar por aqui e não se contar logo uma anedota picaresca — para não dizer porca.

O certo é que fiquei fazendo uma ideia diferente destes dois cavalheiros dos quais não nego o valor intelectual (que é grande) mas cujo caracter não me parece que seja de boa têmpera.

Quanto ao João de Barros, escrevi-lhe a contar o caso e a pedir-lhe desculpa. E é também certo que, com o tempo que foi correndo e depois com a minha exoneração, a ideia da homenagem passou á história — ou como diria o mais velho e honrado sargento de Infª 23 José Simões de Oliveira:

— Fica para segundas núpcias...

Ora continuando:

Aparte varios cuidados e diligencias relativos a monumentos como o mosteiro de Arouca, a igreja da Trofa, perto de Agueda onde estão os celebres tumulos dos Lemos;[1] a conservação e exposição ao publico da capela do tesoureiro da igreja de S. Domingos na rua da Sofia, iniciativa que se tentou renovar infelizmente sem resultado; e outros mais como a conservação dos tapetes do chamado Tesouro da Sé; surgiram nesta altura mais dois incidentes (sempre os inci-

---

(1) O Conselho deslocou-se a estes dois locais, em dias sucessivos, para estudar in loco os problemas levantados relativamente á conservação dos notaveis monumentos. E' claro que foi o mesmo que nada.

dentes!...) que merecem, já agora, referir p.ª a narrativa não ficar incompleta: um relativo ao Palacio da Justiça outro à igreja de S. Bento.

Entendeu o Conselho que a residencia da familia Aires de Campos (enobrecida com o condado de Arneal) na adaptação a Palacio de Justiça deveria seguir-se o primitivo plano feito ha muito com a maior consciencia, probidade e saber, pelo arquitecto Silva Pinto desde a sua colocação em Coimbra como professor na Escola Brotero.

A comissão administrativa das obras deu a direcção das mesmas ao capitão de Inf.ª José Castelo-Branco, com o curso de Engenharia feito aos trambulhões no Porto. Esta nomeação foi evidentemente favoritismo a um rapaz monarquico, da familia dos Condes de Pernes de Algôdres; embora com certa inteligencia e habilid.e era desprovido de competencia para obra de tal vulto.

O presidente da Relação e, por consequencia, presid.te da comissão administrativa das obras, era o Juiz Conselheiro Forjaz de Sampaio, boa pessoa, de fina educação, mas perfeitamente dominado pelo secretario, o

Dr. Francisco Fernandes da Rosa Falcão, creatura com qualidades de acção e naquela altura com grande importancia politica.

No Conselho, discutindo-se o caso, resolveu-se que eu, dadas as boas relações antigas com o Rosa Falcão, fosse falar-lhe e expôr familiarmente o assunto.

Realmente, lá fui um dia á Relação procurar o meu antigo companheiro das sociedades secretas de 1897/98, desse bom tempo em que ele era olhado como um exemplo de inteligencia clara, de convicções sinceras e de espirito revolucionario temperado por ponderada actividade. Encontrei-o no seu gabinete, arrumando processos, na presença do Conselh.º Forjaz de Sampaio, sentado a um canto, com ares de subalterno.

Expuz as razões que lá me levaram. O Rosa Falcão, sem deixar de mexer e remexer nos processos, ouvia-me com sorriso de ironia que eu compreendi m.to bem. Era a desconfiança dum homem 100% da situação politica vigente que via sómente em mim o adversario politico e o representante duma instituição considerada inconformista em que o seu principal

vogal era o temido António Augusto Gonçalves. Além disso calcularia que eu desejava a interferencia na obra de um outro vogal, o arquitecto Silva Pinto, igualmente adversario.

Compreendi que a m.ª missão não dava resultado.

Achei até graça ao Conselh.ro Forjaz de Sampaio quando eu acabei a exposição das minhas razões, ao dizer-me com o modo mais afavel e conciliadôr:

— Mas nós o que querêmos é que a obra fique bonita...

Eu, sem querer desrespeitar o velho Juiz, respondi logo talvêz inconvenientemente:

— Sr. Dr. Conselheiro: o perigo é exactamente a obra ficar bonita...

O Rosa Falcão, porem, atalhou quase rudemente dizendo que o Conselho queria entravar a obra com razões muito particulares, que havia más vontades de todos nós, etc. etc. com palavras mansas, frias, ditas com a sua voz aguda, de certa vibração.

Deixei-o falar; e quando calculei que ele teria dito o que entendia, levantei-me, despedi-me respeitosamente do Conselheiro

a familiarmente do Rosa Falcão sem fazer qualquer referencia á conversa anterior.

Exposta ao Conselho a diligencia, este entendeu que era melhor pôr de lado o assunto para... não criar dificuldades.

A comissão administrativa das obras do Palacio da Justiça, passado pouco tempo, tentou conciliação nomeando o arquitecto Silva Pinto vogal da mesma, mas em condições de tal inferioridade perante o José Castelo Branco, encarregado da obra, que aquele não podia aceitar — como, realmente, não aceitou.

Todavia, o José Cast.º Branco mais avisado ou porque assim o aconselharam, veiu ás boas e por qualquer intermediario aproximou-se do Silva Pinto com certa sinceridade pois não se entendia bem com a grandeza da obra. E tudo acabou, afinal, por a obra se fazer pelo antigo e primitivo projecto debaixo das indicações, quando havia duvidas, do seu autor.

O outro incidente a que me referi foi provocado pela demolição da igreja de S. Bento, monumento que desde ha muito merecia as atenções do Conselho e de que

eu, nestas memorias já falei largam^te^ ha muito e com toda a liberdade. (1)

Porem, as ponderações, respostas e consultas das estancias e p^a^ as estancias superiores, não foram ouvidas ou atendidas; e o Conselho foi malsinado na cidade quer na Imprensa quer nos conciliábulos das esquinas por se opôr a mais um progresso de Coimbra.

E até a uma nota oficiosa da sessão de 14 de Agosto de 1928 em que se afirmava a nenhuma responsabilid^e^ do Conselho na destruição do notavel templo beneditino, foi negada a publicação pela censura politica local.

Dizia-se que o córte fôra feito a pedido do Dr. Alberto Dias Pereira, professor do Liceu, grande influente democratico que embora destronado continuava, com suas malas-artes, a manter certa influencia junto de alguns mandões da situação creada em 28 de Maio de 1926. Parece que era verdadeira a interferencia deste cava-

(1)

.

lheiro no córte feito pela censura; resolvi ir com o Vice-Presid.^{te} Tomás da Fonseca procurar o Governador Civil que era então o capitão ou major de Inf.^{a} Sergio de Castro, verdadeira figura decorativa, ou plastron (como antigam.^{te} se dizia) manejado pelo Eduardo da Cunha Oliveira.

Queria protestar contra o córte feito pela censura duma nota oficiosa de instituição do Estado que nada tinha com a politica.

O homem recebeu-nos com ar desconfiado mas ouviu-nos com atenção; fiz-lhe ver que se não compreendia que um antigo influente democratico cujo procedim.^{to} como politico era apontado como uma das razões da eclosão do movimento regenerador de 28 de Maio, tivesse o poder de fazer cortar pela censura uma nota oficiosa do Conselho de Arte e Arqueologia — organismo sério e de funções meramente culturais.

O Sergio ouviu, calado; no final, com sorriso brejeiro, disse-nos que mandaria publicar a nota oficiosa como na verdade foi publicada nos jornais nos dias que se seguiram.

O certo é, porem, que o belo templo beneditino, exemplar unico no País, foi deitado abaixo; e os varios passos por que o triste incidente passou, constituiriam saborosa cronica alegre que documentaria a afirmação do baixo nivel do interesse e conhecimentos artisticos do ambiente português e, em especial, do ambiente coimbricense.

Assim, a vida do Conselho ia correndo quando novo escandalo surgiu que foi fatal para mim: a Junta da freguesia de Santa Cruz e o pároco respectivo, reclamavam certos paramentos e objectos de culto ainda depositados na sobre-claustra do Silencio, restos do antigo museu organizado por António Augusto Gonçalves.

Ao mesmo tempo, a portaria n.º 5742 de 17 de Novembro de 1928, do Ministerio da Justiça, mandava entregar esses objectos e paramentos desde que não tivessem valor artistico ou arqueologico.

E' claro que todos nós vimos que o caso nos daria trabalho e sensaborias como com efeito deu; uma comissão foi delegada pelo Conselho para se entender com a Junta

e com o párocо, comissão que foi constituída por mim, como presidente, pelo velho Gonçalves, pelo arquitecto Silva Pinto e pelo Lourenço Chaves de Almeida.

Houve reunião na séde da Junta aos 24 de Dezembro seg.te, reunião um tanto ou quanto tempestuosa e, devo dizer, com verdade, por minha causa.

O padre (cujo nome já me não ocorre) começou com exigencias alem do que a citada portaria mandava quer na sua letra quer no seu espirito. Eu comecei a discutir com o homem procurando fazer-lhe ver que não tinha razão e estava fóra do que era razoavel; ele insistia, eu azedei-me e, confesso, perdi um pouco o dominio e tratei-o mal — pois as exigencias tôlas do tonsurado estavam a irritár.

Perante certa frase minha um pouco rude de que já me não lembro, o homem, sem qualquer vénia, virou-nos as costas e foi-se embora.

Os vogais da Junta, dado o inesperado epilogo, despediram-se amavelmente e nós ficámos a olhar uns para os outros, debaixo do olhar malévolo do dr. Domingos

-18

Miranda, secretário do Conselho, que fôra convocado para lavrar as actas necessárias e que, com regosijo, de certo, via no incidente mais uma complicação desagradavel.

E' claro que o velho Gonçalves, embora o não dissesse, exultou com as minhas objurgatórias ao mariola do padre; o Silva Pinto ficou calado, moendo um cigarro e balançando, como de costume, uma das pernas cruzada sobre a outra; e eu, para acabar com a situação embaraçosa, disse para o Miranda que continuava esfingico:

— Bem!... Vamos lá fazer a acta...

Lavrou-se uma acta resumindo a cêna tragi-cómica; e a reunião dissolveu-se. No electrico em que eu fui para casa, vi o P.e Julio (era este o seu apelido que só agora me ocorreu), o prior de S.ta Cruz com quem pouco antes me irritara, que se apeou aos Arcos do Jardim e se dirigiu para o Seminario.

Ia com certêza fazer a queixa ao Bispo-conde.

A acta seguiu o seu caminho burocratico e dias depois, do Ministerio da Jus-

trução, veio um ofício perguntando em que altura ia o cumprimento da portaria acima referida.

Soube-se depois que esta pergunta era o resultado da queixa do prior Julio; o Bispo escreveu ao Dr. Ferrand de Almeida que era chefe do gabinete do Ministro Gustavo Cordeiro Ramos

E o Ferrand apressou-se a oficiar para saber o que se passava.

Em resposta, o Conselho mandou cópia da acta da sessão frustrada e no ofício que a acompanhava fiz certos comentários acerca da atitude do padre e da portaria do Minist.º da Justiça que nada tinha com o da Instrução, etc.

Não foi preciso mais para o estoiro final. Em 22 de Janeiro apareceu-me em casa o Tomás da Fonseca com cara de poucos amigos e mostrou-me um ofício da Direcção Geral das Belas-Artes, datado da véspera, e dirigido para ele, vice-presidente do Conselho, ordenando a m.ª destituição de presidente e a reunião imediata do Conselho para eleição de outro. O Tomás estava exaltado, não queria obedecer.

Fiz-lhe ver que obedecer era o único caminho... Discutimos o caso e eu terminei por lançar no ofício a frase sacramental: «Tomei conhecimento.»

Estava destituído e, até certo ponto, de forma ilegal; mas confesso que me senti aliviado... O cargo já me pesava um bocado; por muito boa vontade que tivesse (e eu, francam.te, tinha-a) não havia maneira de fazer obra útil — e, como neste caso, em que se esbarrou com a Igreja, o desastre era inevitável e um tanto ou quanto humilhante.

O Tomás saiu m.to aborrecido e foi convocar o Conselho; e dias depois foi publicada nova portaria do Minist.º da Justiça que mandava entregar todos os paramentos e objectos que o pároco e a Junta de freguesia requisitassem...

Podiam ter começado por aqui e evitava-se a serie de desaguisados e aborrecimentos. Vencera o ilustre P.e Julio que por sinal era zarôlho...

No dia em que o Conselho reuniu, foi eleito o Dr. Alberto Cupertino Pessoa para presidente — creatura com linha e ponde

rada a certo prestígio científico como professor na Medicina Legal. E depois da sessão, com o velho Gonçalves à frente, foram os vogais presentes a minha casa em missão de desagravo...

O Gonçalves disse umas palavras amáveis e, contra o seu costume, bastantes serenas. E abraçou-me. Os outros fizeram os seus cumprimentos amavelmente.

Fiquei sensibilizado, devo dizer, na ocasião; não esperava a visita e, até certo ponto, era uma satisfação para mim. Porém, depois, passadas horas e, ainda mais, passados dias, ao lembrar-me da cerimonia, veiu-me a impressão de que tudo aquilo foi frio, sem significar grande estima por mim; apenas formulario delicado de gente que se vê livre de um importuno...

Quero dizer: O Conselho não concordou com o que eu fiz e está bem: eu coloquei-o em má posição que poderia ter consequencias desagradaveis para os seus componentes. Não se quiz solidarizar comigo como de entrada o Gonçalves insinuou com certas cautelas... E assim, o Conselho se foi, colectivamente, a m.ª casa,

fê-lo por mera cortesia. Disse-me o Lourenço Chaves Almeida que só o velho Gonçalves foi de opinião de que o Conselho se devia solidarizar; os outros acalmaram-no mostrando (aliás com razão) os inconvenientes dessa atitude; e perante esses argumentos (alguns ditados pelo medo) o velho inconformista, contrariado, cedeu.

E assim se encerrou esse período da minha actividade como vogal e presidente do Conselho de Arte e Arqueologia.

E foi por esses dias que saiu o 1.º número da revista <u>Arte e Arqueologia</u> que, entregue aos cuidados do Virgílio Correia, ainda viveu algum tempo, até ao 5.º número — única coisa que sobreviveu aos meus bem intencionados empreendimentos.

A homenagem ao Dr. Teix.ª de Carvalho, a reprodução das obras do Museu e outras iniciativas ficaram no esquecimento — e digo esquecimento para não empregar termo diferente que poderá dar a impressão, da minha parte, de que falo por despeito.

O Conselho caiu no silencio neces-
sario para não ser notado nas estancias
superiores...

De-mais, o Conselho tinha os dias
contados. Pouco depois, foi publicada no-
va reforma dos serviços artisticos e arqueo-
logicos que extinguiu os Conselhos de Arte
e Arqueologia e concentrou em Lisboa to-
dos os serviços que lhes competiam.

Para dizer a verdᵉ. desde que aqueles
Conselhos não eram mais do que simples
secretarias «para oficios e memoriais
"que ninguem lia» e para «reclamar
"providencias a que ninguem» atendia
ou «propor alvitres que ninguem» acei-
tava, melhor foi suprimi-los.

Alem disso, que a imprensa quer a
opinião da cidade (mesmo a opinião culta)
nunca apoiaram a acção empreendida em
beneficio da propria cidade — antes pelo
contrario a maloinaram e por vezes ridi-
cularizaram.

E assim o Conselho da 2ª. Circunscri-
ção viveu 21 anos a trabalhar sempre
como se póde provar pelos seus livros
de actas e por um ou outro livro de cor-

respondencia (salvos de baldões e destruições) que se podem ainda consultar no Arquivo do Ministério da Educação Nacional onde uma vez fui tirar as notas que me serviram, em parte, para estes capítulos que, afinal, ficaram longos de mais.[1]

A 13 de Março de 1932 celebrou-se a última sessão; e o Conselho encerrou definitivamente os seus trabalhos creio que sem saudades.

Todos os vogais estavam aborrecidos e cansados de tanta incompreensão e más vontades de modo que (quero crer) a extinção foi um alívio.

---

(1) No Arquivo do Ministério da Educação existiam, quando lá fui, salvo erro, nos primeiros meses de 1951, dois livros de actas em que se liam 174 actas de sessões e um livro de correspondência de 1924-1932. Quase tudo se perdeu num incêndio que houve no edifício do Ministério uns anos antes; mas também verifiquei que o Conservador, ao tempo da minha visita, não sabia bem o que as novas estantes continham — pois se procedia a nova arrumação e o rapaz, licenciado há pouco, deu-me a impressão de que estava pouco disposto a tomar aquilo a peito. Lembro-me de que ele me disse q. pertencera, du-

Aquilo tudo estava em saturação; mas tambem é certo que os vogais do Conselho poderiam abandonar a sala das sessões depois do encerram.to dos trabalhos com a consciencia perfeitamente tranquila.

XI

Lisboa:
26 de Junho a 21 de
Julho de 1863.

---

rante os seus tempos de estudante em Coimbra, á direcção do C.A.D.C. (Centro Academico Democracia Cristã) — o que equivale a dizer que era da boa essencia reaccionaria. Enfim, espreitando, bascutejando, remexendo, lá demos, eu e ele, com os tres livros que acima indiquei.

IX

« ... mémoraliste à cheveux gris, j'écris ces lignes ... »

G. Duhamel: *Chronique des Pasquier*. II. *Le Jardin des bêtes sauvages*, cap. III.

« ... il y a tant de choses que je n'ose vous dire / Ayez pitié de moi. »

Guillaume Apolinaire: *La Jolie rousse*, pag. 168 de *Calligrammes. Poèmes de la Paix et de la Guerre* (1913 - 1916)

Estou quase a terminar a tarefa destas pobres *memórias*.

E quero ver se me apresso, pois o tempo urge, a vista começa a cançar e não sei se o pulso estará firme, por muito tempo, como até aqui.

Falta-me fazer a ligação deste acêrvo de notas em forma de *memórias* com

o Diario que recomecei em 23 de Abril de 1928. E olhando para traz e contemplando o numero de volumes já escritos e convenientemente brochados, fico-me a pensar como é que eu me abalancei a tal trabalho persistente e aurdo, que roubou tantas horas e tantos mêses que poderiam ser aplicados a obras de mais valia e, possivelmente, de maior utilidade.

Mas o quê?...

Desde novo preocupei-me sempre em fixar os sucessos que ia observando ou aquelles em que me via envolvido; não seria, propriam.te, obcecação como poderá parecer, mas era, certamente, uma tendencia para tal genero de trabalho e, de facto, ao longo dos meus quase 70 anos de escrevinhador, ~~fui deixan~~do notas e rascunhos que, de certa altura em deante, constituiram material razoavel para me encontrar em condições, com a ajuda da memoria ainda felizmente mais ou menos fresca, de reconstituir a m.a vida desde o infeliz dia do mês de Outubro de 1879 em que

saí do ventre materno para as agruras deste mundo desgraçado.

Aos poucos, principalmente depois que me lançaram na reserva, lá ia compondo o «monumento» para depois, também por bocados, passar tudo a limpo, em forma de livro como aí fica, apto a ser lido e comentado uns 30 anos depois da m.ª morte.

Valeria a pena tanto trabalho, tanto cuidado, tanto tempo perdido, tanto papel e tinta gastos?

Não sei se terá resposta satisfatória esta serie de interrogações. Ha, porem, em tudo isto, um factor importante: é que talvez se não possa explicar a razão por que comecei a escrever tais diarios e memorias. Seria instintivo, talvez, e sem quase dar por isso as restas foram-se amontoando e daí o desejo de as pôr com certa ordem.

Não sei, francamente.

Mas o certo é que estou quase a ver-me livre da tarefa.

Neste intervalo pouco ha que dizer e depois, como escreveu o bom Fr. Luis

de Sousa: «foram-se metendo muitos dias em meio e passando a outras coisas» (1) e o que ha para dizer resumirei ou citarei apenas.

Vamos, pois, a isso porque o tempo urge e eu sinto-me cançado; e nem valerá a pena querer prolongar este rosario de recordações.

Já ao completar os meus 80 anos eu cerrei definitivam.te o Diario que ia escrevendo com regularidade. Vou tambem pôr de parte este quase encargo e o que ficou no tinteiro... deixar ficar!

Nada se perderá. Poderei dizer como Montaigne: «on ne faict pas des histoires de choses de si peu...» (2) E no futuro, se alguem ler o que aí fica, poderá glosar a frase do filosofo com palavreado trocista.

E fará muito bem.

Ficam, pois em vão alguns episo-

---

(1) Fr. Luis de Sousa: Vida de Fr. Bartolomeu dos Martires, cap. XI do Liv.º II, a pag.º 229 da ed.ão de 1857.

(2) Essais, a pag.º 115 do cap. XVI do Livro II do vol. 3º (Edição Flamarion).

dios da vida que, francamente, não desgostava de deixar exarados no papel com esta m.ª letra miúda que, por vêzes, já me custa a reler quando necessito verificar certos factos passados.

Essa boa alegria dos velhos (como escreveu Mantegazza[1]) em recordar os tempos idos, não é, verdadeiram.te, para mim — pois nunca fui creatura alegre e neste evidente declinar, muito menos sou.

O meu desejo é remadar este emtrêchado em que me meti e poder entregar tudo na Biblioteca da Universidade com desinfectantes modernos para conservação do papel — e ficar-me entregue, finalmente, ao comodismo de quem não tem que fazer e de quem, envolvido em egoismo, nada espera alem da chamada para o desconhecido.

E para não perder o habito de alardear, por tudo e por nada, um pouco de erudição, fecho com um terceto ha pouco

---

(1) Elogio da Velhice, tradução, a pag. 130 da 4.ª edç.

Lido e fixado, dum soneto do poeta Heredia que, salvo erro, é de origem judaica e portuguesa: [1]

«Et j'ai laissé courir le flot de ma pensée,
Rêves, espoirs, regrets de force dispensée,
Sans qu'il en reste rien qu'un souvenir amer.»

<u>Lisboa</u>
6/7 de Setembro de 1963.

---

(1) José-Maria de Heredia: <u>Mer montante</u> a pag. 147 de <u>Les Trophées</u>

«Não é ainda a invalidez, mas já não é a frescura.»

Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. 135.

Mais umas palavrinhas...

E vamos lá com resignação. Desde as últimas linhas escritas em Setembro de 1963, abriu-se um intervalo bastante doloroso, próprio para fazer esquecer (como fez) esta tarefa que afinal estou a ver que não me atrevo a concluir.

Foram dois anos passados à beira duma cama onde uma doente, aos poucos, ia deixando a vida e um vácuo que se não encheu nem, com certeza, por muito que eu viva, se preencherá.

Tenho, pois, que encerrar o volume e dar por terminado o monumento que pensei em deixar, tão completo quanto possível, para a Posteridade (!) poder

apreciar a insistencia (ou inconsciencia) dum quadurno que imaginou valer alguma coisa.

E' pena, todavia, mas forçoso, que fiquem no tinteiro certos episodios da minha vida, v.g.: os ocorridos em fins do mês de Maio de 1926 que na guarnição de Coimbra foram vergonhosos; — a minha destituição de director da Carreira de Tiro a seguir a uns exercicios de Destacamentos mixtos determinados pelo cor.el Visconde Jacinto dos Reis Fischer exercicios em q. eu tive certa primazia; — a minha acção no caso do Lampadario que está na Sala do Capitulo da Batalha e a missão a Leiria que me confiou o Gen.al Simas Machado em Abril de 1924 quando se pretendeu fazer desaparecer o tumulo napoleonico que o Adão Bermudes chegou a construir p.a os soldados desconhecidos, mercê da campanha levantada pelo Ant.o Augusto Gonçalves e aceite pelo Americo Olavo então ministro da Guerra.

Tudo isto, e mais alguns episodios, ficam em branco... Os mais 86 invernos já não dão para mais do que umas

0-19

notas bibliograficas que vou fazendo, aos poucos, para a Revista Militar e umas pobres Velharias que, por desfastio, vou mandando quinzenalmente para O Povo da Lousã por obra e graça do Dr. Eugénio de Lemos (que lhes acha valor) e me vão entretendo os ocios e me não deixam dormitar quando estou a pensar na vida, quase apagado na poltrona que ali tenho a me compensa, em parte, o desconforto moral em que agora estou vivendo.

E pronto. . .

×

× ×

«Ah! é preciso acabar com isto!»

Sebastião da Gama: Cabo da Boa Esperança, pag. 134 (Ed. 1951)

«Tinha grandes coisas p.ª vos dizer. Porem não tenho tempo.»

Manuel Alegre: Praça da Canção, pag. 123

Mas, antes de encerrar este volume (e ultimo) sempre quero deixar mencionado (oh vanitas vanitatum!)

que aí por Março deste ano, fui convidado para socio da Academia Portuguesa da Historia.

Agora, aos 85 anos, é que me fizeram académico!!

A minha prim.ª reacção ao ler o convite, aliás m.to amavel, foi recusar e mandar a Academia para o Diabo — que era o que ela merecia.

Porem... o promotor do convite foi o Ant.º Machado Faria de Pina Cabral a quem devo atenções, a primeira das quais a oferta de todos os volumes que a Academia tem publicado e que, na minha biblioteca constituem um sector de grande importancia.

Pensei que seria grosseria uma recusa embora embrulhada em boas desculpas e... conformei-me.

Disse que sim e preenchi uns papeis impressos em que tive de escarrapachar a minha vida, as funções que tenho exercido e os trabalhos publicados quer em volumes, quer em revistas.

Mandei tudo em Maio; mas até hoje ainda não recebi sinais da apro-

ração final e de que possa ingressar triunfalmente naquele ilustre areópago...

Oxalá se tenham esquecido. A entrada para tal simbiose de sabios não me interessa e ficaria assim, cá de fóra, livre de sessões eruditas e salamaleques aos distintos confrades.

E demais a mais ha lá grande numero de padres e algumas figuras balofas como o João Ameal e o medico Meireles do Souto.

Enfim, será o que fôr.

Pelo sim, pelo não, tenho já escrita uma discursata para o dia da entrada em que exponho livremente quem sou, o que fui e o que penso — e quero atirar-lhes á cara, amavelmente, é claro, que venho do sec.º XIX...

E assim fecho as minhas memorias como fechei o diario — por me sentir velho e cançado e aborrecido.

O que ficou em branco, como referi acima, é verdadeiramente com certa pena minha porque seria «assaz sabo-

roso de ouvir» como diria Fernão Lopes [1], fica-me na memória — não sei por quanto tempo.

E basta.

«Deixa o texto arquivado na lembrança,
. . . .
Há lendas de silêncio em todos nós.» [2]

<u>Lisboa</u>

18 de Novembro de 1965

(1) <u>Crónica de D. Fernando</u>, cap. 98

(2) Miguel Torga: <u>Diário</u>, vol. <u>IX</u>, pp. 110.

« Ici se place un acte de ma vie que je pourrait cacher. Mais non ! »
Jules Vallés: *Jacques Vingtras: L'enfant*, cap. XI

Já agora . . . mais umas palavrinhas — e acabo.

Os homens da *Academia* não se esqueceram como eu imaginei. A demora veiu das formalidades que, durante as ferias grandes se não cumpriram porque os Imortais foram, como quaisquer creaturas sujeitas á lei da mortalidᵉ, gozar as suas semanas de descanço.

A 12 de Dezembro ultimo, porem, recebi um oficio datado da vespera em que me comunicavam que em 10 a Assembleia de Academicos de numero aprovou a proposta que o Conselho Academico apresentára para a minha admissão como socio correspondᵗᵉ.

Vinha assinado pelo Dr. Damião Peres, como Secretario Geral.

É claro que agradeci muito sensibilizado...

E em 28 de Janeiro lá fui, pela primeira vêz á Assembleia Geral ordinaria em que o socio Pe. Antonio Brasio apresentou uma comunicação sobre o Instituto de Teologia Pastoral da Rainha D. Catarina que continha materia inedita e de certo valor para o estudo da formação do clero na altura em que se acentuou a influencia do Concilio de Trento

Com excepção do Antº de Machado Faria, os ilustres confrades eram para mim desconhecidos pessoalmente e devo dizer que me receberam bem.

Dois fizeram até acolhimento de certo modo caloroso: o Alberto Iria e o Joaquim Verissimo Serrão que me conheciam de Coimbra, quando estudantes, e até o primeiro disse-me que tratou comigo qualquer assunto da Guerra Peninsular e que eu lhe facilitei um estudo que fazia sobre episódios algarvios desse periodo.

Já me não lembrava.

Os outros academicos eram, se não erro, os Padres Domingos Mauricio Gomes dos Santos, S.J., Ant.º da Silva Rego, S.J.; Antonio Brazio, da Casa do Espirito Santo; o medico Meireles do Santo já aqui falado; o velho Cordeiro de Sousa, cada vez mais avelhentado; o Sampaio Ribeiro, com deformação da espinha dorsal que o obriga a andar curvado quase em angulo recto; o Afonso do Paço, hoje arqueologo consagrado e o Rodrigues Cavalheiro, de má catadura, o unico que, nas apresentações não passou das formulas habituais da vulgar civilidade.

Na sessão, como foi a primeira a q. compareci o P.e Silva Rego que presidia por falta do Laranjo Coelho, m.to doente, apresentou-me, antes da Ordem do Dia, uns cumprimentos amaveis que eu retribui lendo a prosa a que atraz me referi ha m.to preparada e que deixo copiada adeante.

Fui ouvido com atenção e não sei se com agrado ou desconfiança por parte de alguns assistentes. No final, quan-

do voltei p.ª o lugar, o Presid.te Silva Rego convidou-me a apresentar qualquer comunicação sempre que quizesse e renovou, amavelm.te, os cumprimentos de boas vindas.

Acabada a comunicação do P.e Brazio houve certa discussão com o Dr. Verissimo Serrão e o P.e Domingos Mauricio.

A apresentação deste ultimo deu-me um pouco no gôto... E' homem forte, entroncado, dotado de uma bela cabeça já grisalha, com grandes olhos pretos muito vivos; fala com segurança e com gesto calmo mas ao mesmo tempo revelador de certa energia.

Deve ser homem de acção ao contrario do seu irmão na Companhia, o Padre Silva Rego que me pareceu creatura branda, melíflua, falando baixo com maneiras delicadas de sociedade; a exposição que ele faz acerca do Instituto de Teologia Pastoral foi quase um complemento á comunicação do colega Brazio, revelando uma larga compreensão dos problemas ligados com a educação do clero quer em tempos idos quer na actualidade.

Deixou-me certa impressão agradavel e tive de concluir intimamente que um velho Pedreiro Livre não está isento de ter de considerar um padre da Companhia com benevola e simpatica atenção. E a verd.^e^ é que foi o unico dos ilustres confrades que no final, quando começou a debandada, sem despedidas individuais, se dirigiu a mim e me disse com o seu ar decidido que tivera prazer em me conhecer, que gostara muito das minhas <u>Cartas do Infante D. Pedro</u> e terminou por dizer que aparecesse, que trabalhasse, que ha m.^ta^ coisa para fazer, etc. etc.

E aqui está como é o Mundo!

Foi um padre jesuita o unico que no final me disse qualquer coisa de particular e agradavel. Os outros sumiram-se, mesmo o Alberto Iria que á chegada me fez muita festa ou o Verissimo Serrão q. afirmou a sua simpatia por mim desde os seus tempos de estudante em Coimbra.

Será assim o costume, no final das sessões? Ou foi a maneira mais sim

eles de se esquivarem a dizer qualquer coisa a respeito da m.ª alocução?

Tudo é possivel.

Contudo, na proxima sessão quero averiguar e tirar as minhas conclusões — p.ª meu governo.

E com isto me despeço de _memorias_ e de _diario_.

— x —

Segue-se a minha tão falada alocução de agradecimento e apresentação que foi feita, valha a verd.ᵉ, com alguma ironia e bastante intenção de dar a perceber que a minha admissão foi tardia de mais.

E' possivel q.ᵉ isso não fosse compreendido pela maior parte dos academicos pois dos fundadores não sei se lá estaria algum alem do Machado Faria.

Ora bem. Segue a prosa e com isto ponho ponto final nestas manifestações, afinal, de certa vaidade.

Lx.ª = 1 a 4, de Fevereiro de 1966

« Quizeram V.V. abrir-me as portas desta douta Academia.

O meu temperamento sem ambições e o meu espírito bastante inclinado ao isolamento, nunca me fizeram pensar nestas honras; cheguei a velho isento de vaidades; e nos últimos anos as amarguras da vida mais me fizeram esquecer qualquer pruridо de mundanidade.

V.V., porém, lembraram-se de mim; confesso que me senti honrado mas, ao mesmo tempo, desolado. A minha entrada na instituição é, por assim dizer, honorífica; se, em novo, a minha valia era pouca, agora é, evidentemente menor — se para alguma coisa ainda presto.

Mas, seja como fôr, os meus agradecimentos pela honra concedida são sinceros; a todos V.V. eu agradeço pois, embora os estatutos limitem a pequeno número de confrades a eleição dum estranho, quero crer que a m.ª escolha não teria qualquer oposição ou suscitaria

como seria muito natural, uma ou outra duvida.

Por tudo fico muito grato a V.V. e dentro da minha já inferior capacidade de trabalho, estou ao dispôr da Academia com muita honra e boa vontade.

Entendo, porem, agora, já que me abriram as portas da casa, de me apresentar — isto é, dizer quem sou áqueles dos Ilustres Confrades que me não conhecem senão por vagas e incompletas referencias. Sinto, intimamente, que sou quase um desconhecido não só porque, pelo meu natural isolamento, não tenho relações pessoais com a grande maioria dos Academicos, senão também porque os meus trabalhos, devido a instintiva repugnancia para o reclamo e pelo seu reduzido valor, não gozam de grande audiencia nos meios cultos.

Devo pois dizer claramente que sou homem do Seculo Dezanove. Quando nasci ainda o seculo tinha 20 anos para viver; e a minha mentalidade foi moldada, ou bem ou mal, nas duas décadas

finais, repletas de sucessos contraditórios quer os internos, mais proximos por consequencia, quer os externos que maior influencia trouxeram a este canto europeu.

Em Coimbra, onde decorreram essas duas primeiras décadas da mª vida, e quando os meus ouvidos começaram a ouvir e os olhos a ver o que se passava, já não havia o «grande tumulto mental» do tempo de Eça de Queiroz mas havia, no campo das Ideias, certo movimento literario da chamada «Geração de 90» eivada de tradicionalismo e, simultaneamente, alguma excitação politica da geração inconformista ou revolucionaria que, ao tempo dos 20 anos seguintes prepararia (ou ajudaria a preparar) a mudança de regime.

Eu conheci os principais vultos de uma e outra geração atravez de pessoa de familia que com eles convivia e de alguns dos quais, pela vida fóra, fiquei amigo.

Lembro-me bem das ironias ás vezes um tanto causticas de Agostinho de

campos, do alegre, optimista e desembaraçado Alberto de Oliveira, da memória prodigiosa de Carlos de Mesquita e, como superior a todos, as atitudes olímpicas de Eugenio de Castro, com colarinhos m.to altos forrados de preto por dentro e a contar anedotas de Verlaine e outros simbolistas com quem convivêra em Paris; e ainda me lembro de António Nobre, com os seus grandes olhos nostalgicos, a contemplar a curva do Mondego, a montante da cidade, quase afogado, então, em pujantes sinceirais.

Lembro-me igualmente da palavra fluente e vibrante de António José de Almeida, da compostura e bom senso de Augusto Barreto, João de Menezes e Silvestre Falcão — e talvez mais alguns.

Lá de fóra, nessa mesma altura e principalmente ao longo da ultima década do seculo, vinha o sopro violento da agitação libertaria, com livros doutrinarios de mistura com os rudes écos da chamada «propaganda pelo facto.» E em Coimbra, grande parte da mocidade impressionava-se com isso; e uma

carta que o Príncipe Kropotkine dirigiu aos novos de todo o mundo e foi espalhada em quase todas as línguas, deixou fundos e duradoiros sulcos na imaginação generosa e até na consciência de muitos rapazes.

Mas de toda essa mocid.e e de todo esse tumultuar de Ideias que, evidentemente, de forma directa ou indirecta me influenciáram, quero fazer sobresair (porque interessa especialmente a esta instituição) a figura do já então professor de Teologia na Universidade, o Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos que foi o primeiro presidente desta Academia e um dos seus socios, certamente, de maior prestígio.

Desde creança o conheci como amigo e antigo condiscípulo do meu citado parente; sempre me impressionou o seu ar grave e ponderado, um tanto doutoral apesar da convivencia; mas com o tempo, quando li o seu trabalho <u>Evolução do culto de D. Isabel de Aragão</u> (para o qual eu gravei em madeira a capa sobre desenho de António Augus-

to Gonçalves) eu senti, pobre rapazote de 13 anos quase uma revelação — para não dizer deslumbramento.

Haveria já em mim tendencia para os estudos de Historia?

E' certo que eu lia com alguma sofreguidão os romances historicos de Herculano e outros livros de historia de autores contemporâneos; mas aquela maneira do Dr. Vasconcelos tratar a Historia, com abundante e escolhida documentação, com a clareza e meticulosid.e nos pormenores, a argumentação tão perfeita em passos duvidosos, fez-me uma impressão bem funda que — devo confessar — nunca deixei de lhe ser fiel até quando, mais tarde, tratei certos problemas debaixo de outros aspectos e procurava rumo afastado da investigação pura.

Devo, pois, á memoria do eminente Professôr que me distinguiu sempre com benevola amizade e me dispensou, muita vêz, conselhos proveitosos, devo, dizia eu, a homenagem que, neste momento e neste lugar, creio ficar com oportunidade e com justiça.

E assim, quando cheguei a homem e entrei no caminho de tão ingrata profissão, a tendencia para os estudos de Historia manteve-se sobrepondo-se (mas sem as apagar) a todas as influencias contraditorias recebidas; mas a instintiva repulsa pela publicidade fez com que, só ultrapassados os 30 anos, eu deixasse o meu nome aparecer no final de qualquer escrito.

Seria o que hoje se chama o complexo de inferioridade?

Estou convencido de que sim — pois que ainda hoje o sinto.

Até aí e com cauteloso pseudonimo só ligeiros artigos ou cronicas sem importancia para jornais ou revistas de amigos companheiros de Coimbra dispersos pelo País.

Mas...

Certo dia, uns exercicios militares realizados a sul de Coimbra, em terrenos juntos á aldeia da Cruz dos Morouços, fizeram-me evocar um combate travado em 1828 entre tropas liberais e absolutistas. Veio daí, ao observar o

terreno e ao querer recompôr episodios da acção, a ideia de um trabalho de investigação minuciosa e de critica que, de facto realizei e depois foi publicado na Revista Militar com o meu nome por baixo — pela primeira vêz.[1]

Ia eu a caminho dos 34 anos. Não se póde dizer que fui precoce.

Este estudo e uns outros publicados tempos depois, com a mesma orientação, isto é, ainda debaixo da influencia do insigne professor universitario, fizeram dizer (não sei se com inteira propriedade) no dia em que fui recebido como societario da Revista Militar que eu era um caso novo e unico na historiografia militar portuguesa.[2]

Desculpem VV. este ou outro passo de aparente imodestia; mas eu estou a fazer uma especie de confissão e a pena, por isso mesmo, foge-me p.ª a verdade.

---

(1) Nos vol.º 65, no n.º 9 pag.ª 679-692 e seguintes e nos vols. 69.º e 70.º

(2) A frase é do falecido general José Justino Teixeira Botelho que então presidia a direcção da Revista Militar. Passados anos mudou um pouco de opinião...

E assim, ao longo dos anos, com os contratempos inerentes à profissão e as contrariedades inevitáveis da vida particular, eu ia sempre trabalhando quanto podia e sabia.

Intentei, até, fazer a história dum concelho onde nasceu e viveu a minha família materna. Acumulei tenazm.te, durante anos, material abundante; a sorte quiz, porem, que esse conjunto de elementos para uma monografia (em que aparecem uns problemas curiosos que ficaram á espera de resolução) vá todo para o Arquivo universitário de Coimbra, arrumado e catalogado convenientemente, á espera do inevitavel e talvez justo esquecimento.

Ora tudo isto, Ex.mos Academicos, todo o meu bem intencionado esforço foi, em regra, isolado, sem pertencer a agrupam.to de qualquer natureza, sem me inclinar para aqui ou para ali, procurando por mim só, resolver os problemas.

Depois de passar á situação de reformado (já lá vão 26 anos!) conse-

qui, mais livremente, acabar certos estudos que estavam em começo ou em projectos — mas, apesar de atento, quanto podia e sabia, ás lições de João Pedro Ribeiro, Herculano, Gama Barros et alliis, não deixei, contudo, de prestar a maior atenção, e até procurar compreender e aplicar, as modernas interpretações tão discutidas da Historia.

Aos poucos, irregularm.te, fui deixando, pela vida fóra, certo numero de estudos, uns maiores, outros menores, em q. predominam os de historia militar ou com ela ligados.

Em novo pensava até que poderia fazer uma serie de trabalhos, dentro de certo metodo, que constituisse obra uniforme. Mas... ai de mim! As ilusões são ilusões que é o que, como escreveu Antero do Quental, o homem tem de mais melindroso e mais certo na sua existencia.[1]

E cheguei ao fim da vida com insignificante obra dispersa e bastante miscelânea — fóra o que fica abundantem.te

---

[1] Cfr. Prosas, vol. II, pag. 94.

nas minhas gavetas, destinado, de certo, ao misericordioso cesto dos papeis inuteis.

E' claro que esses meus trabalhos não faziam, como não podiam nem podem fazer, sombra a quem quer que seja; com eles nunca intentei combater ou beliscar os trabalhos alheios; e se é certo que recebi atenções e facilidades (que não esqueço) para a sua publicação por parte de quem, felizmente, tinha e tem espirito compreensivo e elevado, é certo tambem que senti, em uma ou outra ocasião, á minha volta, uma surda má vontade que não podia compreender e ainda hoje, valha a verdade, não compreendo.

Mas...

O que lá vai, la vai!

Agora, para pouco posso servir; tenho a consciencia de que servi a historiografia modesta mas honestamente e com a boa vontade de quem deseja encontrar a possivel verdade sem torcer documentação e sem levar, já formulada, ao começar qualquer estudo, uma desejada conclusão.

Posso servir-me duma frase de Marco Tulio nas suas Tusculanas: não tem inquietações quem está bem com a sua consciencia.[1]

E aqui teem VV. o que eu queria dizer para que este novo confrade, quase ~~[illegible]~~ desconhecido, possa ser um pouco mais conhecido e compreendido.

Fui, repito (e ainda sou) homem do Seculo XIX; veiu comigo, desse seculo tão malquistado, grande dóze de inconformismo — eivado porem de grande dóse de tolerancia ligada a calma e consciente dedicação pelos Principios. E quanto ao que superiormente se pratica nesta casa onde benevolamente me receberam, tambem veu comigo o maior respeito pela busca da Verdade Historica, quer essa busca se faça como «escrivão da verdade» á maneira de Fernão Lopes[2] quer como psicologo segundo ainda não ha muito tempo preconizava o

---

(1) Cfr. na edição da casa Garnier, Paris, o § VIII do Liv. 3º

(2) Cron. D. João I, cap. 95º

infeliz Marc Bloch.[1] De qualquer modo que seja, aqui renovo os meus agradecimentos e declaro que procurarei honrar quanto possível as obrigações que me impõe a generosa admissão.

Disse.»

(Em Lx.ª, escrita no mês de Junho de 965)

---

[1] Apologie pour l'Histoire ou métier d'historien (Ed. de 1945) a pag. 101.

Relação dos livros lidos desde o dia 3 de Outubro de 1959, até ao momento presente:

Abelaira (Augusto): O nariz de Cleópatra: 1963
" " : A palavra é de oiro, 1962.
Abreu (Gaspar de): Memórias Políticas, vol. I (único): 1964
" (Jorge): Boémia jornalística 1964
Albuquerque: (Luís de): Notas p.ª a história do ensino em Portugal: 1960
Alegre (Manuel): Praça da canção: 1965.
Almeida (Ant.º Ramos de): Nova descoberta do Brasil: 1963
Alves (Inácio Aug.to): Episódios militares das Lutas Civis: 1963
Amado (Jorge): Gabriela, cravo e canela: 1960
Apollinaire (Guillaume): Calligrammes: 1964
Araújo (Luís de): Contos e histórias: 1964.
Arnaut (Salvador Dias): A crise nacional dos fins do séc. XIV: 1965.
" (Salvador Dias): Região do Rabaçal: 1962
Assunção (Tomás Lino de): Histórias de frades 1965
" (Tomás L.º de): As últimas freiras: 1964
Baião (Ant.º): Homenagem a Camilo: 1965
Balzac: Modeste Mignon: 1964 (3.ª vez)
Bandeira (Manuel): Obras Poéticas: 1961
Barreira (João): A rota do Bergantim: 1962
Barros (João de): Pátria esquecida: 1961
21 " " : Vida vitoriosa: 1960

Basto (Artur de Magalhães): O Porto do Romantismo : 1963
Bastos (Francisco): Versos : 1962
Battistelli (Luigi): A Vaidade : 1964
Bernanos (Georges): Journal d'un curé de campagne : 1964
Berr (Henri): La synthèse en Histoire : 1963
Bevan (Edwyn): A Civilisação greco-romana : 1963
Bizarro (A. H.): El-rei D. Manuel II na Grande Guerra : 1965
Botas (José Lour.^ço): Barco sem ancora : 1964
" " " : Maré Alta : 1961
Botelho (Fernanda): O gato e a fabula : 1961
Boucet (Marguerite): Le Duc et la Duchesse d'Alençon : 1963
Bourget (Paul): La Duchesse bleue : 1963 (2 vols)
" " : Essais de psychologie contemporaine : 1961.
Braga: (Luis de Alm.^da): O significado nacional da obra de Camilo : 1961
" (Mario): As ideias e a vida, 2.º vol. : 965
" " : O livro das sombras : 1960
" (Teofilo): Tricentenario da publicação de D. Quixote : 1962
Bramão (Alberto): Recordações : 1963
" " : Ultimas recordações : 1963
Brazão (Eduardo): A Restauração : 1962
Brochado (Costa): O piloto arabe de Vasco da Gama : 1960
Brunel (Henri Victor): La verte moisson : 960
C.C : Cousas camilianas, 6 vols. : 1961.
Caetano (Marcelo): A Opinião Publica no Estado Moderno : 1965
Caiola (Lourenço): Cênas delidas pelo tempo : 1961 (2.ª série).

46

Calado (Rafael Salinas): A Figueira ao
desabar do seculo XX : 1964
Caldwell (Erskine): O irresistivel Big Buck
(Contos): 1961.
Camilo : Amôr de Perdição : 1959.
" : A queda dum anjo : 1965.
" : O Sangue : 1961.
" : Vinte horas de liteira : 1965
" : Vulcões de lama : 1964
Caetano (Paulo): Cava do Viriato : 1959.
Cardim (Luis): Projecção de Camões nas letras inglesas : 1963
Carpentier (G.al Marcel): Un cyrard au feu : 1963
Cartas da Rainha D. Amelia ao Bispo Conde Bastos Pina : 1964
Carvalho (A. de Azevedo Melo e): Carta ao Duque de Saldanha : 1965
" (Ant.º Coelho de): A Lingua e a Arte em Portugal : 1966
" (Ant.º Ribeiro de): Campanhas de Gomes da Costa : 1964
" (José Liberato Freire de): A Carta e os seus 22 anos de idade : 1959
" (M.ª Judite de): Palavras poupadas : 963
" " " " : Tanta gente, Mariana ! : 1960
" (Romualdo de): Hist.ª do Colegio dos Nobres de Lisboa : 1960
Casimiro (Augusto): Nunalvares e o seu monumento : 1964
Castilho (Julio de): Inacio de Vilhena Barbosa. Elogio historico : 1965
Castro (A. Faria de): Impressões de Arte : 1961
" (Rosalía): Cantares Gallegos : 1264
Cavalheiro (Rodrigues): Homens e ideias : 962
" " : Politica e Historia : 1260

70

Chagas (João): 1908. Subsídios : 1960
" (Mel Pinheiro): A Morgadinha de Val-flor : 1965.
Cidade (Hernani): O Século XIX : 1961.
Cocteau (Jean): Thomas, l'imposteur : 963
Coelho (Ant.º Borges): Alexandre Herculano : 1966
" (Ant.º Borges): A Revolução de 1383. Tentativa de caracterização : 1966
" (Ant.º Prado): O Romance Popular na obra de Teófilo Braga : 1963
" (Jacinto do Prado): Problemática de História Literária : 1961
" (Trindade): O Senhor Sete : 1962
Condé (José): Terras de Caruaru : 1964
Correia (Fernando): Ricardo Jorge : 1959
" " : Vida errada : 1964
" (J. Araujo): Manta de farrapos : 1962
" " " : Perfil transmontano de Trindade Coelho : 1963
" " " : Tres meses de Inferno : 964
" (Natalia): A questão academica de 1907 : 1963
" (Sebastião Marão): A propósito do "Camões" de Aquilino : 1960
Cortesão (Jaime): A política de segredo nos Descobrimentos : 1960
Costa Jor.: Os fidalgos da Estrabuela : 1962
" " : N'cala e os Cuanhamas : 1962
" (Mario A.): Caldas Xavier : 1963
Cunha (Alfredo da): Goethe haveria lido Gil Vicente? : 1964
Dantas (Julio): Auto da rainha Cláudia : 965
" " : Bulhão Pato. Elogio histórico : 1965
" " : Revoada de musas : 1965
96 " " : Viriato Trágico : 1965

97

Dante: Divina Comédia: O Purgatório: 1960
Daudet [Alphonse]: L'Immortel: 1964 (2.ª vez)
Devi [Vimala]: Monção (Contos): 1963
Dias [Aug.to da Costa]: A crise de consciência pequeno-burguesa. Vol. I: 1963
" [Carlos Malheiro]: A Verdade Nua: 1964
" [Gastão de Sousa]: Os Portugueses em Angola: 1960
" [J. Gonçalves]: Sextilhas de Fr. Antão: 1962
Dinis [Júlio]: Os Fidalgos da Casa Mourisca: 966
Duarte [Afonso]: Lápides e outros versos: 1960
" [Mário]: Eça de Queiroz, Cônsul: 1964
Duhamel; Le désert de Brièves: 1965
" ; Le Jardin des bêtes sauvages: 1963
" ; Les maîtres: 1965
" ; La nuit de la Saint-Jean: 1964
" ; La Terre promise: 1964
Dumas [Alex.]: Mil e um fantasmas: 1960
Esparteiro: [Ant.º Marques]: O famoso botas de ancora: 1960
Esquilo: Coéforas: 1963
Expedição de D. Pedro [A] ou a Neutralidade portuguesa: 1964
Faulkner [William]: Sanctuaire: 1959
Feijó [António]: Cartas íntimas: 1965
Feijóo [P.e Benito]: Cartas eruditas: 1965
Fernandes [Barahona]: Joaquim de Carvalho. Pessoa e atitude espiritual: 1965
Ferrão [António]: Os estudos de erudição em Portugal nos fins do séc.º 18.º: 964
" " : D. Maria Amália Vaz de Carvalho: 1964.
" [Carlos]: Em defesa da verdade: 1963
" " : O Integralismo e a República, vol.º I a III: 1965
" [Julieta]: Rafael Bordalo Pinheiro: 1961
125 Ferreira [Alberto]: Ensaios, vol. I: 1965.

Ferreira (Amadeu): Catana, canhangulo e arma fina: 1964
" (Armando): Gloria. Novela: 1965
" (David Mourão): Aspectos da obra de Mel Teixeira Gomes: 961
" " " : Motim Literario: 963
" (Eduardo Marrecas): Aljubarrota: 1964
" (Virgilio): Aparição: 1960
Figueiredo (Fidelino de): Epicurismos: 1961 e 1964.
" " : O mêdo da Historia: 1960
Fonseca (Quirino da): Os navios do Infante D. Henrique: 1960
" (Tomás da): A pedir chuva...: 1960
" " : O Diabo no Espaço e no Tempo: 1959
" " : A Mulher: 1960
France (Anatole): Crainquebille: 1959
" " : Le Lys rouge (2ª vez): 1964
Freire (J. Paulo): Lôas e cirios de Mafra: 1963
Freitas (A. Sousa): Africa e outros poemas: 960
" (José Joaquim Rodrigues de): Paginas avulsas: 1961.
Gaio (Mel da Silva): A Encruzilhada: 1965
" " " " : Torturados: 1961.
Gama (Eugenio Sanches da): Nós todos e outros versos: 1960
" (Sebastião da): Cabo da Boa Esperança: 1965
Garcia (Mel Emidio): O Marquês de Pombal: 1961.
Gasset (José Ortega y): La deshumanización del Arte: 1961
" " " : Ensayos estéticos: 1962
" " " : Meditaciones del Quijote: 1960

151

Godinho [Vitorino de Magalhães : A Economia dos Descobrimentos Portugueses : 1964

Goethe : Werther : 1960

Gomes [M.el Teixeira] : Carnaval Literario : 961

" " " : Correspondencia, 2 vol. : 960

" " " : Maria Adelaide : 1960

" " " : Novelas eroticas : 1961

Gonçalves {Ant.o Nogueira} : A Torre - Baluarte de Belem : 1964.

" {José Julio} : O Islamismo na Guiné Portuguesa : 1961.

" {Julio) : De como se ganhou e perdeu Gôa : 1963

Gorjão {J. D. Rosado) : Os Portugueses e os factos : 1962

Guerreiro {Amaro) : Panorama econômico dos Descobrimentos : 1962

Guimarães {Luis de Oliv.a) : Senhoras conhecidas : 1963

Halphan {Louis} : Introdução á Historia : 962

Heine {Henri) : De la France : 1962

Henriques {Elber de Melo) : A F. E. B. Doze anos depois (Brasil) : 1960

Herculano {Alex.e) : O monge de Cister : 1861.

Herédia {José Maria de) : Les Trophées : 1865.

Huxley {Aldous) : Cura de repouso : 1862

Huysmans {J. K.) : La cathédral : 1965.

" " " : Lá - Bas : 1863.

Ibañez (V. Blasco) : Cañas y Barro : 1862

Iria {Alberto) : Arqueologia e Historia na obra de Julio Dantas : 1966

" : Elogio do Dr. Julio Dantas : 1966

João XXIII : Pacem in Terris : 1863

Jorge {Ricardo) : Ramalho Ortigão : 1961

Julien {Claude} : La Revolution cubaine : 1861

178 Kleist {Von) : O Principe de Homburgo : 1862 203

178

Korolenko: O moleiro e o Diabo: 1960
Lafayette: La Princesse de Clèves: 1960
Lapa (M.el Rodrigues): Afonso V e o Príncipe D. João
Lazzarini (André): Paulo VI. Perfil de Montini: 1966
Leal (Franc.º da Cunha): Cantaro que vai á fonte: 1963
" ": O colonialismo dos anticolonialismo: 1961.
" ": Ilusões macabras: 1964.
Lemos (Ester de): Companheiros: 1963
Lima (M.el de Campos): A Gafanha: 1960
" (Marta de): Album: 1962
Lino (Raul): L'evolution de l'architecture domestique en Portugal: 1961
Lobo (A. da Costa): Portugal e Miguel Angelo: 961
Loison (Paul Hyacinthe): Almas inquietas: 963
Lopes (Franc.º Fernandes): A figura e a obra do Infante D. Henrique: 1961
" (Oscar): Jaime Cortezão: 1964
Lorca (Frederico Garcia): A casa de Bernarda Alba: 1961.
Luis (Agostina Bessa): O Manto: 1963
Machado (Alberto de Sousa): Para a Historia das Invasões Francesas: 1961
" (Julio Cesar): Lisboa de Ontem: 966
" " ": Apontamentos dum folhetinista: 1961.
Magalhães (José Estevão Coelho de): Obra Politica, vol. I: 1963
" (Luis de): A crise monarquica: 966
Maia (Franc.º de Athaide de Faria e): Os deportados da Amazonia: 1960
Malpique (Cruz): O Dr. Ant.º A. da Costa Ferr.ª: 963
" ": Aquilino: O homem e o escritor: 1965

↓
203

Mantegazza (Paulo): Elogio da Velhice: 1963
Marañon (Gregorio): El Conde Duque de Olivares: 1961
" " : D. Juan. Ensayos: 1963
Marguerite (Victor): Le betail humain: 1960
" " : Le chant du berger: 1960
" " : Ton corps est à toi: 1959
Maritain (Jacques): Christianisme et Democratie: 1959.
Martins (Bastos): Tempo de falar. Diario de Invasão de Goa: 1962
Martins (Gal Ferreira): Mousinho: 1965.
" (Franc.º de Oliv.ª): D. Carlos I e os Vencidos da Vida: 1963
Matos (Gregorio de): Poesias satiricas: 1963
Maugham (Somerset): Le fugitif: 1961.
Melo (M.el José Homem de): Portugal, o Ultramar e o Futuro: 1962
Mendes (Manuel): Aquilino Ribeiro: 1965
Mendonça (Henriq. Lopes de): Manuel Pinh.º Chagas. Elogio historico: 1965.
Meneses (Bourbon e): O Diario de João Chagas: 1961
Merêa (Paulo): Suarez. Grocio: Hobbes: 959
Mesquita (Marcelino): O Regente: 1964
Mexia (João Galvão): Resposta analitica: 962
Michel (Louise): A Comuna: 1961.
Miguéis (José Rodrigues): Onde a noite se acaba: 1959.
Mira (Ferreira de): A nossa casa: 1961
" " : Vida de campo: 1961
Miranda (Cardoso de): O ultimo rei: 1966
" (Raul): Os rios. Evolução e vida dos cursos de agua: 1965
Mirécourt (Eugenio de): Masaniélo: 1959
Monteiro (Luis Sttau): Felizmente há luar!: 1962 e 1964.

230

252

0-21

Montéjin [Xavier de]: P. L. M.: 1961.
" " : A rainha da noite: 960
Mota [Silveira da]: Horas de repouso: 1964
Moura [J. J. do Nascimento]: Guerras na Índia: 1962
Muñiz [Carlos]: O tinteiro: 1961
Namora [Fernando]: Retalhos da vida dum medico. 2ª serie: 1965.
Namorado [Joaq.^im]: A Poesia necessaria: 1966
Navarro [Judite]: Terra de Nod: 1962
Nemésio [Vitorino]: Vida e obra do Infante D. Henrique: 1961.
Neves [Henrique das]: Individualidades: 1861
" " " : Esbocetos individuais 2ª serie: 1864.
Nicole [Paul]: A Revolução Francesa: 1864
Nogueira [Albano]: Imagens em espelho côncavo: 1961
" [Cesar]: Notas p.ª a historia do Socialismo em Portugal: 1964
" [Eurico]: A Igreja e o Estado em Portugal: 1960
Oliveira [A. Lopes de]: Como trabalham os nossos escritores: 1964.
Orpheu, vol. I: 1960
Osorio [Aug.to Pinto]: Figuras do passado: 963
" " " : Lembranças da mocidade: 19..
Pacheco [F. Assis]: Cuidar dos vivos: 1864
Pascoais [Teix.ª de]: O Penitente (Camilo Castelo-Branco): 1965.
Passos [Carlos de]: D. Sebastião. Rei e Martir: 1965.
" [John dos]: Manhattan transfer: 963
" [M.el da Silva]: Discursos: 1963
Paxeco [Oscar]: O cântaro do Sr. Carpinteiro Cunha Leal: 1963.

255

Peixoto {Dermeval} brasil.º: Memorias dum velho soldado : 1961
Pereira {Cuspiliari Sá}: A restauração de Portugal e o Marquez de Ayamonte : 965
Peres {Damião}: Uma prioridade portuguesa contestada : 1960
Perse {Saint-John}: Oeuvres poetiques, v. I : 963
Pinto {A. Silva}: Do realismo na Arte : 1961
" " " : Rompendo o fogo : 1964
" {A. Cardoso}: Cartas e papeis de Alexandre Herculano : 1964.
" {Maria da Costa}: Dialogo com Gago Coutinho : 1962
Pirenne {H.}: As cidades da Idade-media : 963
Queiroz {Ant.º Eça de}: Desaponta á memoria de Eça de Queiroz : 1966
" " " : Na Fronteira : 1963
" {Franc.º Teix.ª de}: Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos : 1965
" {José Maria Eça de}: Folhas soltas : 966
" {Maria Eça de}: Eça de Queiroz entre os seus : 1961
Ramos {Feliciano}: Historia e Critica : Estudos : 1963
" {Graciliano}: Infancia : 1963
" " : Insónia : 1962
Raposo {Hipolito}: S.to Antonio no Teatro Portuguez : 1961.
Rau {Virginia}: Estudos de historia economica : 1962
Rebelo {Luis Fr.co}: O dia seguinte : 1959
" " : O fim na ultima pagina : 960
" " : O mundo começa ás 6 e 47 : 1959
" " : Os passaros de azas cortadas : 1960
279 " " : E'urgente o amôr : 1960

Redol (Alves): A barca dos sete lemes: 1962
" " : Barranco de cégos: 1963
" " : O cavalo espantado: 1961
Régio (José): Há mais mundos: 1963
" : Histórias de mulheres: 1961
" : Jogo da cabra-cega: 1964
" : Ensaios de interpretação crítica: 1964
" : Introdução aos Poemas de Deus e do Diabo: 1959
Reis (Jorge): Matai-vos uns aos outros!: 962
" (Ricardo)(1): Odes: 1961
Resende (André de): Hist.ª da antiguidade da Cidade de Evora: 1963
" " : Vida do Infante D. Duarte (2ª ed.): 1963.
Ribeiro (Aquilino): Casa de escorpião: 1963
" " : Constantino de Bragança: 1963
" " : O romance de Camilo: 961
" (José): Terra do Limonete: 1965
Rio (João do): Correspond. duma estação de cura: 1962
" " : Crónicas e frases de Godofredo de Alencar: 1961
Rodrigues (Urbano Tavares): Nús e suplicantes: 1961
" " " : Teixeira Gomes e a reacção anti-naturalista: 1964
Rolland (Romain): Jean Christophe: 1962
Romains (Jules): Une vie des choses: 1960
Ruskin (John): Pages choisies: 1963
Sá (A. Moreira de): O Infante D. Henrique e a Universidade: 1961
" (Vitor): Amorim Viana e Proudhon: 1960

(1) Fernando Pessoa.

Sá (Vitor): Antero do Quental: 1964
" : Cultura e Democracia: 1961
" : Hist.ª e Actualidade: 1961.
" : Perspectivas do Séc.º XIX: 1964
Salemposa (Conde de): Bôbos na Corte: 1965
Saint-Pierre (Michel de): Os novos Padres: 965
Salgado J.or (António): Os Lusíadas e a viagem do Gama: 1960
Sampaio (Alice): A cidade sem espaço: 961
Santareno (Bernardo): A promessa: 1960
" " : Os anjos e o sangue: 1961
Santos (Ary dos): Nós, os Advogados: 1963
" (F. Piteira): Geografia e Economia da Revolução de 1820: 1964
Saraiva (João): Líricas e Sátiras: 1964
Sarmento (Olga de Morais): Teófilo Braga: (Notas e Comentários): 1959.
Sartre (J. Paul): As mãos sujas: 1960
Schwalbach (Luís): Eça de Queiroz: 1964
Seabra (Manuel de): O retrato esboçado: 1960
" " : O fogo sagrado: 1962
Sérgio (António): Ensaios, vol. VIII: 1960
Serrão (Joel): Temas de cultura portuguesa: 1960
" " : Temas oitocentistas, vols. I e II: 1960 e 1963
Silva (Jacinto Cândido da): Autobiografia: 963
" (J. Marmelo e): Sedução: 1960
Silveira (Pedro da): Sinais de Oeste: 1963
Simões (João Gaspar): Fernando Pessoa: 1961
Soares (Ernesto): Iconografia do Infante D. Henrique: 1961.
Sodré (Nelson): Narrativas militares: 1959.
Sousa (Adelino Reis e): As minhas Memórias: 1965
333 " (Fr.co Ilheu de): Leonor Teles: 1960 128

Sousa (Julio de): Jogo perdido: Poemas: 963
Steffanina (Celestino): A Revolução de 5 de Outubro de 1910: 1961
Stendhal: Les temps heroïques de Napoleon: 962
Studart Filho (Carlos): Fundam.tos geograficos e historicos do Maranhão e Grão-Pará: 1960
Tchechkov (Anton): Contos de...: 1963
Teixeira (Franc.º Gomes): Daniel Augusto da Silva. Elogio historico: 1965
Teles (Basilio): Figuras portuguesas: 1962
Torga (Miguel): Diario. Vol. VIII: 1960
" ": Diario. Vol. IX: 1964
Torres (Flausino): Ouropeis da Republica: 1965
Trancoso (Visconde de): Apontamentos p.a a historia da Dominação Castelhana: 1964
Vallés (Jules): Jacques Vingtras. L'enfant: 1963
" " " ": Le bachélier: 1964
" " " ": L'insurgé: 1964
Varzea (Ernesto): Mocidade de tres poetas brasileiros: 1962
Vasconcelos (A. A. Teix.ª de): Duas facadas: 964
" " ": O Sampaio da Revolução: 1963
" (José Carlos de): Corpo de Esperança: Poemas: 1964
" (José Carlos de): Elegias: 1966
Verdade (A) sombra da calunia (Anonimo): 1861
Verde (Cesario): Obra completa: 1964
Verlaine (Paul): Jadis et naguère: 1964
" ": Parallelement: 1964
Veuillot (Louis): Les odeurs de Paris: 1964
Viana (Mario Gonçalves): Psicologia da maturidade e da velhice: 1964
Vieira (Af.º Lopes): Gil Vicente. Confer.ª: 1965
" (P.e Ant.º): Sermão dos bons anos: 1959
Vilhena (Julio de): D. Pedro V e o seu reinado. Suplemento: 1965.

Vilhena (Vitorino de Magalhães): Antonio Sergio e a Filosofia: 1960
Wilde (Oscar): O crime de Lord Arthur Savile: 1961.
Xavier (Alberto): D. João: 1963.
" " : Historia da Gréve Académica de 1907: 1963.
Zola (Emile): Naná (2ª vez): 1960

Aditamento:

Ferreira (Godofredo): Algumas achegas para a hist.ª dos correios: 1966
Leal (Franc.º da Cunha): As minhas memorias: 1966
Lermina (Julio): A criminosa: 1966
Lisboa (Irene): Solidão: 1966
371 Unamuno (Miguel): Viejos y jóvenes: 1966

Lx.ª = 31-Maio-1966

Stendhal: Les temps heroïques de Napoléon: 1962

Stuart (Carlos Guilherme): Pernambuco, Gram Para e Maranhão: 1960

Tchechov (Anton): Contos: 1963

Teixeira (Franc. Gomes): Discurso sobre os Elogios históricos: 1965

Teles (Basílio): Estudos portugueses: 1962

Torga (Miguel): Diário, Vol. VIII: 1960

Torres (...): 1965

Torres (...): 1964

Vallés (Jules): ...

Varzea (Ernesto): Mocidade de três poetas brasileiros: 1962

Vasconcelos (...): Duas facadas: 1964

" " " : O Sacrifício da Revolução: 1963

" (José Carlos de): Canto de Esperança: Poemas: 1964

" (José Carlos de): Elegias: 1966

Verdade (A) Sombra da ...(Anonimo): 1961

Verde (Cesário): Obra completa: 1964

Verlaine (Paul): Jadis et naguère: 1964

" " : Parallèlement: 1964

Veuillot (Louis): Les odeurs de Paris: 1964

Vianna (Mário Gonçalves): Psicologia da maturidade e da velhice: 1964

Vieira (Af.º Lopes): Gil Vicente. Confer.ª: 1965

" (P.e Ant.º): Sermão dos bons anos: 1957

Vilhena (Julio de): D. Pedro V e o seu reinado. Suplemento: 1965

Para fechar de vêz . . .

« Lês a minha biografia; não está impressa, mas nem por isso é menos exacta. »

Paul de Kock: A familia Braillard, 1º vol. cap. XXIII, pag. 196

« Puz de parte a modestia e o pudôr / e fui contando á Vida / tudo o que tinha sido a mª vida. »

Sebastião da Gama: Cabo da Boa Esperança, pag. 25 (ed. de 1961)

« Acrescentarei sòmente que estive presente a todos os factos por mim narrados. »

Plinio o Moço: Epistolas, VI, 16

« . . . la richesse de cette histoire exprime celle de notre vie intérieure plu-

tôt que le nombre des années que nous avons vécu...»

Alexis Carrel: L'Homme, cet inconnu, cap. V, §II (Pag. 196 da edição Plon, 1952)

«Mais combien ne faut-il pas de précautions pour ne pas mentir!»

Stendhal: Vie de Henri Brulard cap. I (Pag. 11 da ed. de 1953)

Capítulos:

Indices:

I: Começo da chamada «traulitânia». Ida p.ª [illegible]; permanência em Caxia — 1

II: S. João de Loure. Combate de Grossos. Retirada p.ª Eixo. Ida para Angeja. Avanço p.ª Salreu. — 35

III: Fim da campanha. Ida p.ª Espinho. Duelo do Jaime Baptista. Entrada no Porto. O Dr. Aarão Ferreira de Lacerda. Guarnição no Porto — 99

IV: Política. Regresso a Coimbra e ajuste das contas da campanha — 133

V: Em Coimbra, em Inf.ª n.º 35 e em Inf.ª n.º 23 e depois no Grupo de Metralhadoras n.º 5. Duelo do Dr. Apolinário José Leal. Fim do ano de 1920 — 143

VI: Ano de 1921. Vária. A [illegible] da Ordem de Cristo. O 19 de Outubro e a missão a Lisboa. Fim do ano de 1921. A morte do Gen.al Francisco Augusto Martins de Carv.º — 185

tôt que le nombre des années que nous avons vécu...»

Alexis Carrel: L'Homme, cet inconnu, cap. V, § II (Pag. 136 de edn Plon, 1952)

«Mais combien ne faut-il pas de précautions pour ne pas mentir!»

Stendhal: Vie de Henri Brulard cap. I (Pag. 11 de ed. de 1953)

Capitulos:

I: Começo da chamada «trau-litania» Ida para Aveiro; permanencia em Cacia 1

II: S. João de Loure. Combate de Grossos. Retirada p.ª Eirol. Ida para Angeja. Avanço p.ª Salreu. 35

III: Fim da campanha. Ida p.ª Espinho. Duelo do Jaime Baptista. Entrada no Porto. O Dr. Aarão Ferreira de Lacerda. Guarnição no Porto - - - 99

IV: Politica. Regresso a Coimbra e ajuste das contas da campanha 133

V: Em Coimbra, em Inf.ª n.º 35 e em Inf.ª n.º 23 e depois no Grupo de Metralhadoras n.º 5. Duelo do Dr. Apolinario José Leal. Fim do ano de 1920 143

VI: Ano de 1921. Varia. A comenda da Ordem de Christo. O 19 de Outubro e a missão a Lisboa. Fim do ano de 1921. A morte do Gen.al Francisco Augusto Martins de Carv.º - - - - 186

VII : O Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª circunscrição - - - 210
VIII : Continuação 243
IX : Encerramento destas «memorias» Considerações varias 282
«Mais umas palavrinhas...» 288
A Academia Portuguesa da História. A m.ª admissão - - - 294
Relação dos livros lidos desde 3 de Out.º de 1959 até ao presente 313
«Para fechar de vêr...» 329

Indice remissivo:

A)
Proprios:

Abreu {Gal Fernando Tamagnini de}: 2, 10, 76, 77-79.
" {Zeferino Camossa Ferraz de}: 21, 22, 33, 36, 37, 39, 40, 42, 45, 46, 49-52, 71, 93, 96, 107, 111, 125, 128 e 130
Agostinho {Antonio}, alferes do S. A.: 1 e 2.
Aires de Campos {Familia}: 266
Albuquerque {Braz Mousinho de}, general: 156, 157 e 158
Alegre {Manuel}, Poeta: 290
Alemão {Dr. Manuel da Costa}: 116
Almeida {Abel Lopes de} alferes: 97
" {Ant.º José de}: 162, 164 e 303
" {Dr. Fernando de}: 275
" {Lourenço Chaves de}: 189, 190, 258, 259, 273 e 278
" {Solano de} capitão: 155.
Arneal {João}: 292
Andrade {Caetano Eduardo Freire de}: 123.
Antunes {Horacio}: Prof.or primario: 190
Apolinaire {Guillaume}: Poeta: 282
Aragão {Dr. Gilberto de}: 207.
Araujo {Manuel Gomes de}, alferes: 168
Assis {Machado de}: 288.
Azinhais {Capitão . . . }: 7, 60
Baptista {Jaime}: 73, 101-107.
Barreto {Dr. Augusto}: 303
" {José Salvação}, capitão: 72

Barros {Gama}: 309
" {Dr. João de}: 262, 265
" {Monteiro de}, major de Artelh.ª: 5
" {Paulo de}, Engenh.º: 216
Bastos {João Pereira}: Cor.el do E. M.: 121, 122, 128-131 e 141-142
" {Luis Aug.to Pereira}: Prof.or: 214
Bemfeito {João Duarte}: capitão: 13-15
Bermudes {Adães}, arquitecto: 289.
Bobone {Octavio}, fotógrafo: 262
Botelho {José Justino Teixeira}, Gen.al: 307.
Bourget {Paul}: 110
Brázio {P.e Antonio}: 295-297.
Camacho {Dr. Manuel de Brito}: 184, 192, 193, 195.
Camossa {Cap.am Zeferino}: ver Abreu
Campos {Dr. Agostinho de}: 302-303.
" {Augusto da Silva}, Prof.or: 53
Cardoso {Dr. José Maria}: 196-198 e 201.
" {José M.ª Correia} capitão: 166, 168-173
Carvalho {Amadeu Ferraz de}: 256, 258 e 259.
" {Ant.º Germano Ribeiro de}: 117.
" {Artur Vieira de}: 91.
" {Fr.co Vieira de} o «Vieira caraca»: 91.
" {Fernando Martins de}: 205.
" {Franc.º Augusto Martins de}: 205-209
" {Dr. Joaquim de}: 255, 256 e 260
" {Joaquim Martins de}: 205
" { " " Teix.ª de}: 117, 118, 213, 223, 224, 232, 245-247, 262-265 e 278.
" {José Liberato Freire de}: 110
Casimiro {Augusto}: 165, 169-171 e 226
Castelo-Branco {José}: cap.am de Inf.ª e Engenh.º Civil: 266-269
Castro {Dr. Aug.to Mendes Simões de}: 213, 218, 223, 227, 232, 247 e 256
" {Eugénio de}: 218, 223 e 303
" {Sergio de}, Gov.dor Civil: 271.

Carvalheiro (A. Rodrigues) : 296
Cerdeira (D. Arminda) : 117-118.
Cerqueira (Afonso), Cap.^{m} de-fragata : 100
Cidade (Dr. Hernani) : 148-153.
Coelho (Manuel Maria) : 197-201.
" (Possidonio M.ª Laranjo) : 296
Correia (Dr. Maximino) : 263-265
" (Dr. Virgilio) : 226, 260, 261 e 278.
Costa (Antero Eduardo Tabarda de Azevedo e) : 40-42
" (Fernando dos S.^{tos}) : 168, 170-174 e 207.
" (Dr. Franc.^o José Fernandes) : 228.
Couceiro (Henrique de Paiva) : 18, 43, 74 e 109.
Couto (Dr. João Rodrigues da Silva) : 220, 221, 223, 224 e 230
Cruz (Aurélio de Azevedo) : 71
" (José Augusto da), ten.^{te} : 17 e 71.
Cunha (Silverio da Rocha e), cap.^{ão}-tenente : 25-26, 31, 34, 94, 96, 119-120.
Dantas (Julio) : 190
Daudet (Alphonse) : 174.
Diaz (General), italiano : 188
Duhamel (Georges) : 282
Duque (Mario Soares) : 134.
" (Raul Soares) : 134.
Eça (F. ... Coutinho de Almeida de) : 19 e 20.
Falcão (Dr. Franc.^o Fernandes da Rosa) : 267-269.
" (Dr. Silvestre) : 303.
Falco (João) : 143
Faria (Ant.^o Machado de) : 291, 295 e 299.
Feliciano (Dr. Julio Machado) : medico : 176-185.
Ferrão (Dr. Antonio) : 205-206
Ferreira (Dr. Ant.^o Aurelio da Costa) : 53, 112, 139.
" (David Mourão) : 99
" (Romano Barnabé) : capitão : 29, 31, 57-64, 67 e 75-76
Figueiredo (Alb.^{to} Tasso de), major : 157 e 159.

0 - 22

Fischer (Jacinto dos Reis), cor.el: 289
Florian (J. P. Claris de): 133.
Fonseca (José Tomás da): 225, 247, 253, 254, 256, 271, 275 e 276
Fornos de Algôdres (Condes de): V. Castelo-Branco, José.
França (Salvador Pinto da), Cor.el: 75, 82
Franco (João): 205.
Freire (Luciano), Pintor: 220
Freitas (Domingos de), capitão: 128-129.
Gaio (Dr. M.el da Silva): 213, 215, 223 e 238.
Gaioso, Ten.te de Engenh.ª: 47.
Galvão (Vitorino Peres Furtado), alferes: 168
Gama (Sebastião da), Poeta: 290
Garrett (Almeida): 243.
Gassett (José Ortega y): 186
Gil (J. Cesar Ferreira), Gen.al: 146
Godinho (Carlos Luizelo) Ten. c.el de Cav.ª: 61
Gomes (Francisco) Cor.el: 2, 6-8, 10-14 e 17.
" (José de Oliv.ª), Ten. c.el: 175-185 e 188.
Gonçalves (Ant.º Augusto): 214-217, 223, 229-241, 252, 254-256, 260, 268. 272-274, 277, 278, 289 e 304-305.
Gonzaga (Luís de Sousa), cap.ão: 31 e 62
Granjo (António): 196
Guimarães (Dr. Ant.º José Gonçalves): 213 e 223
Henriques (Dr. Júlio Aug.to): 213-215, 222-23
Herculano (Alexandre): 186, 305 e 309
Herédia (José-Maria): 287.
Iria (Alberto): 295 e 298
Joffre (Marechal): 188-189.
Júlio (Padre), Prior de S.ta Cruz: 272-276.
Junot (Andoche), General: 35
Kropotkine (Pedro de): 304
Lacerda (Dr. Aarão Ferreira de), Filho: 262-265
" " " " ", Pai, Professor: pp. 117, 118 e 119.

Leal (Apolinario José): 176-185 e 188.
Leitão (Antonio); advogado: 10
Leite (Fernando de Oliv.ª), alferes: 168 e 187.
" (M.el Rodrigues), capitão: 21, 45, 46 e 51.
Lemos (Alvaro Viana de): 226
" (Cosme de), alferes: 49 e 68
" (Dr. Eugenio de): 290
" (Dr. Maximiano de): 111-113.
Lima (Fleurip. Ferreira): 90
" (Jaime de Magalhães): 23-26
Lobo (Dr. Gumersindo da Costa): 226 e 256
" (Viriato Sertorio dos Santos) cap.ão: 75-76
Lopes (Bernardino Serra), cap.ão: 21, 45 e 46
" (Carlos de Alpoim Castro), alferes: 12, 20, 22, 26-27, 34-35, 50, 85, 110, 111, 118 e 119.
" (Fernão): 293
" (Pestana), major: 123 e 127.
Lucas (Adriano Viegas da Cunha): 249, 252, 253
" (Dr. Ant.º de Carvalho): 209
Machado (João Augusto): 213, 215 e 232
" (José de Simas), General: 197-203, 253-255 e 289.
Madahil (Ant.º Gomes da Rocha): 235.
Magalhães (Manuel Maia), major: 121.
Maia (Carlos da): cap.ão-mar-e-guerra: 196
Manso (Ant.º da Rocha) medico: 141.
Mantegaza (Paulo): 153 e 286
Martins (Luis de Carv.º), Cor.el: 174-175.
Mauricio (Dr. Domingos): vide Santos
May (Vicoso) c.el de Inf.ª: 176-185
Mendes (Alferes Rodrigues): 72
" (Joaq.im Gonçalves), cap.ão: 3 e 6
Meneses (Dr. João de): 303
Mesquita (Dr. Carlos de), Prof.or: 303
Miranda (Domingos de): 258, 273-274 (Secret.º do Cons.º de Arte)
Montaigne: 285.

Monteiro (Alberto dos S.tos Pereira): major: 157, 158, 165-167, 187-189, 203 e 204
Morais (Alexandre de): 15 e 16.
Mota (Luis José da): 162-164 e 176-185
Nazaré (José Ant.º de Sousa) medico: 214, 215 e 223
Neto (Coelho) brasileiro: 23 e 77.
" (Silvio Pélico de Oliv.ª): 224-225
Nobre (Antonio): 303
" (Ant.º Castilho): major aviador: 3, 4, 6-8 e 12
" (Carmine Rib.ro): ten.-cor.el: 197 e 201.
Noronha (Franc.º ? Maria do Carmo) alferes de Caval.ª: 74-75
" (Nuno M.ª do Carmo): 74.
Olavo (Americo): 289.
Oliveira (Franc.º Xavier de): 1.
" (Dr. Alberto de): 303
" (Alcide de), ten. c.el: 75-76
" (Camilo de), ten.te: 102-107
" (Eduardo da Cunha): 165-167, 170, 271.
" (Dr. João Duarte de) lente Univers.: 230-233 e 236
" (Dr. José Rodrigues de): 137-139 e 141
" (José Simões de), 1.º sarg.to: 265
" (Luis Alberto de): 133-138
" (Vicente Marques de), de Alqueru-bim: 28
Paço (Afonso do): 296
Pegrano (Manuel de Morais): 140
Pereira (Agostinho Seguro): 168 e 169
" (Dr. Alberto Dias): 218, 270 e 271
Peres (Dr. Damião): 295.
" (José Domingues) Cor.el: 11, 18, 19, 21, 25-26, 30-32, 76-79, 122, 123 e 125
Pessoa (Dr. Alberto Cupertino), Prof.or: 224, 255-256, 276 e 277.

Pestana {Hermenegildo dos Santos}: 57 e 73
Pimenta {Álvaro Xavier}: 114-116
" {Rafael}: 51 e 53
Pina {D. Manuel Correia de Bastos}: 219.
Pinheiro {João Luís Mendes}, Prof.or: 213 e 223
Pinto {Alberto de Moura}: 140, 154-156
" {Augusto Carv.º da Silva}, arquit.º: 213, 215, 223, 232, 251, 256, 258, 266, 268-270, 273 e 274.
" {Liberato}: 145-148
" {Luís Augusto Pimentel}, ministro: 205
" {Dr. Sulpício Pinto}: 146
Plínio, o Moço: 329.
Quaresma {José Virgolino Feio}: 60-63, 84-89, 102-105, 106, 107 e 113-114.
Queiroz {José M.ª Eça de}: 302
" {Tomé de Barros}: 191.
Quental {Antero de}: 309.
Ramos {Artur da Silva}: cor.el: 2
" {Gustavo Cordeiro}: 275.
Raposo {Hipólito}: 225.
" {Jorge}: 190
Rebordão {Luís Gonçalves}: 168
Refoios {Dr. Joaquim Aug.to de Sousa}: 247.
Rego {Dr. António da Silva} S.J.: 296 e 297.
Reis {José Mendes dos} Ten. cor.el: 31, 34, 44, 46-48, 50, 55-57, 62, 66, 67, 71, 77-90, 93, 95, 97, 98, 100-104, 107, 108, 113, 123 e 126
Remédios {Dr. Joaq.im Mendes dos}: 213, 215, 219, 223
Resende {André de}: 133
" {Garcia de}: 55
Ribeiro {João Pedro}: 309
" {Mário Sampaio}: 296
Rocha {Alferes} do G. Aux.ar de Artilharia: 17, 20, 32, 34, 35 e 39.
" {Alfredo Barata da}, médico: 93, 111, 112
Rodrigues {Dr. Ant.º Luís da Costa}: 155 e 226
Rolland {Romain}: 55

Salazar (Ant.º de Oliv.ª): 137 e 168
Sampaio (Dr. Forjaz de), Juiz Conselheiro: 266, 267-269.
Santa-Maria (Conde de): 54.
Santos (Ant.º Machado): 196
" (Dr. Domingos Mauricio Gomes dos) 296, 297-298
" (Dr. João Marques dos): 158
" (Julio Ribeiro dos), Lauzã: 52
Serra (Eduardo Mimoso), alferes: 73
" (Pinto): 156
Serrão (Dr. Joaq.ᵐ Verissimo): 295, 297 e 298
Silva (Albino Caetano da): 213-215, 234-235 e 246-247.
" (Frederico Lopes da) ten.ᵗᵉ: 168 e 187
" (Gil Aug.ᵗᵒ Domingues da), ten.ᵗᵉ: 170
" (Dr. Luciano Pereira da): 230 e 236
" (M.ᵉˡ Augusto Rodrigues da): 216, 217, 221, 224 e 227
" (2.º sarg.ᵗᵒ) do R. I. n.º 24: 51
Silveira (Alberto Carlos da), General: 191-196 e 203-205.
Smith, General inglês: 188.
Soares (Franc.º Maria), ten.ᵗᵉ: 21, 23-25, 33, 39, 44, 49, 60, 62, 64, 68, 69 e 71.
" (Napoleão), ten.ᵗᵉ: 41 e 75.
Socrates: 46
Sousa (Atilio Aug.ᵗᵒ Valdez de Passos e): 175
" (Ant.º Gomes de) ten. cor.ᵉˡ: 8
" (Cordeiro de Sousa): 296
" (Fr. Luis de Sousa: 243, 284-285.
Souto (Dr. Ant.º Meireles do): 292 e 296
Stendhal: 330
Subtil (M.ᵉˡ Lopes Duarte): cap.ᵃᵒ: 149.
Tavares (Vitorino Pereira) alferes: 28 e 44.
Teixeira (Dr. José Pedro): 116-117.
" (F. Costa-Alemão), ten.ᵗᵉ 117

Tolentino {Nicolau}: 69.
Torga {Miguel}: 293
Torres {Joaquim}: major: 160-161
Urbano {Abel Dias}, espec.to: 224, 225, 238-240, 247, 252-253.
Vale {Dr. Ant.o Malvado}, medico: 162
Valery {Paul}: 143.
Vallés {Jules}: 294.
Vasconcelos {Dr. Ant.o Garcia Ribeiro de}: 213, 215, 218, 223 e 304-305
" {Dr. Mario de}: 156
Vaz {Abel Reboxo}: alferes: 91 e 93
Verde {Cesario}: 99 e 237.
Verlaine {Paul}: 303.
Viegas {Dr. Luis dos Santos}: 264
Vieira {Dr. Eduardo da Silva}: 134-136
Vilarinho {Carlos Augusto}, 1.º ten.te: 100
Zarrith {João de Morais}: coronel: 146, 153, 159-160, 161, 163 e 165-167.

B)

Comuns:

Academia Portuguesa da Historia: 291-292 e 294 e seg.tes
Acção {A} da Cruz de Mouronços em 1828: 206 e 306-307
Albergaria-a-Nova: 10, 26, 28-30, 57, 58, 60, 67
Algumas horas na m.a livraria: 209
Alocução {A m.a} de entrada na Academia Portuguesa da Hist.a — 300 e seg.tes
Alquerubim: 28, 30 e 69.
Alto da Fôrca, em Coimbra: v. Coimbra
Anarquismo: 303
Angêja: 19, 28, 32, 33, 40-42, 44, 49, 57, 59, 70-72 e 101.
Ano de 1919: 1-164.

Ano de 1920: 165-185
" " 1921: 186-209.
Antuã (Ribeira de): 80, 81.
Arco de Almedina: ver Coimbra
Arouca (Mosteiro de): 265.
Arquivo Histórico Militar: 70, 71, 90 e 207
Arquivos de Hist.ª da Medicina Portuguesa: do Porto: 112-113.
Arte e Arqueologia: 259, 260, 261 e 278
Aveiro: 9, 18, 19, 22, 30, 94-98, 131 e 211.
Azurva, conc.º de Aveiro: 44.
Barbauçonne (La): 109
Beira Alta: 57, 114 e 115.
Bolchevismo: 149 e 150
Buçaco: 151
Burocracia nos Ministérios: 243-244.
Cacia, conc.º de Aveiro: 28, 32, 33, 40, 41, 45, 50.
Café restaurante de S.ta Cruz: ver Coimbra.
Caldelas: 151
Camara corporativa: 146
Campelo (Freg.ª de): 190
Campinos de Salreu, Estarreja: 88
Cancioneiro Geral: ver Resende (Garcia de)
Canelas, distrito de Aveiro: 44 e 88.
Cantanhede: 140
Capela do Tesoureiro, em S. Domingos: ver Coimbra
Capital (A) Federal: ver Coelho Neto
Caramulo, serra: 151
Cartas do Infante D. Pedro á Câmara de Coimbra: 298
Casa bancaria Pinto & Soto Maior, Agencia em Coimbra: 238
Casal Novo, Condeixa: 169.
Castanheira de Pêra: 190
Castelo-Branco: 143, 211
Ceia dos Cardeais: 190

Ceia dos Generais: 190
Chancelaria das Ordens militares: 203
Chaves: 117.
Círios armados de Aveiro: 27, 32, 38-39, 51, 52 e 53.
Coimbra: Alto da forca: 2, 3 e 4
" : Arco de Almedina: 238-241
" : Avenida do Dr. João das Regras: 144
" : Café-restaurante S.ta Cruz: 248-253
" : Calçada de S.ta Isabel: 144
" : Capela do Tesoureiro: 225 e 265.
" : Cemitério da Conchada: 2-4 e 6
" : Couraça de Lisboa: 144
" : Estação-velha: 13 e 15.
" : Grupo dos Amigos do Museu Machado de Castro: ver Grupo.
" Grupo dos Amigos do Parque de S.ta Cruz: 234-235
" : Hospital Militar: 158 e 159.
" : Igreja de S.ta Clara-a-Nova: 237-38
" : " " " -a-Velha: 254-255
" : " " Santa-Cruz: 241 e 248
" : " " S. Bento: 218, 266, 269, 270-72
" : " " S. João das Donas: 248-250
" : " " " " de Almedina: 219, 235.
" : Imprensa: 221, 222, 236-37, 249-52, 279
" : Instituto (O) de Coimbra: 226
" : Junta da freguesia de S.ta Cruz: 272, 273 e 276
" : Mercado D. Pedro V: 178 e 181
" : Mondego: 153
" : Museu das Pratas (ou Arte Sacra): 219, 226, 228, 235, 254 e 265
" : " de Ourivesaria, Tecidos e Bordados: ver das Pratas
" : " Machado de Castro: ver Museu

Coimbra: Museu de S.ta Cruz: 272, 273 e 276
" : Opinião publica: 249 e 250
" : Paço do Bispo: 216 e 217.
" : Palacio da Justiça: 259, 266 e 267.
" : Ponte de Aguas de Maia: 3
" : Quartel da rua de Sofia: 7 e 8
" : Quinta de Santa Cruz: 218, 221, 222, 225-226 e 229-234.
" : Rua do Corpo de Deus: 205.
" : " de Ferreira Borges: 91
" : Tesouro da Sé: ver Museu das Pratas, supra
" : Universidade, generalid.es: 214
Comenda da Ordem de Cristo: 203-205.
Comercio (O) da Lousã: 52
Comissario de Policia de Aveiro, em 1919: 30
Companhia de Jesus: 196 e 244.
Complexo de inferiorid.e, milit.: 306
Condeixa-a-Nova: 169 e 189.
Conimbricense (O): 205 e 208
Conselho de Arte e Arqueologia, de Coimbra: 202 e capitulos VII e VIII.
Convento de S.ra da Conceição de Tentugal: 215
Corpo Expedicionario Português: 64.
Cronica de D. Fernando, de Fernão Lopes: 293
" Geral de Espanha, de 1344: 1
Cruz de Mourouços (aldeia da): 306
" " " (Combate da): 306-307.
Curso de Metralhadoras pesadas, 1921: 187-89.
Destacamento n.º 1 ou de Albergaria: 72-73
" n.º 2 ou de Aveiro: 71
Dezanove de Outubro de 1921: 196 rep.tes
Diario (O meu): 282-285 e 288-293
" de Miguel Torga: 293
" da Junta Governativa em 1919: 121-122
" do Governo: 211 e 215
Dicionario Bibliografi.o Militar: 207

Duchesse (La) Bleue, de P. Bourget: 110
Duelo Jaime Baptista - Quaresma; 101 reg.tes
" Oliveira Gomes - Apolinario José Leal: 175-185 e 188.
Eirol, conc.º de Aveiro: 29, 30, 69-71.
Eixo, idem: 19, 20, 44.
Eleições de 1919: 155-156
Elogio da Velhice: ver Mantegazza.
Encorporação de recrutas de 1919-1920: 161-162
Escola Pratica de Infant.ª: 160, 187-188
Esgueira (Aveiro): 19, 22, 26-30 e 38.
Espinho (Praia): 98 e cap. III.
Estarreja: 28, 33, 72, 79-81, 95 e 96.
Evolução do culto de D. Isabel de Aragão, do Dr. Ant.º de Vasconcelos: 304.
Exercicios de Destacam.to mixto: 289.
Fables de Florian: ver Florian
Feira (Castelo da): 221.
Fermelã, conc.º de Estarreja: 72, 79 e 95.
Figueiró dos Vinhos: 190
Flandres (As trincheiras da): 34, 66 e 148
Franquismo: 205
Frossos (Aveiro): 57.
Generalato (O meu exame p.ª o): 173
Geração de 90: 302
" republicana de 90: 302
Gois (Igreja matriz de): 221.
Gouveia: 190
Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira: 251
Gréve dos Cam.os de Ferro em 1920: 174-175.
Grupo (2.º) de Administração Militar: 8
" de Artelharia em S.ta Clara: 5
" " Metralhadoras n.º 5: 145, 146, 165, 167 e 189
" dos Amigos do Museu Machado de Castro: 227-229.

Grupo dos Amigos do Parque de S.ta Cruz: 234-235.
Guarda: 211.
" Nacional Republicana: 127
" Real do Porto: 64-65
Guerra Peninsular: 295.
Homenagem a Ant.º Aug.to Gonçalves, 1 vol.e: 233-234
Hospital militar de Aveiro: 89 e 93
Igreja de S.ta Clara, a Nova: ver Coimbra
" " " , a Velha: " "
" " Santa Cruz: ver Coimbra.
" " S. Bento: ver Coimbra.
" " S. João das Donas: ver Coimbra.
" " " de Almedina: ver Coimbra.
Ilustração Portuguesa, de Lx.a: 51 e 53
Imprensa de Coimbra: ver Coimbra.
Instituto (O) de Coimbra: Idem.
" de Teologia Pastoral da Rainha Dona Catarina: 295 e 297.
Jean Christophe: ver Rolland
Junta da freguesia de S.ta Cruz: ver Coimbra.
" Geral do Distrito de Coimbra: Idem.
Juntas militares do Norte (1918-1919): 165
Lamego: 11.
Lampadário na Batalha: 189-190 e 289.
Lei dos três estados: 120
Leiria: 131 e 211.
" (O castelo de): 221.
Lelo (Livraria), do Porto: 23 e 150
Lemos (Túmulos da família), na Trofa: 265
Liberalismo: 171
Livro (O) de Cesário Verde: ver Verde
Loure, aldeia de: 50, 51, 55-58 e 69.
Louriçal do Campo (Convento do), conc.º de Pombal: 215.
Louzã: 52

Maio (Vinte e oito de): 289.
Manhã (A), Diario republicano de Lx.ª: 50 e 52
Marinheiros (Contingente de), em 1919: 34, 38, 41, 49 e 69.
Massena (A retirada de) em 1811: 169.
Mêdo: 4, 5, 34-37.
Memorias (As minhas): 282-283 e 292.
" da vida de José Liberato Freire de Carvalho: 210
Mertola: 189.
Miranda do Corvo: 190
" " " (Monografia de): 308
Monarquia (A) do Norte, em 1919: cap.º I e II.
" Lusitana, Ed.ª da Academia: 184.
Monje de Cister: ver Herculano
Motim Literario, de Mourão Ferreira: ver Mourão Ferreira.
Museu das Pratas: ver Coimbra
" de Machado de Castro: ver Coimbra e 214, 216-218, 220, 261 e 278.
" de Ourivesaria, Tecidos e Bordados: ver Coimbra: museu das Pratas.
" de S.ta Cruz: ver Coimbra
Notas bibliograficas p.ª a Revista Militar: 289-90
Oleiros de Miranda do Corvo: 261
Oliveira do Hospital: 140 e 194.
Opinião publica em Coimbra: ver Coimbra
Ordem Militar de Aviz: 185.
" " " Cristo: ver Comenda
" " da Torre e Espada: 126
Ovar: 21, 96-98, 125, 131 e 176
Palacio da Justiça em Coimbra: ver Coimbra
Parada de Cunhos, combate em 1919, Traz-os-Montes: 117.
Partido evolucionista: 195.
" Liberal: 192, 193 e 195
" Unionista: 138, 140, 141, 155-156 e 195.

Picôto de Gois: 151
Política, generalidades: 15
Ponte de Água de Maias: ver Coimbra
" da Plata, sobre o Vouga: 29, 30, 69.
" de S.ta Maria de Alcoutim: 54
" " S. João de Loure: 31 e 44.
" do caminho de ferro em Cacia, sobre o Vouga: 26-27, 29, 32, 33, 39, 48 e 50
" de madeira, em Cacia, sobre o Vouga: 25, 27, 32, 41-47, 49-54.
Porto: 52, 54, 96, 98, 112-132 e 150
" de Baixo, Albergaria?-83.
Povo (O) da Louzã: 290
Presidencia (A minha) no Conselho de Arte e Arqueologia: 255 e seg.tes
Quartel da rua de Sofia, Coimbra: 7.
Questão dos milicianos, em 1921: 191-196
Quinta da Paz, Mafra: 187.
" de S.ta Cruz, Coimbra: ver Coimbra
Rebelion (La) de las masas: ver Gasset.
Redinha (Igreja da): 220
Regimento de Artelharia da Figueira: 17 e 32
" de Cavalaria n.º 8: 47.
" " Infantaria n.º 2: 44.
" " " n.º 5: 7, 44, 57, 60, 123
" " " n.º 7: 71-72
" " " n.º 13: 205
" " " n.º 18: 49 e 127
" " " n.º 23: 17, 19, 32, 61, 71, 97, 147, 159-62, 165
" " " n.º 24: 18-21, 26, 29, 32, 71 e 125
" " " n.º 28: 19 e 57.
" " " n.º 35: 29, 57, 96, 144 e 148
" " " de Reserva n.º 35: 145 e 146

Relatorio das operações contra os Monarquicos, em 1919 : 123 e segtes
Reunião do Curso no Buçaco, em 1927 : 15
Revista Militar : 290 e 307.
Revolta de 12 de Outubro de 1918 : 9 e 62
Ribeira de Santarem : 14
Salreu : 38, 72, 73, 79, 81, 84-89, 91 e 92.
Santarem (Revolta de) em 1919 : 12
São João de Loure : 30.
" Vicente da Beira : 225
Sargentos : 166-167.
Século (O), de Lxa : 51.
Seia : 190 e 194
Senhora da Piedade, de Táboas, Miranda : 151
Serra da Estrela : 190 e 194.
" de Miranda : 151.
Soleceira, Albergaria : 72, 82 e 83
Soldado desconhecido (Cerimonias em honra do) : 188.
Santelo do Salreu : 85 e 88
Superintendente Geral nos transportes da 5ª Divisão do Ex.to : 174-175.
Tentugal : 215.
Tesouro da Sé : ver Coimbra
Trento (Concilio de) : 295.
Trofa (Igreja da), Águeda : 265.
Trophées (Les), de Heredia : 287.
Trovim (Alto do), serra da Louzã : 151, 190
Velharias, cronicas para o Jornal da Louzã : 290
Velhice : 153-154
Vida do Infante D. Duarte, de André de Resende : ver Resende
Vila Nova de Gaia : 108 segtes
" " " Santo André, conc.º de Miranda do Corvo : 151
" Real de Trás-os-Montes : 205.

Vizeu: 11 e 211.
Voluntarios civis: ver Civis
Vouga (Rio): cap. I, todo

Aditamento:

Dias (Prof.or José Pereira): 214

Apostilas finais:

«... que são ou podem ser as Memorias da vida de um homem? São recordações que nem sempre se apresentam ao bico da pena.»

Memorias da vida de José Liberato Freire de Carvalho — pag. 423.

«Não obrei, pois, acção que mereça ser escrita nem escrevi relações ou fiz discursos q. mereçam ser lidos que é, como diz o discreto Plinio, a ultima desgraça de um vivente...»

José da Cunha Brochado: Cartas, pag. 148-149 (Ed. Sá da Costa).

«Qu'ai-je fait ici-bas? J'étais fait pour vivre et je meurs sans avoir vécu.»

J. J. Rousseau: Rêveries d'un promeneur solitaire, 2.me Promenade, p. 32

«Grand faveur pour l'homme de naître dans une de ces époques de renovation de la pensée humaine.»

Ed. Quinet: L'esprit nouveau, 3.me éd. pag. 344.

«Quel homme suis-je? En verité, dit-il, je n'en sais rien.»

Stendhal: Souvenirs d'égotisme, pag. 2

«As minhas ideias eram, entretanto, uma mistura e uma confusão; havia de tudo no meu espírito.»

Joaquim Nabuco: Minha formação, cap. I, pp. 4.

«... j'ai reculé devant les impudeurs de la réclame ...»

Paul Bourget: La Duchesse Bleue, a pag. 121.

«Eliminei o Divino porque era divino e eu sou humano.»

Miguel Torga: Diario, vol. IV, pp 136

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Ou ainda...

«L'homme qui a le temps d'écrire un journal intime, nous paraît ne pas avoir suffisamment compris combien le monde est vaste.»

Ern. Renan: *Feuilles detachées*, 9me édit., pag. 358.

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

3